REVISTA DA SEMANA

9 de Maio de 1953 — Cr$ 4,00 em todo o Brasil



O CINERAMA
É A REVOLUÇÃO
NO CINEMA

•

FOGO E SANGUE
NA ARGENTINA

•

NUM PURGATÓRIO
DE PERGUNTAS

•

NO REINADO
DO JÔGO

GANHE CR$ 200.000,00 DE PRÊMIOS!

Televisão, geladeiras, bicicletas motorizadas, patins, terreno, enceradeiras, serviço de café, máquina de escrever, máquina de costura, liquidificador e muitas outras coisas úteis.



Conheça o Brasil: recorte da REVISTA DA SEMANA e colecione lindas gravuras coloridas, de valor histórico e geográfico com ótimo texto educativo.

no

Álbum Revista da Semana



ATENÇÃO

As figuras coloridas, que deverão ser recortadas da «Revista da Semana» e colocadas no «Álbum», começaram a ser publicadas na «Revista da Semana» n.º 12, de 21 de março de 1953. Números atrasados da «Revista», bem como o «Álbum», são encontrados em todos os jornaleiros do Brasil.

Pedidos à Redação: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa — Rio.

●

Realização da BRAZILIA TURISTICA E COMERCIAL S. A. - Visc. de Inhaúma, 134 - Rio





Elevação da hóstia consagrada na missa maronita, e, na outra foto, um exemplar dos evangelhos em aramaico, que era a língua de Jesus Cristo.

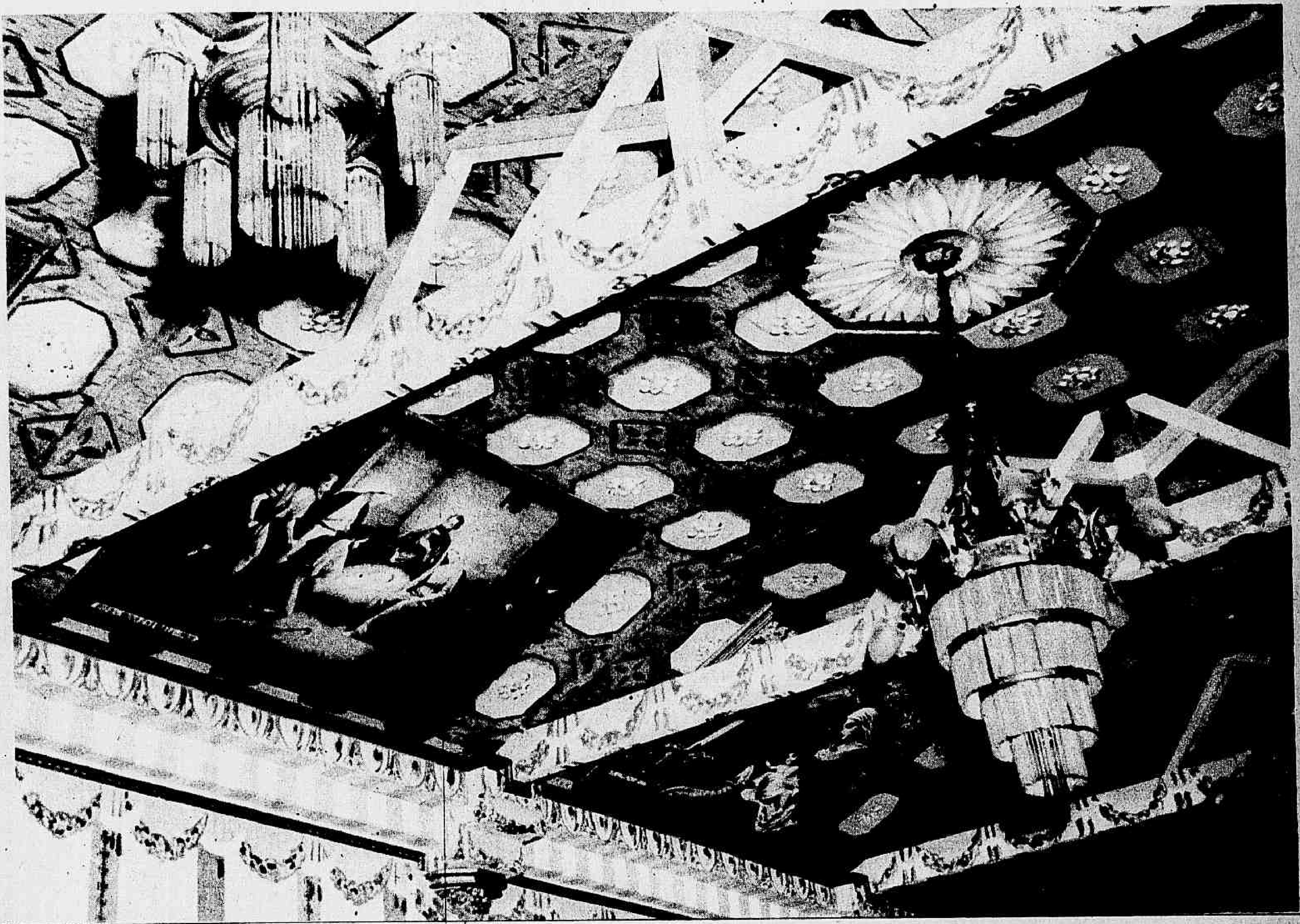
O CARDEAL D. JAIME CÂMARA E OS CATÓLICOS ORIENTAIS ★ RITOS DA IGREJA CATÓLICA NO ORIENTE E NO OCIDENTE ★ O 1.º ORDINARIATO DE RITO ORIENTAL E OS TRÊS VIGÁRIOS GERAIS ORTODOXOS ★ O PADRE ELIAS E A PASTORAL ★ CASAMENTO, CELIBATO E DIVÓRCIO

Texto de LEONEL C. FERREIRA

Fotos de ARNALDO VIEIRA

O REBANHO DE UM SÓ PASTOR

Imagem de N. S. do Líbano, padroeira da missão libanesa no Brasil e que dá grande magnitude ao templo.



Magnífico detalhe do teto do templo maronita, vendo-se dois belos quadros representando fases da vida de Cristo na primeira infância.

O Cardeal D. Jaime de Barros Câmara, Arcebispo Metropolitano do Rio de Janeiro, publicou uma Pastoral aos católicos do Oriente no Brasil. Encíclica ou Pastoral é o nome oficialmente dado a todo documento eclesiástico, através do qual a hierarquia católica se dirige aos súditos cristãos. O documento do cardeal brasileiro teve magnífica repercussão, pois se trata do primeiro cardeal, de rito latino, no mundo inteiro, a tomar semelhante atitude para com os católicos de rito oriental. A Pastoral foi um brado de carinho e de solicitude ao congraça-
mento mais íntimo entre os fiéis do Ocidente com os fiéis do Oriente.

A respeito do importante acontecimento, tivemos a oportunidade de ouvir o chefe espiritual da maior comunidade de católicos orientais no Brasil, o revdo. pe. Elias Gorayeb. Rumamos para a Missão Libanesa, à rua Conde de Bonfim, 638 — onde fomos recebidos pelo Superior da Missão e Vigário Geral dos maronitas no Brasil.

Após ligeiros cumprimentos, Padre Elias foi nos adiantando para tranqüilidade nossa: "Sou um homem da imprensa". Imediatamente declinou-nos a sua identidade jornalística: "Tenho carteira de sócio remido da ABI e faço parte da Associação da Imprensa Argentina". E o velho missionário sorriu amàvelmente. Tudo azul. Estávamos em família.

O Padre Elias Maria Gorayeb é uma singular figura de missionário. Fala o português com sotaque de castelhano. Há mais de vinte anos reside em terras do Brasil. Seu apostolado tem sido longo e fecundo. Andou por terras do Oriente, Europa e das Américas como missionário. Êsse filho do Líbano é um devotado à causa do Evangelho. Fêz-se padre, pedagogo, sociólogo e escritor. Amigo do Brasil apaixonou-se pela sua história. Uma de suas obras, ainda em manuscrito, é precisamente: "A Amazônia pré-histórica", em que faz um precioso estudo sôbre a influência oriental no grande vale do setentrião brasileiro.

A nossa palestra transcorria animada, repórter, entrevistado e fotógrafo numa íntima camaradagem; é que, às vêzes, sem ser comunista, pode um reverendo ser camarada... Padre Elias ainda nos mostrou as plantas e projetos da Missão. E num gesto largo, apontou para a parede. Era um quadro histórico. Uma fotografia do então Cardeal Pacceli, hoje Pio XII, quando de sua passagem pelo Rio, ladeado pelo sr. Getúlio Vargas, o Cardeal Leme, de saudosa memória, o ex-Núncio Apostólico, d. Aluísio Mazzela e por êle, Padre Elias. A esta altura estava objetivada a nossa visita. Colhêr detalhes para esclarecer a opinião católica dos brasileiros sôbre a Pastoral do Cardeal Câmara. Ali na Missão Maronita, de rito oriental, ficamos a par da grande significação da Carta Encíclica do Metropolitano do Rio de Janeiro.



O ritual religioso dos maronitas é o mesmo dos padres católicos romanos.

Uma cena do Calvário, após a descida de Cristo do pesado madeiro.

— Os srs. vão assistir uma missa em rito maronita, disse o Padre Elias, convidando-nos para ir à capela. Estando a sede da Missão ainda em construção, tudo ali é provisório. Ao lado do casarão fica a capela. Igual às capelas de rito latino. A decoração interna é notável. São quadros da vida de Cristo, desde o berço ao Calvário.

O Padre Elias foi ao altar com todos os paramentos litúrgicos celebrar a missa em rito maronita. Acolitado por quatro coroinhas, deu começo à função. Convém notar que, o livro de missa, não é escrito em latim. E' escrito em aramaico, que foi a língua falada pelo Cristo. As cerimônias são parecidas com as de rito romano. Varia na leitura do Evangelho que, em lugar de ser feita no altar, é na estante, de lado. Depois da consagração segue-se a bênção. E vem a comunhão. O cerimonial maronita, explicou-nos Padre Elias, é bem diverso do latino, quando em missa solene.

UM ALMÔÇO E UM MENU ORIENTAL

O padre jornalista terminara de posar para a objetiva da REVISTA DA SEMANA. Meio-dia. Antes de prosseguir na reportagem tivemos que fazer uma pausa. Era a hora do almôço. Então, pela primeira vez, saboreamos a famosa cozinha oriental. A especialidade dos quitutes consiste na arrumação dos pratos. Pouca diferença há do cardápio brasileiro. Em abóboras recheadas vem o arroz para a mesa. Os vegetais substituem a plebéia feijoada. O condimento meio picante é suavizado pelo vinagre e pelo fino óleo lusitano. E para regalo do estômago não faltou no menu oriental a faixa-azul geladinha. Houve uma particularidade interessante. Em lugar das orações em latim, dos frades romanos, rezam, os padres maronitas, antes e depois da refeição, uma curta oração em português, terminando com um Padre-Nosso e uma Ave-Maria, também em vernáculo. Findo o almôço, em companhia do Padre Elias visitamos as obras da construção. Atualmente, na Missão funcionam diversos cursos. O projeto da Igreja, que está sendo construída, é de um ex-aluno. Depois de concluída, começarão a se erguer as duas alamedas do futuro edifício de cinco andares, da Missão, onde funcionará um moderníssimo colégio.

Novamente no gabinete do Padre Elias reencetamos o "tête-a-tête". Inicialmente, esclareceu o Superior da Missão Libanesa: — "Há uma verdadeira confusão no assunto. Mistura-se, com facilidade e por ignorância, a noção de seita, cisma e ritos. Por isso convém dar uma idéia clara para melhor se apreciar a importância da Pastoral. Acho que os srs. da REVISTA DA SEMANA vão prestar um grande benefício aos católicos com esta reportagem.

RITOS CATÓLICOS DO ORIENTE E RITOS CATÓLICOS DO OCIDENTE

De início, perguntamos o que são ritos e quais os mais importantes. Padre Elias foi nos dizendo com voz lenta e distinta: — "Não se entende por rito uma religião nem nacionalidade, podendo na mesma religião e nacionalidade existir vários ritos diferentes uns dos outros. Entende-se por rito, o conjunto de cerimônias ou costumes usados na celebração dos sacramentos e dos atos religiosos. Os ritos na Igreja Católica se dividem em duas partes: ritos orientais e ritos ocidentais ou latinos. Na igreja latina — continuou o Padre Elias — existem vários ritos, isto é, vários modos de celebrar a missa e administrar os sacramentos. Há por exemplo, o rito dominicano, o carmelita e o ambrosiano — para citar os mais importantes. Todos são latinos, porém cada um celebra missa diferente do outro.

— E no Oriente, padre, quais são os ritos mais importantes?

— No Oriente — retrucou o Padre Elias — berço da humanidade, do Cristianismo e da Religião Católica, existem, também, diferentes ritos: rito grego (mais conhecido por melquista ou bizantino), rito armênio, rito siríaco (ou caldaico), rito copto, rito malabar e o rito maronita. Não perdendo o fio da meada, rematou o reverendo: êste último é o rito mais seguido e aquêle que mais conserva as tradições mais antigas da Igreja Católica, cuja liturgia remonta a Santiago, Apóstolo, e Primeiro Bispo de Jerusalém. O idioma que usa em seu ritual é o idioma de Cristo: o aramaico. Êsses ritos são próprios das nações do Oriente Próximo. Porém há outros ritos orientais que estão bastante difundidos no continente europeu. Os mais conhecidos ritos orientais da Europa são: o rito greco-russo, o rumeno e o ucraniano. À exceção do rito maronita, todos os demais ritos orientais estão em parte ligados, em parte separados de Roma.

Prosseguindo em sua exposição, o Padre Elias veio de encontro a duas perguntas minhas: sôbre a origem e sôbre a unificação dos ritos católicos.

Os ritos se originaram nos tempos primitivos da Igreja. Foram seus fundadores os próprios apóstolos, seguidos depois pelos missionários. Recolhiam os costumes de cada povo, corrigindo-os e adaptando-os às cerimônias cristãs. Desta maneira estabeleciam nvos ritos de acôrdo com as várias regiões que iam conquistando para a Fé.

A IGREJA DE ROMA

Vários motivos levaram a Santa Sé a aprovar e exigir a conservação do ritual católico do Oriente. E Padre Elias passa a enumerá-los:

— A Igreja nunca desejou fundir os ritos porque a sua diversidade dá-lhe um encanto particular; unidos como estão pelo mesmo dogma, são uma prova da universalidade da mesma Igreja. Porque os ritos orientais conservam tradições da Igreja primitiva. São prova de sua apostolicidade. Significam que, sendo a Igreja universal, não se apega a costumes peculiares a cada povo, mas os aceita na comunhão da mesma fé. Finalmente, a Igreja os aprova e recomenda porque na conservação dos ritos orientais, espera obter a conversão dos separados de cada rito.

— E o que pensa o senhor da Pastoral e qual a sua importância?

— Considero-a, atalhou o Padre Elias, uma inspiração divina. Veio ao encontro de uma antiga aspiração da Santa Sé. Os católicos orientais que emigram para a América são em grande número. A falta de clero oriental e a falta de compreensão de seus ritos, dificultavam a realização de uma melhor aproximação com os fiéis de rito ocidental. O que a Santa Sé pensava fazer, fê-lo D. Jaime com a sua magnífica Pastoral.

Organizou a vida dos católicos orientais no Brasil. E o Brasil é o primeiro país do mundo a estabelecer o primeiro Ordinariato (bispado) oriental. Assim sendo, é Sua Eminência, o Cardeal D. Jaime Câmara, Arcebispo da Igreja Romana, é o

(Cont. na pág. 42)



O pe. Elias mostrando o croquis da sede da futura missão marroquina.

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ N.º 19 ★ 9-5-53

SUMÁRIO

Rebanho de um só pastor 3/ 6
Cinerama — revolução do cinema 15/17
A tragédia de Oradour 20/22
Num purgatório de perguntas 23/25
Jean Renoir fala sôbre Rio Sagrado 26/29
Fogo e sangue na Argentina 31/34
No reinado do jôgo 51/53

★

Morte de um poeta 7
Pânico na família (conto) 11
A Bem-Amada (romance) 12/13
Pedro e a estátua ....)........... 14
Semana literária 35

★

A semana em revista 9
A personagem da semana 10
A Revista há 50 anos 10
Semana astrológica 18
Janela sôbre o mundo 18/19
Puxe pelo cérebro 19
Conta-me teus sonhos 22
De cinema 36
Correio da Revista 38
Arabelle (folhetim) 39
Passatempo 41
Último flash 54

★

Tailleurs para 1953 .... 43/44
Week-end na cozinha 46
A embaixatriz 47
Sugestões para o lar 47

★

CAPA

Elizabeth Taylor e seu filho Mike (M.G.M.)

★

Diretor: GRATULIANO BRITO — Assistente: RENATO DE ALENCAR — Paginação: VICTOR TAPAJÓS — Desenhos: ALBERTO LIMA — Publicidade: J. M. COSTA JÚNIOR.

★

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e de Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933. — Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA — Rua Viscode de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro.

★

REPRESENTANTES

Nos Estados Unidos da América do Norte: Dulce Damasceno de Brito, 1818 N. Whitley Ave., apto. 202, Hollywood 28, California. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, C. Posta, 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires.

Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. Êste número tem 52 páginas.

TELEFONES

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ...... Cr$ 200,00
Seis meses .... Cr$ 100,00
Registrada — Um ano .... Cr$ 230,00
Seis meses .... Cr$ 120,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

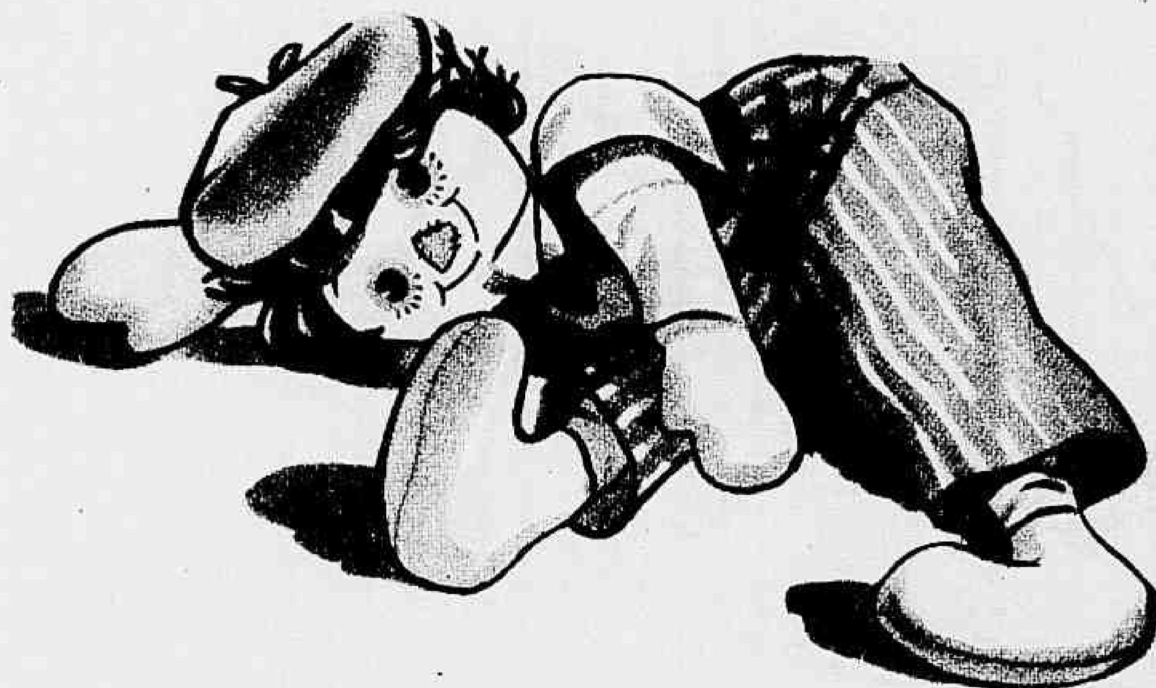
Registrada — Um ano .... Cr$ 350,00
Seis meses .... Cr$ 180,00

O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50

EM SÃO PAULO

Distribuição e venda: A. Zambardino, Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569. Publicidade: J. Gomes Bastos, Rua Barão de Itapetininga n. 224, 6.º andar, Sala 60.

Morte de um poeta



A notícia deve ter passado despercebida, entre os heróicos telegramas que nos contam as últimas e mais graves misérias dêste mundo de meu Deus. Entretanto, também a morte dêste jovem poeta é uma das grandes misérias de nosso tempo. À parte a dor que nos causa, ela pode contar muito da pobre mocidade que por aí floresce, às vêzes em flores de sangue e de luto, como a dêste poeta infeliz. A notícia é esta: o poeta Michel Thierry se matou com um tiro de revólver. Parece simples. Entretanto, mesmo simples, é uma frase dramática, das mais tristes que podemos ler, porque a morte de um poeta é a mais triste das mortes.

Michel Thierry: um pseudônimo. Filho do poeta Paul Géraldy e da cantora Germaine Lubin, ao sentir sua vocação, mudou o nome, para não passar a viver da glória paterna. O nome de Géraldy se tornara prestigioso no mundo inteiro e Claude cuidou que isso, dando-lhe tôdas as facilidades, não satisfaria seu orgulho, não deixaria que tivesse o sentimento de seu próprio valor. Foi com êsse pseudônimo que Claude Géraldy procurou abrir caminho, entre duas guerras, na idade mais aflitiva da Europa. E aquêle menininho louro, fruto de um romance de amor que ecoou em todos os corações, pelo mundo inteiro, nas páginas enternecidas de "Toi et Moi" — talvez o livro mais traduzido da literatura francesa e, por certo, um dos poemas mais lidos de sempre — em plena adolescência amargou os mais trágicos instantes dêste meio século.

● **Quem conhece o conto infantil que Paul Géraldy escreveu, "Clindindin", pode medir melhor a extensão do drama de Michel Thierry. Êsse livro é uma evocação da linda criança que foi Claude, quem, por um capricho da natureza, herdara o talento poético do pai e a formosura extraordinária de Germaine Lubin, ainda hoje uma bela mulher. Era um príncipe de contos de fadas, adorado pelos pais felizes. Nas páginas de "Clindindin", sentimos a ternura que o envolveu, no ambiente macio e alegre em que foi crescendo, amparado no amor dos pais, entre soldadinho de chumbo e o ursinho Chonchon. Estava preparado para tôdas as venturas, se vivêssemos em outro tempo.**

Depois, tornando-se rapaz, foi o choque, mais tremendo ainda, diante de sua natureza sensível, delicada, cercada de mimos e de afetos. A vida começou a ser real, para êsse romântico exasperado, com o santo horror de tôda fealdade. Contou-nos Paul Géraldy, as palavras do filho, quando lhe deu a ler um poema de desconsôlo que terminava por êstes versos:

**"Seigneur? Ah! sauvez-nous de l'amour [impossible
et de la déserte amitié!"**

O comentário de Claude, a êsses versos, foi um pedido ao pai:

— Não nos desgosteis da vida...

● Clindindin que transformara seu ursinho Chonchon em um ser vivo, a tal ponto que sofreu seu maior sofrimento quando o pai lhe provou que Chonchon era um simples ursinho de pelúcia, cheio de serragem, conservou-se por tôda a vida fiel aos seus sonhos, acreditando, mesmo no contraste violento da vida em redor, nas sublimes criações de sua fantasia, como acreditara, na infância que Chonchon era um ser real... Êsse doce Clindindin preferiu sempre acreditar em um pobre ursinho de pelúcia, seu companheiro de todos os momentos, nos primeiros anos, preferiu acreditar mais nêle, do que na vida... E a vida se encarregou de provar-lhe que os ursinhos de pelúcia não existem, são simples brinquedos com que os rapazes não podem mais brincar...

E Claude, Michel Thierry, seu nome de poesia, um nome que êle criou também, como outrora criara o destino animado de Chonchon, viu ainda que outros sonhos seus não existiam, como seu sonho de amor, a mulher ideal que imaginara um dia encontrar e que era, como o ursinho de sua meninice, simples fantasia de seu belo coração, rico de afetos generosos... Clindindin chorou o perecimento de seu companheiro de ilusão... Michel Thierry, desesperado, vendo romper-se à sua volta, em trapos e serragem, todos os ursinhos de pelúcia que criara para a sua vida — matou-se.

EDMUNDO LYS

Sempre melhorando...

a BANDEIRANTES anuncia:

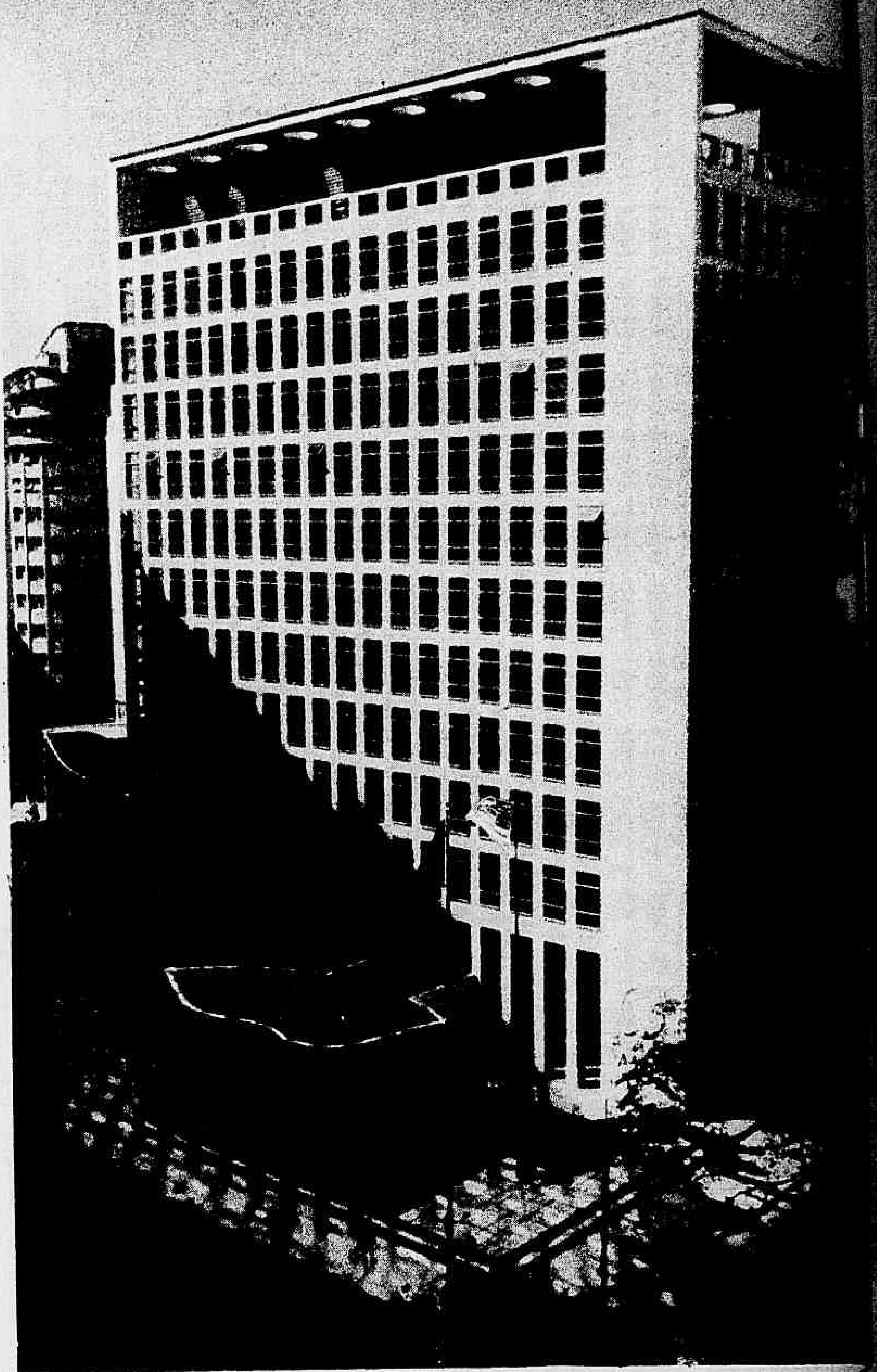


RÁDIO BANDEIRANTES



– a mais popular emissora paulista





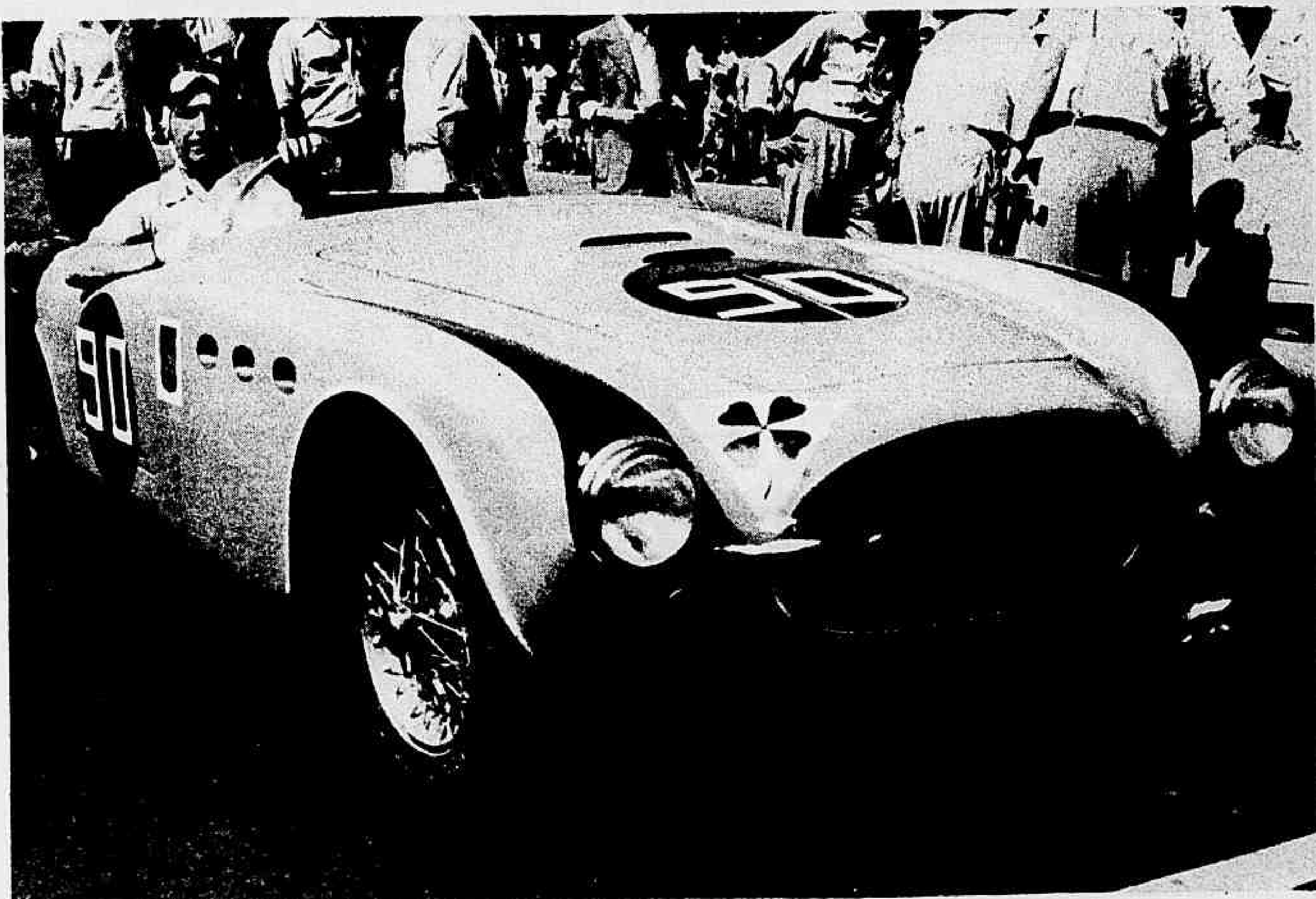


CONTA O RIO com mais um belo edifício em sua paisagem arquitetônica: o da Embaixada Americana, recém-inaugurado, no cruzamento da Avenida Presidente Wilson com a rua México. O ato, que se revestiu de solenidade, contou com a presença do Sr. Presidente da República, que inaugurou a nova sede da Embaixada do grande país amigo. Numa das fotos que aqui estampamos, vêem-se ainda, o Sr. Embaixador dos Estados Unidos, Srs. Café Filho e Nereu Ramos, no momento em que o Sr. Getúlio Vargas desfazia o laço da fita que vedava o ingresso ao suntuoso edifício dando-o por inaugurado. A nova sede da Embaixada é, dotada dos mais modernos requisitos de confôrto e concentra tôda a representação diplomática daquele país.

A SEMANA EM REVISTA

A 21 DE ABRIL ÚLTIMO, vieram de Assunção, capital do Paraguai, notícias do falecimento do general Brasiliano Americano Freire, nosso embaixador ali, em circunstâncias surpreendentes. Na madrugada daquele dia os filhos do embaixador pressentiram um estranho no andar superior da residência do general, tendo o seu filho, Sr. José Maurício, secretário do embaixador, agarrado o ladrão. A êsse tempo, despertando, o general ajudava a deter o gatuno enquanto não chegava a polícia; mas, sentindo-se mal, veio a falecer naqueles mesmos instantes, vítima de um colapso. O ladrão aproveitou-se da confusão e procurou fugir, sendo perseguido por um funcionário da Embaixada, que o prostrou a tiros, isto depois de lutar bastante.

★



VASCO SAMEIRO, volante português, conquistou o primeiro lugar na prova «Circuito do Maracanã», realizada a 21 de abril dêste ano, com uma «Ferrari» da categoria de carros de corrida, com capacidade para desenvolver duzentos e quarenta quilômetros. A prova é de mil e setecentos metros, e foi disputada por quatro corredores, cabendo a vitória ao volante lusitano que, com sua possante máquina, teve garantido o triunfo. Coube o segundo lugar ao seu colega de esporte, Henrique Cassini. Na foto, o vencedor, já pronto para a largada, aguardava o sinal da partida. Nestes últimos anos muito se vem desenvolvendo êsse esporte no Rio, atraindo para o Brasil as atenções do mundo.

Verdadeiros Venenos!

Uma verdade que todos os médicos conhecem e confirmam: Dentro do estômago e intestinos há sempre impurezas e substâncias infectadas, muitas vezes das mais perigosas, verdadeiros venenos, produzidos pelas fermentações tóxicas internas, que pouco a pouco invadem o sangue e prejudicam todo o organismo, causando pêso e dôr de cabeça, cólicas e graves desarranjos repentinos do ventre, irritação da mucosa do estômago, inflamação intestinal, falta de energia para o trabalho, nervosismo, tonturas, vertigens, ânsias e vontade de vomitar, biliosidade, arrôtos, mau gôsto na bôca, indigestão, muita sêde, azia, gases, falta de apetite, empachamentos, língua suja, mau hálito, certas coceiras e erupções na pele, mal-estar depois de comer, preguiça, abatimento, sonolência e moleza geral e muitas doenças graves e prolongadas, quando não se toma cuidado.

Para evitar e tratar êstes males use **Ventre-Livre**, remédio sério e de inteira confiança, contra a prisão de ventre e suas consequências.

Ventre-Livre estimula, tonifica o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substancias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosos sofrimentos.

Use Ventre-Livre

* * *

Lembre-se sempre:

Ventre-Livre não é purgante

* * *

Tenha sempre em casa

Ventre-Livre

A PERSONAGEM da SEMANA



A semana que passou foi uma das mais férteis em boatos sôbre a recomposição do Ministério pelo sr. Presidente da República, em face da entrevista que o sr. Lourival Fontes dera em Belo Horizonte à imprensa montanhesa, na qual há o seguinte trecho: «A remodelação geral do Govêrno, não apenas a reforma ministerial, é uma idéia fixa do sr. Getúlio Vargas». As declarações do chefe da Casa Civil do Presidente da República tomaram vulto, duplicaram de intensidade, cresceram como o ruido de enorme pedra que rola da montanha para a planície e veio agitar os meios políticos nacionais, esperando-se a derrubada do «Ministério de Experiência». Mas, com as declarações do sr. Getúlio Vargas, a repórteres, quando da inauguração da nova sede da Embaixada Americana, as afirmações do sr. Lourival Fontes receberam água na fervura, e seu próprio autor, procurando amainar a tempestade, retificou: «O Presidente da República poderá modificar seu Ministério, quando entender». Claro. E' o que está no Art. 87, III da atual Constituição: «Compete privativamente ao Presidente da República, nomear e demitir os ministros de Estado». Mas, apesar de tudo, os ventos continuam a soprar, as vagas se encrespam, Ministros vêm a público, possíveis candidatos são esperados no Rio enquanto outros são consultados. Depois de tudo, se ficar prevalecendo a entrevista de Belo Horizonte, ou a retificação posterior, o sr. Lourival Fontes poderá sair-se sempre muito bem, dizendo como os mais experimentados políticos: «Política é isso mesmo . . .»

a REVISTA há 50 anos

10-5-1903

CHRONICA

Razão tinha o chronista quando exaltava Maio e o cercava de louvores. Em verdade, o mez bemdicto o merece. Basta ver as manhãs, lindas, claras, frescas, cheias de aromas bons de flores entreabertas, de cheiros sadios do arvoredo rebentando em cachos multicores, exuberantes de vida, dessa vida que a canicula estival tentou, em vão, estiolar. Que encanto de manhãs! Céo azul, cuja limpidez alvos e ralos véos de neblina não conseguem empanar; terra e mar acordando alegres; aquella, erguendo n'um espreguiçamento de gozo, os braços da mataria, cabelludos de folhagem verde, este em correrias de ondas, praia acima, praia abaixo, como creanças irrequietas. E o sol que vem nascendo, manso e sereno, quasi timido a principio, depois fulgido, radioso, doirando tudo: copas virentes que toucam os morros ou sujos telhados que cobrem as casas, jardins cuidados com amor ou ruas tratadas com desleixo, cristas brancas de vagas murmuras ou aguas viscosas que correm pelas sargetas, illuminando tudo, revigorando a vida ás cousas vivas, dando alma ás cousas mortas!?

● Uma sensação deliciosa invade os que atiram os olhos, n'uma sede de bello, pelos panoramas magnificos que por ahi a fartar. A luz que desce do alto, a força que da terra brota, rebentando em flores, expandindo-se em perfumes, a eloquencia do fallar do oceano, a paz do céo, tudo isso infiltra nas almas um bem estar suavissimo, uma doce ventura, essa abençoada alegria de viver, tão consoladora e tão difficil de sentir!... A tarde, ao cahir da noite, á hora indecisa do crepusculo não é menos bello o espectaculo do céo a despir as pompas do dia, para dar logar ao fundo apagado sôbre o qual virão tremeluzir estrellas. Não é menos bello, mas é mais melancolico, mais triste. Então, confrangem-se os corações; a impressão é outra, nostalgica, quasi dolorosa. No ar bailam como duendes, receios, presentimentos, scismares agoureiros, todo o cortejo tragico da Dor que a Luz trazia afastado. Um desejo, uma necessidade de protecção apodera-se das almas amedrontadas. E, como plangentes sinos badalam, vae-se á Egreja, onde se cantam louvores á Mãe de Deus, pedir ao seu olhar tão meigo, a luz aquecedora e confortadora que o sol roubou á terra.

JOSÉ VARIO

CAVANDO...

A epocha é de cavação geral, com licença da companhia telephonica... O prefeito, que já tinha enterrado a taxa sanitária, resuscitou-a e vae cavando muito regularmente a sua verbasinha...

Os deputados, que, apesar de não serem medicos legistas, fazem mais exhumações de cadaveres eleitoraes que qualquer coveiro, vão cavando os sessenta e sete por dia, vulgo setenta e cinco já tendo tomado o gosto do cobre em pingues ajudas de custo.

Os senhores hygienistas cavam com os culicidios e mosquitos, cuja extincção muito prejudicaria aquelles; por emquanto, porem, a hygiene declarou guerra á grammatica e ha alli, na certa, erros e mais erros, capazes de fazer corar... preparatoriano da Parahyba...

A cavação nos cofres publicos, vulgo desfalque, já se tornou proverbial... E ainda ha quem falle contra os cavadores da rua do Ouvidor!... Estes, ao menos, cavam á luz do dia e com... o suor do seu rosto. E... até domingo se o pessoal do Oswaldo Cruz não embirrar commigo e não me classificar — STEGOMYA FASCIATA. Olhem que elles não sabem qual é a especie... — GAFANHOTO.

● **Na rua do Ouvidor, á passagem de uma esguia e tentadora creatura.**

— Já reparaste na bonita linha desta rapariga?

— Oh! se já! E' uma horizontal perfeita.

● **Entre garotos:**

— Achei um cigarro. Vamos fumal-o de sociedade?

— Como? Sim, eu fumo e tu... cospes.

PÂNICO na FAMÍLIA

Conto de
CLÉLIA DE ASSIS

NINGUÉM sabia o que fazer de Luísa, agora que ela se achava naquelas condições. Mamãe, assombrada, vivia com um olhar de terror, a consultar a todos de casa: «O que vamos fazer com ela, meu Deus!»

Dona Amélia, tia de papai, agitava-se na cadeira, fazendo aquêle barulhinho característico, com o têrço ao colo, e apertava os lábios um no outro, mais vêzes do que de costume.

Papai, nos piores transes, sempre sabia resolver os problemas, por mais sérios que fôssem; mas aquêle que se abatera sôbre a infeliz Luísa, se afigurava sem solução. O assunto provocava discussões domésticas, dessas tão costumeiras em todos os lares daqui e de fora. Quem poderia supor, hein? Luísa, que embalara mamãe em seus braços! Luísa, que nos viu a todos de cueiros! O problema dava dores de cabeça. Mas o papai era um tanto filósofo. Quando a discussão se azedava, êle punha o chapéu, ajeitava a gravata ao espelho da sala e saía muito simplesmente, caladinho, sem fazer ruído, distanciando-se da arenga da mamãe, já muito alterada com as dificuldades daquela situação deplorável.

Eu é que já não mais podia aturar a tensão nervosa lá de casa. A atmosfera estava cada vez mais carregada, e em cada recanto da casa parecia haver gente em pé de guerra, explosivos ameaçadores. De tudo o que eu ouvia falar sôbre o caso de Luísa, uma coisa me ficou com certeza: ninguém sabia como aquilo principiara. A natureza humana, especialmente, a dos pais, deseja resolver os problemas, porém pelo princípio. Muitas vêzes o que interessa é o fim; mas todo mundo gosta é de recuar até aos menores detalhes de um mal que alarma uma casa de família honesta.

Luísa tôda vida fôra uma criatura forte, de físico e de espírito. Desde muito jovem se dedicara à nossa família, uma «cria de casa». Eu lhe dedicava um amor filial. Quando eu ainda era garotinha, e chorava por um motivo qualquer, era ela quem me consolava o pranto, enxugando minhas lágrimas em seu avental sempre asseado. Certa vez, ao quebrar um jarro de fina louça, minha mãe correu para dar-me umas palmadas, e eu voei para o colo de Luísa, escondendo-me entre seu avental.

— Não dê na bichinha! Coitadinha! Tão inocente!

E mamãe se vingou em ameaçar-me para a «próxima vez». Luísa era assim. Boa, meiga, robusta e decidida.

Pobre Luísa! Quanta coisa a humanidade despreza ao se gastar! Quanta coisa que nos serviu, que nos foi útil, que nos beneficiou, obedecendo cegamente às nossas vontades, aos nossos caprichos, sem reclamações, e a gente joga de lado, ou põe fora, tão logo tais coisas ou pessoas caiam em situações fatais!

Pelo que diziam os maiores, Luísa foi levada lá para casa quando meu avô morreu. Isso há vinte anos. Já a êsse tempo, era ela uma jovem mulher, robusta e forte, de seus 25 a 30 anos de idade, vaidosa e até faceira. Criara, a bem dizer, quase tôda a família. Levara mamãe nos braços, acalentara seus irmãos, embalara-nos na rêde, ou no berço, a cantar delicadas canções de ninar com o sabor do folclore regional.



Quem iria lembrar-se disso agora? Quem perderia tempo em recordar sua dedicação à família, seus sacrifícios e renúncias, numa abnegação difícil de ser encontrada?

Luísa era apenas, agora, um ser desprezível, uma coisa imprestável, a causar apreensões e pânico na família a que tanto servira. Sua situação se tornara intolerável e mamãe resmungava, papai murmurava, minhas tias mussitavam, todos de casa, adultos e velhotes que tanto se aproveitaram dos esforços, da tenacidade e lealdade de Luísa, já não queriam mais saber da pobre serviçal decrépita. Tratava-se agora de afastá-la do nosso convívio, o mais ràpidamente possível, fôsse para onde fôsse. Não tanto pelos mais velhos, e sim por mim e outros jovens da casa, sôbre quem os cuidados de meus pais eram maiores.

Ilustração de
JERONYMO RIBEIRO

Luísa percebia tudo, ouvia as discussões, os sussurros, os olhares de esguelha dos que se ocupavam tanto de sua infelicidade. E via em tudo olhares hostis, indecifráveis, embora ela estivesse calma, serena, heráldica na sua nobreza d'alma. Mártir, a Luísa. Quando se via a sós, não podia deter as lágrimas e chorava, chorava, chorava. Que culpa tinha ela? Por que a fitavam assim? Que mal fizera? Quando alguma das crianças chegava junto dela, sempre estourava uma voz repreensiva:

— Menino! Vem cá...

E cochichavam coisas que Luísa não entendia, mas sofria com o segrêdo. Eu a olhava com infinita pena, comovida e muitas vêzes meus olhos umedeceram. Apesar das advertências, nunca me afastei de todo, de Luísa. Sentada a um banco da cozinha, um pano à cabeça, Luísa percebia que sobrava naquela casa. Por vêzes tentava ajudar; mas era dispensada. Ela sabia que estava doente, já velha, sem fôrças; mas não compreendia por que motivo aquela oposição de todos.

Mamãe arranjara uma nova empregada para tomar conta da cozinha, temperar as panelas, fazer o café, lavar a louça. Antigamente era «Luísa para cá, Luísa para lá», Luísa para todos os efeitos domésticos. Não mais saborearíamos os gostosos quitutes da boa Luísa, os seus pastéis deliciosos, os doces que fazia com tanto carinho e prazer, «para os meninos quando voltassem da escola», além dos apetitosos bolinhos que preparava aos sábados.

Luísa, porém, começou tossindo. Foi não foi, era acometida de uma tosse convulsa, que, em geral, lhe tomava o fôlego, obrigando-a a beber água sem ter sêde. Que poderia imaginar que tão robusta criatura não gozasse a mais perfeita saúde? Ninguém em casa prestava atenção àqueles acessos de tosse. O tempo foi passando e o mal progredindo. Por fim, mamãe se alarmou. Ela era sempre a primeira a notar qualquer diferença nas coisas de casa; dava por falta de um nadinha e notava qualquer coisa que aparecia. A tudo mamãe prestava atenção, dava fé, inexplicàvelmente, de tudo. Nunca vi olhos tão perspicazes.

(Cont. na pág. 38)



A BEM AMADA

Romance de THOMAS HARDY

POUCO a pouco chegou a não poder mais viver sem ouvir o tom daquela voz. Um domingo, ao cair da tarde, viu Pierston que Avícia se encaminhava para a igreja. Seguiu-a pela calçada, com a vista fixa no chapèuzinho adornado com um punhado de penas de galo que parecia uma estrêla. Logo que ela entrou no templo Pierston notou o lugar em que a moça se sentara e abancou-se atrás dela.

Embevecido no estudo de suas orelhas e de sua nuca muito branca, foi sua atenção atraída para a presença de uma senhora que se sentara um pouco mais adiante, cujo trajar elegante e fino era mais próprio de Londres do que daquela pobre povoação ilhenha. A curiosidade empanou um pouco a figura de Avícia. A senhora voltou um tanto a cabeça, e, se bem que usasse um véu bastante espêsso para a estação, pareceu a Pierston que se tratava de Nicola Pine-Avon.

— Que faria ali a senhora Pine-Avon, se, em verdade, fôsse ela? — Monologava Pierston.

Ao terminar o culto a atenção de Jocelyn estava de tal modo concentrada em Avícia, que, no pento culminante da saída da igreja se esqueceu da misteriosa senhora que estivera sentada diante dela, e que se retirou por uma porta lateral. Supondo que fôsse a senhora Pine-Avon provàvelmente poderia estar hospedada em algum hotel da vila costeira da baía, devendo ter vindo até ali pelo banco de pedras do istmo, a fim de dar um passeio vespertino como muitos faziam. Entretanto, não insistiu Pierston em esclarecer o fato, deixando de lado maiores explicações e tudo ficou por isso mesmo.

Ao sair da igreja viu que o farol da ponta Beal começava sua faina a iluminar a noite. Pierston caminhou em direção do foco de luz em passos apressados, para evitar Nicola ou seu espectro, bem como todo o restante dos devotos. A certa distância deu a volta encaminhando-se para sua casa, pela vereda familiar, àquela hora solitária, com intenção de encontrar Avícia. Mas não viu nem rastro dela, e supôs ter a jovem tomado muito a sua dianteira. Ao chegar à porta do castelo de Silvânia se deteve um momento e notou que a casita de Avícia estava ainda às escuras. De certo não havia chegado.

O escultor regressou pelo mesmo caminho sem encontrá-la. As últimas pessoas que passaram pelo seu mesmo caminho foram um homem e sua espôsa, os quais, embora não os visse bem nem os conhecesse, julgou Pierston que se tratava de marido e mulher, em face das palavras que ouviu o senhor dizer:

— Então, se não estivéssemos casados, romperia comigo! Bonitas palavras na bôca de uma espôsa!

A observação soou desagradàvelmente aos ouvidos de Pierston, que voltou ao castelo. A casa de Avícia já estava iluminada. Na certa teria ela dado a volta por outro caminho. Satisfeito por ver que ela estava em seu lar, subiu também aos seus aposentos e tratou de dormir.

O aspecto da natureza era ali do jardim do castelo, bastante pitoresco, avistando-se os penhascos escabrosos na costa que ficava vis-a-vis da povoação da ilha em que nascera Pierston. Um pequeno portão do jardim dava acesso à praia cheia de pedras. Um pouco afastada havia uma cisterna de água límpida, que, sem dúvida, abastecera tôda a população das redondezas e o arruinado castelo de **Red-King** nos dias de sua construção. Numa ensolarada manhã, estava Pierston a meditar olhando o panorama, quando percebeu uma mulher a estender roupa branca sôbre as pedras à beira-mar.

O escultor desceu até lá, e, como havia julgado, era Avícia, entregue às tarefas de seu ofício. Seus torneados braços côr de rosa, embora delgados, eram bastante roliços para fazer covinhas no cotovêlo, enquanto a brisa marinha lhe realçava a beleza, fazendo panejar seu vestido de sabor local. Pierston se acercou da jovem sem pronunciar palavra. A ventania arrebatou uma manga de camisa da pedrinha que a sustentava, e êle se abaixou para apanhar outra pedra maior e recolocou a camisa em seu lugar.

— Muito agradecida, disse ela sem se perturbar, volvendo para o artista os seus belos olhos castanhos, como se lhe agradasse ver que o ajudante era Pierston.

Tão ensimesmada estava em seus pensamentos melancólicos, conforme viu Pierston, que não percebera a presença dêle até àquele instante.

A jovem prosseguiu o seu trabalho a conversar com Pierston em tom de intimidade e franqueza, isto é, nem com entusiasmo, nem com esquivanças.

Em relação ao amor, estava êste mais distante de seu pensamento do que a idéia de morte.

Esforçava-se Avícia, inùtilmente, para estender um grande lençol, quando Pierston lhe disse:

— Estenda-o no solo que eu colocarei as pedras.

Avícia concordou, e, ao colocar o escultor um seixo, sua mão tocou a da jovem.

Era uma larga e delgada mão louçã, um tanto úmida e fria em virtude do contato com a roupa molhada. Ao colocar a última pedra, alcançou os dedos de Avícia, e exclamou:

— Perdão! Sinto-o muitíssimo! Oh! Parece que a feri, Avícia!

Visìvelmente constrangido, pegou-lhe a mão arranhada para examinar o dano que causara involuntàriamente.

— Não foi nada, senhor — exclamou ela deixando, sem a menor oposição, que êle lhe retivesse a mão. Êste arranhãozinho foi feito hoje pela manhã com um alfinête. O senhor não me causou nada com a pedra.

Apesar de estar com um vestido escuro, trazia ela em cada manga uma braçadeira de crepon negro. Pierston, que conhecia a razão daquele símbolo, perguntou-lhe com voz triste:

— Continua a visitar o túmulo de sua mãe?

— Sim, senhor, algumas vêzes. Esta noite voltarei lá a fim de regar as margaridas.

Logo que ela acabou sua tarefa, foram embora. À tardinha, pouco antes do ocaso, saiu Pierston do castelo pela porta do jardim e se dirigiu a casa de Avícia. As cortinas estavam decerradas e êle pôde vê-la a coser no interior. Enquanto o escultor se deteve para contemplá-la, sem entrar, ela se ergueu um tanto preocupada e pôs um chapéu, como se houvesse lembrado de algum compromisso, e se dispusesse a sair. Pierston continuou para a frente a fim de dar volta à esquina. Já estava em metade da velha rua e não notara ainda que, atrás dêle, vinha a delicada figura da jovem lavadeira.

Tradução de RENATO DE ALENCAR

Ilustração de RAMON



Notando depois que ela estava seguindo pelo mesmo caminho, o escultor tomou a direção da igreja. Já se havia pôsto o sol, e o farol irradiava novamente seus reflexos para o espaço, em contraste com a sombria massa da igreja que se erguia ao fundo. Ali aguardou que ela o alcançasse.

— Você amava muito a sua mãe? — Perguntou êle.

— Sim, senhor. Eu muito lhe queria — respondeu a jovem e continuou a andar com passo tão leve, como se êle a estivesse levando na mão.

Pierston teve vontade de dizer-lhe: «Também eu muito a amei». Porém se deteve, pois não descobrira nela nenhum indício de que ela estivesse ciente do que se passara entre ambos, vinte anos passados. Mas Avícia ficou pensativa e continuou:

— Minha mãe estêve muito entristecida durante algum tempo, quando tinha, pouco mais ou menos, a minha idade. Não me agradaria que sucedesse comigo o que sucedeu a ela. Seu noivo a abandonou, aquêle falso, apenas porque não quis minha mãe entrevistar-se com êle uma noite, e isto a deixou melancólica, pesarosa, quase tôda a sua vida. Se eu fôsse ela não me afligiria por êle. Nunca me declarou ela o nome dêle; mas me parece que era malvado e cruel. Detesto pensar nêle.

Depois de ouvir isto, Pierston não pôde mais acompanhá-la ao cemitério e seguiu sòzinho até à parte sul da ilha. Durante algumas horas se sentiu miseràvelmente desditoso. Mas raciocinava que não atingira o apogeu artístico a que chegara, através de obsessões e fantasias de imaginação romântica. Era um artista de renome, mas, puerilmente se queixava de acontecimentos frustrados, coisas que debilitam o caráter e vulgarizam o homem e que podem acontecer a qualquer um.

Mas, bastante caro, estava pagando suas fraquezas. Pressentia a mais terrível vingança. Que havia feito para que o destino o atormentasse assim tão cruelmente? A Bem-Amada, depois de transmigrar do corpo de Nicola Pine-Avon para o fantasma de uma morta a quem êle nunca adorou em vida, havia assentado sua morada na vivente e jovem representação da morta, com uma tenacidade, que a absoluta indiferença dessa linda figurinha de olhos garços intensificava cada vez mais.

Desejava, realmente, casar-se com aquêle brôto de mulher? Sim, êle o desejava. Êsse ardente desejo acabava de despertar nêle com intensidade. Verdade era que, segundo observações feitas, descobria-lhe defeitos, além de suas deficiências sociais. Apesar de tê-lo obcecado, dizia-lhe a razão, que ela era de temperamento mais frio e de caráter mais vulgar que a primeira Avícia, a qual, pelo menos era mais instruída e de mais sereno procedimento. Entretanto, vinte anos já influíam e criavam alguma diferença nos ideais, e as crescentes exigências da idade madura em relação à forma física, estão de sobra equilibradas por suas concessões ao conteúdo espiritual. Mirou-se ao espelho e se alegrou com aquelas deficiências internas de Avícia, contra as quais não tivera ânimo de falar.

Estranha diferença mediava entre o ideal de seu presente devaneio e o amor dos tempos de sua juventude. Tudo agora podia ser claramente insensato, porque sabia que estava navegando numa insensatez. Então se via obrigado a reconhecer que sua insensatez devia ser discreta. Nos dias da juventude, qualquer relâmpago de raciocínio sôbre as imperfeições de sua Amada se desvanecia sem demora. Estas conjecturas já não o entibiavam agora. Conhecia que tudo isto tinha como origem uma tendência, e, passivamente, se resignava.

Do ponto de vista prático, parecia que, segundo pensara um certo tempo, aquela família Caro, nem através de séculos, ou mesmo nunca, poderia adquirir um caráter livre de imperfeições, ou que pudesse suprir as suas próprias imperfeições, de maneira que ambos os ramos viessem a aperfeiçoar o conjunto; entretanto reconhecia êle que era a família Caro a única ali de sua ilha que poderia dispor de material para formar dito caráter. Era como se os Caro houvessem encontrado a argila mas não o oleiro, enquanto outras famílias cujas filhas poderiam atraí-lo, haviam encontrado o oleiro, mas não a argila.

Capítulo XVII

Dos aposentos e terrenos do seu castelo, bem como dos altos alcantilados vizinhos, podia Pierston observar todos os movimentos e aspectos da jovem Avícia, que, para êle era o rejuvenescido Espírito do Passado, cuja refulgência eclipsava qualquer pensamento sórdido e convencional.

Entre outras coisas, observou que Avícia denotava ansiedade quanto chovia. Se, depois de um dia chuvoso, apareciam no firmamento os raios de um sol dourado por entre flocos de nuvens, então ela se mostrava contente e eram suaves os seus passos.

Isto o confundia e notava também, que, em tais ocasiões, ia êle ao seu encontro, ela se mostrava esquiva, evitando-o dissimuladamente e sutil, mas de maneira inequívoca. Uma tarde em que Avícia havia saído de casa e caminhava em direção à aldeola situada ao pé da colina, tomou êle igual caminho, resolvido a aguardar seu regresso na estrada que estende entre aquêle lugar e as pedreiras do Leste.

Chegou Pierston até ao alto do velho caminho onde se forma uma brusca ribanceira até à aldeola, mas a jovem não aparecia. Regressou êle então, passeando pela estrada, para matar o tempo, até chegar próximo ao castelo, tornando a avançar para o ponto de onde viera, para volver uma vez mais em passos vagarosos no desnudo e áspero solo da ilha. Já era noite e brilhavam as estrêlas sôbre sua cabeça na vastidão do céu. O farolete de Beal refulgia distante, cumprindo o seu dever. O farol flutuante ondulava no banco de areia, e, mais longe, para os lados do sudoeste, erguia-se a igreja onde jaziam os antepassados da ilha.

Pervagou pelas alturas agrestes até que, com os pés doridos e o coração magoado, pareceu-lhe ouvir nos ares o sucumbir das pedras dos antigos habitantes entre a gritaria dos invasores que os aniquilavam, tomando para espôsas as suas mulheres e filhas, de cujos antiquíssimos troncos era Avícia a flor póstuma. Mas a jovem não chegava. Parecia uma loucura esperar mais; entretanto, não podia deixar de esperar. Por fim descobriu o vulto de um corpo humano, o qual reconheceu mais pelo andar do que pela pessoa. Como os sonhos imateriais amesquinham as grandiosas coisas materiais! Porque ali, entre aquelas três sublimidades do céu, da rocha e do mar, a diminuta personalidade da jovem lavadeira enchia até às bordas a sua consciência, reduzindo a nada o estupendo cenário que o cercava.

(Cont. no próximo número)

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA:

Jocelyn Pierston, grande e festejado escultor residente em Londres, resolveu passar umas férias na sua cidadezinha natal, situada numa ilha litorânea do país. Êle já havia sido noivo de Avícia, conhecida desde a meninice. Mas, como vivia Pierston em busca de uma «Bem-Amada» puramente ideal, desprezou Avícia, que se casou, depois, com um primo. Pierston, depois de amar a outras mulheres, não se casara com nenhuma. Já estava com seus 40 janeiros, quando, sabendo que Avícia falecera, foi visitá-la na sepultura, conhecendo então a filha da ex-noiva, Ana Avícia, muito linda, mas sem o preparo intelectual da outra. Pierston, porém, ficou apaixonado pela jovem, muito parecida com a mãe. Em virtude disso, desejou desposá-la, apesar da diferença das idades e foi passar uns tempos em sua aldeia natal, alugando um castelo e procurando atrair até ali Ana Avícia.



PEDRO E A ESTÁTUA

Conto de O. GOMES DE CASTRO

EXAUSTO de caminhar, sem rumo certo, pela cidade desconhecida, o velho parou. Ficou algum tempo viajando pensativo e triste olhar pela praça imensa. Estremecendo o solo, um navio berrava, perdido na bruma, lá no negrume da Guanabara. Num desconcertante sobressalto, Pedro sentiu o espírito partir, para tempos idos, e focalizar o desastre conjugal, no lar humilde que o fizera ausentar-se, a errar de pôrto em pôrto, em terras estranhas. Penetrando, mais e mais, nos corredores sombrios de sua torturante infelicidade, sentiu-se apavorado pela distância e o tempo que então o separavam das ruazinhas saudosas de Braga. Cheio de piedade de si mesmo, abaixou a cabeça e analisou as próprias botinas empoeiradas, as calças rôtas nos joelhos. Depois, erguendo lentamente o rosto para o céu, balbuciou: — Quo vadis, Pedro? Quo vadis?!

Através das lágrimas, viu dançar diante de si a figura enérgica daquele homem, segurando uma bandeira, os olhos perdidos no verde misterioso dos mares, as mãos enormes e os braços hercúleos do navegante. O andar resoluto, o nariz retilíneo da vontade indomável... Pedro puxou o lenço e apertou-o contra os olhos. Tateando às cegas, sentou-se com desânimo no pedestal da estátua. Então, novamente, voltou-lhe sorrateira ao espírito cansado, outra recordação frágil e triste. Porque, afinal, os filhos já deveriam ser homens e as filhas estariam casadas. Mas aquilo que parecia estar vendo, bem perto de si, os passos indecisos, estendendo-lhe os bracinhos... Pedro deitou-se e fechou os olhos resolvido a pensar demoradamente no netinho.

Daí a instantes, entretanto, a pequenina imagem de camisolinha branca, foi crescendo, crescendo. Fêz-se um jovem de cabelos revoltos, a bracejar e a gritar irado, não sabia o que. Cresceu mais. E era um homem de barbas negras. Mas a fisionomia de mártir. O cordãozinho do pescoço era agora uma corda. Pedro assustou-se. Reparou melhor. O vulto era uma estátua. Era Tiradentes. Enorme. Só os grandes olhos regiravam aflitos nas órbitas fundas. Então, no silêncio profundo da praça infinita a estátua bradou: «Libertas quae será tamen»... Depois, lá na escuridão do horizonte, em estrepitoso tropel, crescia para êle, outra visão estonteante. Os cavalos batiam as patas, mas não saíam do lugar, o monumento sim, vinha em bloco, aproximando-se sempre e sempre. E uma voz longínqua exclamava: «Independência ou morte!»... Pedro esperou chegar, pesadamente, o monumento do Ipiranga. De outra direção, invadiu barulhentamente a grande praça, o cavalo gigantesco de um militar barbado: «Viva a República!» — trovejou Deodoro.

Minutos depois, como um meteoro, clareou o céu uma branca estátua, trazendo na mão descomunal, brilhante tocha. Pedro reconheceu a estátua da Liberdade. Em seguida, sem transição, marchando em alvorôço maciço e implacável, qual manada de elefantes, outros monumentos se aproximavam e atravancaram os horizontes. E uma estranha e ensurdecedora sinfonia de hinos. O misterioso e crescente vozeio da multidão irada. Nos momentos de inexplicáveis silêncios, badalava o Big-Ben, num céu infinitamente negro e alto. Pedro quis fugir daquela visão apoteótica. Sentia-se pequenino ali, como um rato de praia. Levantou-se. Dois passos apenas e sentiu-se grudado ao pavimento. Arquejante de susto, tentou cobrir o rosto com as mãos. Mas os braços estavam rijos. E pétrea, e fria dureza subia-lhe até os joelhos. Diante dêle surge, então, um vulto estranho de mulher. Encarou-a apavorado.

— Cabral! — disse a deusa, analisando-o com viva e meiga simpatia. Pedro desviou atônito, os olhos para as alturas. Qual mundo regirante de figuras confusas, o céu estava coberto de quadros. Shakespeare, Goethe, Cervantes, Herculano, Beethoven, Mozart...

— Eu sou a Glória, Pedro! — tornou a mulher.

— Glorinha?! — fêz êle, encarando-a desconfiado.

— Não, Cabral! Sou a Fama!

Pedro tentou arrancar os pés do chão frio e duro. Daí a bom pedaço, gritava:

— Estou sofrendo! Que representa isto? Não! Não! Quero sair daqui! Uf! Que saudade das ruazinhas estreitas de Braga!...

— Você vai ser estátua, Pedro! Viverá séculos e séculos!

— Não! Brrr! — fêz êle, aproveitando a moleza carnal que ainda possuía nos lábios.

— Está sentindo frio? — perguntou a deusa, sorrindo para êle.

— Horrível! E uma sensação tremenda de ser ôco! — de súbito, sentiu-se impiedosamente imobilizado. Vontade de gritar: — Socorro!! — mas os lábios inclusive, estavam rijos. Interessante é que continuava ouvindo. Os intestinos lutavam aflitos contra a dureza implacável do abdome. Meio descompassado, e deslocando-se como badalo de sino o coração continuava batendo. Sentiu que de novo poderia falar. Então, num último esfôrço para desconcertar a obra diabólica da miraculosa Fama, disse: — Que adianta, mulher, você me transformar em borboleta quando o meu coração é de lagarta?!...

— Que está sentindo agora, Pedro? — perguntou a mulher, não dando ouvidos às lamúrias dêle. Pedro encarou-a novamente. Agora parecia-lhe uma velha de cabelos brancos em desalinho.

— So... — ia gritar: socorro!!

— Isto não! — interveio a Fama, acrescentando: — Seja nobre Pedro! Que está sentindo agora? Responda!

Êle não respondeu. Relanceou triste e pensativo olhar pela praça pequenina. Tudo havia desaparecido. Inclusive a Fama. A madrugada espiava sonolenta, lá atrás dos morros de Niterói. Ficou ali, quêdo e surumbático, os olhos de barro espetados na Guanabara.

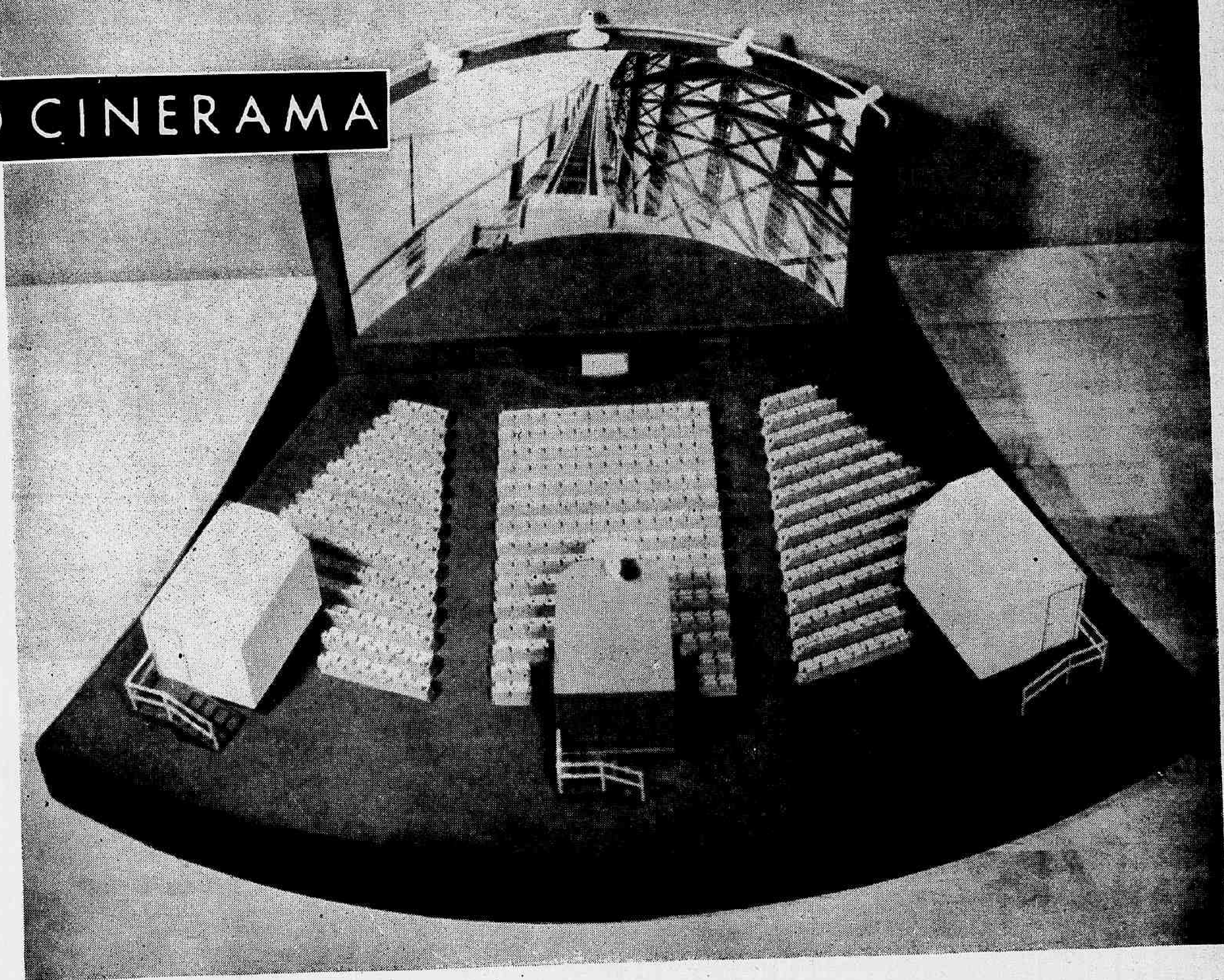
De súbito, do altíssimo céu, surgiu indecisa e fosforescente claridade. Como borboleta tonta, veio mais e mais se aproximando. Parou diante dêle. Mas então, era inteirinha uma mulher. Analisou-o de alto a baixo. Ajeitou vaidosa

(Cont. na pág. 40)



Ilustração de RENATO DE SOUZA

O CINERAMA



Uma visão do que será, brevemente, no Rio, um cinema dotado de instalações para o Cinerama. A disposição dos projetores, um pouco acima das últimas filas de cadeiras, se articula tècnicamente, com os alto-falantes, sôbre a tela semi-circular, obtendo-se o novo fenômeno cinematográfico.

É A REVOLUÇÃO NO CINEMA

BREVEMENTE TEREMOS CASAS COM APARELHAGENS PARA FILMES EM 3-D, OU SEJA, TRÊS DIMENSÕES ★ UM BRASILEIRO OBTÉM EXCLUSIVIDADE NA REPRESENTAÇÃO DOS FABRICANTES ★ TUDO O QUE EXISTE PASSARÁ A SER ARCAICO

QUE vem a ser «Cinerama»? Apenas isto, leitor: a mais moderna e eficiente instalação para que vejamos na tela um filme multidimensional, provocando as maiores sensações que um cidadão possa imaginar. Se, há uns dez ou doze anos passados, com uns óculos todos ficamos boquiabertos diante do que a tela do «Metro», nos mostrava, que não iremos experimentar quando pudermos ir a um cinema dotado de aparelhagem para apreciarmos o «Cinerama»! Não é de agora que técnicos e cientistas procuram dar ao cinema a imagem em relêvo, tirando-a do plano vulgar como sombras numa tela, para o campo visual do expectador, de maneira que o mesmo tenha a impressão de que as imagens estejam na mesma área em que está o espectador. Até agora, o que se passa na tela, limita-se a um movimento de fotografias movimentadas. Já era, inegàvelmente, um milagre. A invenção dos irmãos Lumières deixou o mundo estupefacto. Depois surgiram sensacionais melhoramentos, como o som, o colorido, os recursos técnicos, os «truques», etc., mas a imagem não se despregava da tela. A cinemática, que é a ciência do movimento, não dera mais um passo. Astros, estrêlas, diretores e produtores, técnicos e tôda uma côrte de gente que vive do cinema e para o cinema, ficou num degrau que já estava até ameaçando ruir pela concorrência da TV. Mas, como o engenho humano é de atuação ilimitada, chegou a hora de o cinema dar mais um pulo gigantesco, maior e mais sensacional do que aquêle de 1927, quando foi superado o cinema silencioso e de gestos, para o falado e de microfonia. E' o momento do «Cinerama», a revolução cinematográfica de maior sensação que se pode imaginar na indústria fílmica. Sua chegada ao Rio está para breve, em virtude da atuação patriótica e decidida do sr. Joel F. de Oliveira Roxo, que conseguiu a representação dos projetores «Cinerama» para o Brasil, devendo caber à Capital Federal, a primasia dessa empolgante inovação cinematográfica. Nos Estados Unidos o nome «Cinerama» já constitui um «hit» de grandes proporções, estando o fã de cinema convencido de que o novo fenômeno visual é insuperável. É curioso acompanhar o movimento de espetacular sensação dos espectadores de uma tela cinerâmica. A impressão que se tem é a de que não há espectadores, e sim atores e atrizes integrados no desenrolar do filme, cujas imagens e coisas se destacam da tela e vêm «viver» entre os que estão na platéia, tal a simultaneidade entre as figuras projetadas e os que estão apreciando o desenrolar do espetáculo. Tudo, naturalmente, de acôrdo com a natureza das filmagens. Assim, quando a «camera» filma uma seqüência em que a cena é tomada como se o próprio espectador estivesse a focalizá-la, ou a dirigir-se para alguém



Fred Waller, inventor da projeção em relêvo, dirigindo um espetáculo num dos novos cinemas dos Estados Unidos, com grande sucesso.

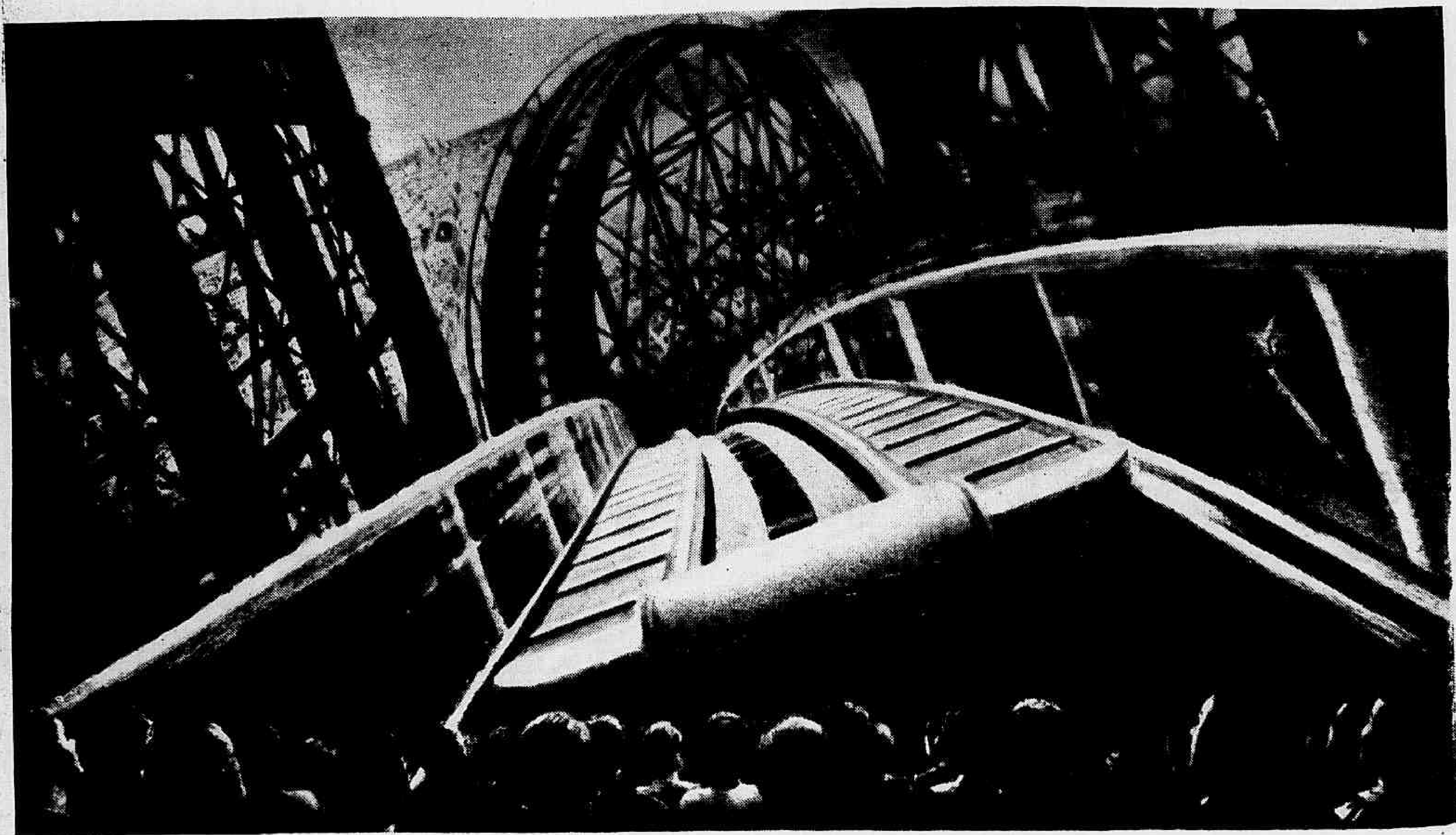


Uma parte dos filamentos que ficam por detrás da tela, e invisíveis para os espectadores. E' uma das bases para a perfeição tridimensional.



O nosso patrício sr. Joel F. de Oliveira Roxo, do alto comércio do Rio e que obteve a representação do «Cinerama» para todo o nosso país.

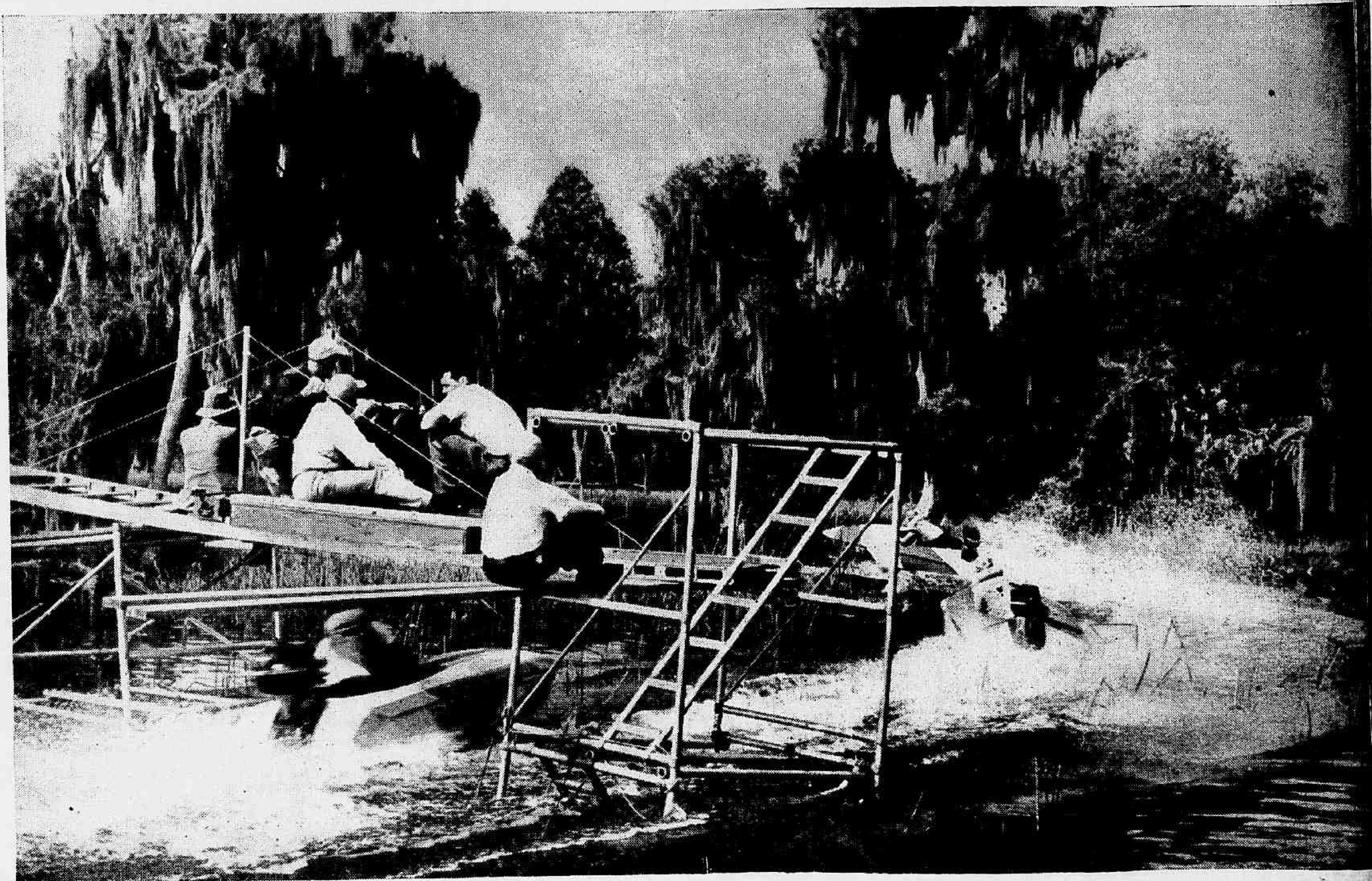
na direção da platéia, a impressão exata e realíssima cena, por exemplo, em que uma pessoa esguicha dor que está apreciando a tela em sua cadeira. Numa cena, por exemplo, em que uma pessoa esguicha água para a platéia, vemos com a maior nitidez o jato do líqüido sair da tela e vir atingir-nos em cheio na cadeira em que estivermos, qualquer que seja a distância. Todos os espectadores «sentiram» a brincadeira, ao mesmo tempo, e quase todos, instintivamente, procuram mover o corpo, baixar a cabeça, torcer a cara, a fim de evitar o esguicho em si mesmo! Pura ilusão, porém, uma vez que se trata apenas da imagem e não da realidade material. O «Cinerama» não exige óculos, como o cinescópio que foi mostrado ao carioca lá pelos anos de 1939 ou 40. Já é uma invenção definitiva e definida. Sua instalação para tela curva, semi-circular, para filmes de 35 milímetros é a mais perfeita e eficiente. A projeção é feita, simultâneamente, por três máquinas sôbre a tela, tudo sincronizado para um plano visual do ôlho humano. Sôbre a tela, no alto são colocados cinco aparelhos de som, os quais produzem revolucionários efeitos estereofônicos dentro da nova técnica do cinema em relêvo. Nas atuais instalações o aparelho de som, ou microfone, é colocado por detrás da tela, recebendo da cabine situada na frente do edifício. Mas o sistema «Cinerama» difere muito de tudo o que há hoje. A magnitude do cinema revolucionário, como sucedeu com a espetacular «Marcha Triunfal», da ópera Aída, no Scala de Milão, mediante autorização prévia dos diretores do mais famoso teatro de ópera do mundo. Os efeitos foram sensacionais e confirmaram a excelência do «Cinerama» em longa metragem, pois que, em filmes curtos, como documentários, «jornais cinematográficos» etc., já estava aprovado com distinção e louvor. O advento do 3-D no sistema «Cinerama» vem salvar o cinema de um naufrágio iminente, dada a concorrência da TV. O povo precisava de alguma coisa fenomenal, espetacular, extraordinária. E o «Cinerama» é tudo isso, é uma revolução na cinematografia mundial, gigantesco passo nas invenções mais emocionantes que a humanidade já viu. E' com a maior satisfação que esta REVISTA dá esta notícia devidamente ilustrada, mostrando, em síntese, o que é «Cinerama», uma página de alvíssaras para o nosso povo, o qual, dentro em breve experimentará com os seus próprios olhos, os seus próprios nervos e sua própria sensibilidade, as emoções mais estranhas e inesperadas, diante de uma tela em que estiverem sendo exibidos filmes através dos equipamentos «Cinerama».



Projeção de um filme com uma cena de «Montanha Russa». Vejam como os espectadores ficam de tal maneira que têm a impressão real e perfeita de que não estão vendo o filme, e sim, «vivendo» a fita, como se estivessem também na própria seqüência da película. E' sensacionalíssimo!



Em cima — Uma bela cena da ópera «Aída», a «Marcha Triunfal», levada para o «Cinerama», dando a impressão de que todos a viam no palco.
Em baixo — Operadores do novo triunfo cinematográfico, filmando corridas de barcos, cenas que deixam longe os atuais «jornais» ainda em projeção.



A SEMANA ASTROLÓGICA

Indicações do seu horóscopo, entre 9 e 15 de maio de 1953.

(Hemisfério Sul)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

Carneiro — (21/9—20/10) — Dispense todo e qualquer conselho, na semana vindoura. Siga sua própria intuição e não tenha dúvida em dar corpo aos seus projetos. O período é de chance nas realizações.

Touro — (21/10—20/11) — A menor coisa poderá tomar proporções incríveis. Evite qualquer complicação e discussões, mesmo sem importância. Seu ambiente será de exageros em todos os sentidos. O dia 10 será o pior.

Gêmeos — (21/11—22/12) — Ao lado de um profundo desgôsto, um êxito inesperado nos negócios profissionais, eis o que vos prometem os astros. O ambiente proporcionará um reajustamento financeiro. O dia 12 será o mais afortunado

Câncer — (23/12—20/1) — A semana não lhe favorecerá a saúde. Recomenda-se, por isso, sejam evitados os excessos, na mesa e no "bar". As atividades físicas, do mesmo modo, deverão ser moderadas.

Leão — (21/1—20/2) — O próximo dia 13 de maio será mesmo aziago, no seu caso, devido aos influxos da Lua Nova. Limite suas atividades aos encargos ordinários. Não saia do normal, sob pena de profundas desilusões. A semana será nefasta.

Virgem — (21/2—22/3) — Imprevistos favoráveis e lucros relativamente fáceis, são as promessas da próxima semana. Os dias melhores para insinuação, serão 10 e 12. Fique na expectativa, aguardando os acontecimentos.

Libra — (23/3—20/4) — Uma aventura sentimental lhe levará à bôca, um verdadeiro cálice de amargura. Seria conveniente evitar o sexo oposto, nos próximos sete dias. Tudo dependerá da soberania da vontade sôbre os instintos em exaltação.

Escorpião — (21/4—20/5) — Os deslizes com que proceder, virão à tona. Não poderá haver segredos. Tôda discrição será em pura perda. E' conveniente agir às claras, mesmo porque não adiantará outro procedimento qualquer.

Sagitário — (21/5—23/6) — O ambiente dos astros não lhe criará dificuldades. Pelo contrário, um clima de confiança lhe será oferecido, especialmente no que disser respeito à manutenção e ao confôrto da família.

Capricórnio — (24/6—22/7) — O nervosismo poderá prejudicar a chance que lhe vai ser oferecida nos negócios. E' necessário agir com calma. Seja comedido até mesmo nas pretensões. No seu caso, a ambição é contrária à sorte.

Aquário — (23/7—21/8) — Deixe de lado o coração e escute a voz da razão. Êste deverá ser o seu lema, durante os próximos sete dias. Há sérias ameaças de prejuízos, de enganos e, sobretudo, de ingratidões.

Peixes — (22/8—20/9) — A chance continuará. Não lhe faltarão meios para solver os compromissos e honrar a palavra empenhada. Haverá saldos financeiros, embora modestos, ao terminar o período.

★

Os nomes da Semana

Maio 9 — Julião — Juliana
" 10 — Martim — Eulália
" 11 — Florêncio — Flávia
" 12 — Domingos — Rita
" 13 — Gláucio — Glicéria
" 14 — Alberto — Iolanda
" 15 — Hildeberto — Germana

★

Efeméride da Semana

Marcha e posição do Sol — Meio dia de Greenwich.

Maio 9 — 18°33'09" (Signo do Touro)
" 10 — 19°31'09" " " "
" 11 — 20°29'07" " " "
" 12 — 21°27'05" " " "
" 22 — 22°25'00" " " "
" 14 — 23°22'54" " " "
" 15 — 24°20'47"

JANELA SOB



SENSACIONAL — Em setembro de 1952, sôbre o aeródromo de Farnborough, quando se comemorava a «Semana da Aviação», em presença de cem mil espectadores, o pilôto britânico John Derry, ao tentar ultrapassar a velocidade do som, num caça a jacto, foi surpreendido com a explosão do seu aparelho, que se projetou ao solo em mil pedaços. Dentre o pavor da multidão uma voz se mostrava mais angustiosa do que tôdas: a de Mrs. Derry, espôsa do infortunado pilôto que morria à sua vista, quando procurava realizar uma façanha da aviação. A velocidade do caça era, naquele momento culminante, de 1250 quilômetros por hora. E' do instante dramático a foto estampada, quando o avião se convertia em fragmentos.

O QUE RELEMBRA ESTA GRAVURA?



Recorda a invasão da sala em que trabalhava Machado de Assis, por um grupo de republicanos exaltados, que desejavam fôsse retirado da parede um retrato de D. Pedro II, ao ser proclamada a República. O grande escritor se opôs terminantemente, alegando que o retrato fôra colocado ali mediante memorandum do Diretor da Repartição, e só sairia com outro memorandum.

● Tôda a imprensa de Moscou publicou o discurso de Eisenhower, algumas horas depois de ter sido pronunciado em Washington. Interpretam os comentaristas internacionais, que o govêrno da URSS apóia os pontos de vista dos Estados Unidos.

● As duas grandes bombas de dinamite estouradas na Praça de Mayo, em Buenos Aires, a 15 de abril, quando discursava o presidente Peron, causaram várias mortes e numerosos feridos. Já foram libertados vários suspeitos do atentado.

★

QUEM DISSE ISTO:

1 O anonimato é a manifestação asquerosa do ódio vilão e da covardia mais asquerosa.

2 O pesar e o arrependimento nada mais são do que o mêdo pela conseqüência dos nossos atos.

3 A Arte é longa; a vida é breve.

4 A crítica é fácil; a arte é difícil.

5 A calúnia e a injúria são armas dignas do homem ignorante.

(Resposta na pág. 40)

RE O MUNDO

- A troca de prisioneiros de guerra na Coréia, começou a 19 de abril, com a transferência de soldados de Pusan para Munsan. Espera-se que, após essa combinação, seja encontrado o caminho definitivo para o armistício e fim da luta.

- O Partido Comunista dos Estados Unidos, em declaração do dia 17 de abril, denuncia uma conspiração tramada em Washington contra a independência da Guatemala. A declaração está assinada por W. Z. Foster e mais dois membros.

- Foi assinado o acôrdo entre o Brasil e a Argentina, para a importação, pelo primeiro, de um milhão, cento e dezesseis mil toneladas de trigo argentino, ao preço de 112 dólares por tonelada. Os embarques começaram imediatamente.

- A Inglaterra apoiou, decididamente, a proposta de pacificação do mundo pelo presidente dos Estados Unidos. Falando num comício, em Glasgow, Churchill declarou que o Ocidente não destruirá uma só esperança de paz do mundo livre.

- O filme brasileiro "O Cangaceiro", exibido em Cannes, França, no dia 16 de abril, foi recebido com o maior entusiasmo pelos críticos e técnicos do Festival Internacional de Cinema. A expectativa é de grande esperança para o Brasil.

- O sr. Mikoyan, ministro do Comércio da URSS, assistiu, a 17 de abril, à grande recepção oferecida na Embaixada Argentina, em honra da delegação comercial platina que ora se encontra na capital soviética, para aumento de negócios.







VENDA DE CRIANÇAS — Desde muito que a polícia canadense, em combinação com a dos Estados Unidos, procurava deitar a mão em certos intermediários que se entregavam ao torpe comércio de venda de crianças de poucos meses, entre Toronto e Nova York, onde é o quartel-general do tráfico infame. Depois de exaustivas diligências, conseguiram localizar dois suspeitos: Jack e Edith Shinder, de 29 anos, quando levavam para Nova York uma criança de seis dias de nascida. Cada «baby» era vendido por 250 dólares, e, segundo apurou a polícia dos dois países, nos últimos doze meses de trabalho, o bando já vendera vinte crianças. E' possível que, com as diligências realizadas e a detenção do casal Shinder, o grupo se disperse, ou fuja.

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA COLUNA DE TESTES

1 Qual o país que é duas vêzes maior que a Europa:

— O Brasil?
— A China?
— A Rússia?

2 Qual destas elevações é a mais alta:

— O Pão de Açúcar?
— A Tôrre Eiffel?
— O edifício do "Empire State", em Nova York?

3 Quantos elevadores possui o "Rockfeller Center", de Nova York:

— Duzentos?
— Cento e trinta e cinco?
— Oitenta e seis?

4 Em que parte do nosso corpo está o osso chamado esfenóide:

— No pé?
— No crânio?
— No tórax?

5 Quem fundou o primeiro jardim zoológico do Brasil:

— D. João VI?
— O inglês W. Stévenson Hamilton?
— O Barão de Drumond?

6 Destas três árvores, qual é que atinge maior altura:

— Sequóia?
— Eucalipto?
— Palmeira real?

7 Em que capital foi construído um lago, em seu Zoo, para abrigar uma baleia viva:

— Londres?
— Estocolmo?
— Buenos Aires?

8 Que vem a ser *ticpolonga*:

— Uma aranha da China?
— Uma cobra do Egito?
— Uma ave do Canadá?

9 Qual o mais falado dos idiomas do mundo:

— O inglês?
— O espanhol?
— O chinês?

10 Quais os diamantes julgados mais puros:

— Os azuis?
— Os negros?
— Os brancos e cristalinos?

11 Qual foi o fim trágico do transatlântico "Titanic":

— Devorado pelo fogo?
— Partido ao meio por um iceberg?
— Pôsto a pique na primeira grande guerra?

12 Quem disse isto: "E' mais fácil conservar na língua um carvão em brasa do que um segrêdo:

— Sócrates?
— Napoleão?
— Tiradentes?

13 O talismã é de origem:

— Indígena do Brasil?
— Dos negros africanos?
— Do Egito e Caldéia?

14 Em qual dêstes países cabe à noiva pedir a mão do noivo:

— Na Arábia?
— Na Groenlândia?
— Na Patagônia?

15 Qual a mais perfeita cristalização mineral:

— O diamante?
— O ouro?
— Ou o mercúrio?

Resposta 0: estado primitivo — Homem macaco.
De 1 a 3: cultura inferior — Selvagem.
De 4 a 6: cultura média — Estudante ginasial.
De 7 a 11: cultura superior — Universitário.
De 12 a 14: um sábio.
Tôdas as 15: um gênio em pessoa.

(Respostas na página 40)



Esta é a vila de Oradour-sur-Glane, como se apresenta hoje, vista da estrada principal. Casas desmoronadas e desertas. Aqui morou uma população que foi, brutalmente, massacrada pelos desumanos nazistas dos bandos SS. Dos 650 habitantes, 642 pereceram no fatídico 10 de junho de 1944...

A TRAGÉDIA DE ORADOUR

No dia 6 de junho de 1944 os aliados desembarcavam na Normândia. Quatro dias depois um lugarejo nas imediações de Limoges, Oradour-sur-Glane, era totalmente arrasado e os seus habitantes massacrados, na quase totalidade, por um grupo da divisão «SS Das Reich».

Apesar das graves preocupações decorrentes da guerra em curso, o marechal Rommel, comandante dos exércitos do norte, ficou tão indignado que, sôbre o fato, escreveu pessoalmente a Hitler uma nota de protesto na qual frisava: «tais episódios enlameiam a farda alemã». Mas o Alto Comando nazista achou mais acertado aceitar as explicações de Dickmann, o chefete dos SS massacradores.

«AÇÃO ESPORÁDICA»

Na sua nota, redigida uma semana depois, dizia: «Uma ação esporádica do primeiro batalhão do regimento «SS Der Fuherer» nas vizinhanças de Limoges, produziu visível impressão nos seus habitantes. Tal medida de represália trouxe vantagens sensíveis ao moral das tropas». Essa nota fêz parte de um «dossier», que caiu nas mãos dos aliados e foi trazido como elemento de prova no processo de Nuremberg.

Kriegstagebuch der Feldkommandantur 588 é o título do «dossier» e significa em alemão («Jornal de Guerra do Comando 588»). Êsse mesmo «dossier» se encontra, atualmente, sôbre a mesa do presidente do tribunal de Bordeaux.

O pessoal da SS que tomou parte na chacina de Oradour somava 150 homens: boa parte dêles encontrou a morte nos campos de batalha da Normândia, lugar para onde se havia dirigido, naqueles dias, o «Das Reich».

O major Dickmann morreu na batalha de 18 de junho, quer dizer, logo depois do massacre de Oradour. Por isso não enfrentará nenhum outro tribunal onde daria os motivos que o induziram ao terrível morticínio. Depois de nove anos de pesquisas ainda não foi possível esclarecer o mistério sôbre as causas do martírio da infeliz aldeiola normanda. Fato aliás sem grande importância, mas que contribuiria, sem dúvida, para tornar mais monstruosa a hecatombe de 10 de junho de 1944.

Um dia antes, 9 de junho, o tenente-coronel Kemple havia sido sequestrado pelos guerrilheiros. O major Dickmann, que era seu amigo pessoal, resolveu, então, vingá-lo: porém, por que escolheu os habitantes de Oradour-sur-Glane, que distava pelo menos cinqüenta quilômetros do local do seqüestro? O Kriegstagebuch não faz menção se havia suspeita que Oradour, com seus 700 habitantes, fôsse um centro de «maquisards». A não ser que o comandante hou-



Interior da igreja de Oradour, que foi a sepultura de centenas de mulheres e de crianças. Na foto vê-se um monte de cinzas humanas recolhidas.

O MARTÍRIO DE 642 HABITANTES DA VILA NORMANDA ★ DUAS HORAS DE MASSACRE ★ OS NAZISTAS DO MAJOR DICKMANN ★ OITO SOBREVIVENTES DA TRAGÉDIA ACUSAM OS RÉUS NO TRIBUNAL DE BORDEAUX ★ ENFIM O VEREDICTO DE BORDEAUX: CONDENADOS A TRABALHOS FORÇADOS

vesse trocado Oradour-sur-Glane com Oradour-sur-Vayres, onde existia, de fato, um depósito de armas. Mas os oficiais alemães — como é sabido — conheciam a geografia dos países ocupados melhor do que os próprios habitantes. Uma testemunha, além disso, confirmou que o major Dickmann tinha uma carta topográfica onde estavam assinalados, com minuciosa precisão, todos os centros de resistência.

A explicação, pois, deve ser procurada nos fatos que determinaram o extermínio da população. Não houve, naquele dia em Oradour, nem interrogatórios, nem buscas determinadas por parte dos nazistas. Nem tão pouco o saque estava nos planos de Dickmann. Antes de ordenar o cêrco da localidade deu instruções aos seus homens. E foram categóricas: — qualquer tentativa de apropriação seria punida com a fuzilação. Oradour estava destinada à destruição total, nem os objetos, nem ninguém deveria escapar. A matança, o incêndio, sòmente pelo prazer de matar e de incendiar (era o pensamento de Dickmann). 10 de junho era um sábado; dia de feira em Oradour-sur-Glane. O «Hôtel Milord» estava à cunha: as crianças das escolas se encontravam reunidas para a visita médica de fim de ano. Era em suma um dia de insólita agitação.

OS OITO SOBREVIVENTES

Dickmann agrupara os seus homens numa posição que dominava a região: com a carta topográfica na mão, distribuiu a cada um o que devia fazer. A «operação» deveria começar às 14 e terminar às 16 horas. Segundo os seus cálculos duas horas eram suficientes para riscar o nome de Oradour da face da terra. Antes de despedir os seus homens ainda os recomendou: — «Comportai-vos como se estivésseis numa batalha». Quem eram os homens do major Dickmann? Naquela época, eram quase todos jovens de 20 anos. Alguns até com 17. Dos cento-e-cinqüenta SS que participaram da horrenda carnificina, sòmente 22 sentam-se hoje no banco dos réus. Os que não morreram na guerra, vivem livres e injustiçados na Alemanha Ocidental. A justiça francesa não conseguiu capturá-los. Os culpados que se encontram foragidos são em número de 50: entre êles se encontram oficiais e boa parte dos suboficiais da fatídica divisão nazista.

Os vinte-e-dois réus do tribunal de Bordeaux são, na maioria, homens de caserna e doze dêles são alsacianos: êsses últimos foram presos à viva fôrça.

As lembranças dos culpados, alemães e franceses, são vagas e imprecisas. As suas respostas não diferem substancialmente. Frases como — «Nein, Herr Prasident — Non, monsieur le president», são alternativas enfadonhas dêsse interrogatório. A reconstrução dos fatos é feita pelas testemunhas oculares: oito pessoas apenas: dos 650 habitantes de Oradour, 642 foram trucidados (55 crianças com mais de cinco anos, 147 rapazes, 193 homens e 240 mulheres).

Os oito sobreviventes conseguiram escapar em circunstâncias quase milagrosas. O mais moço, entre êles, tem 17 anos; então contava nove anos. Dias antes seu pai lhe havia recomendado: «Se os boches vierem, fuja para o bosque, atrás do cemitério». Roger Godfrin se encontrava naquele dia, como todos os outros meninos de Oradour, na escola, à espera da visita médica. De repente se apresenta na aula um soldado alemão e grita: «Raus! Raus!» («Heraus», Fora!). As crianças ficaram perplexas, imóveis, petrificadas. Roger, porém, fêz tudo para atrair as irmãzinhas e se pôs a



Um dos sobreviventes da tragédia de Oradour foi o jovem Roger Godfrin, que vemos aqui chegando para depor no processo de Bordeaux.



Esta é madame Rouffanche, a única sobrevivente das duzentas mulheres e crianças que pereceram na igreja. Rouffanche escapou, ferida, pela janela.



Eis alguns dos 22 culpados da terrível chacina de Oradour, no banco dos réus em Bordeaux. Os demais morreram ou estão livres na Alemanha.

correr. Se a sorte não lhe tivesse favorecido, talvez não conseguisse escapar. Um dos SS disparou, porém não lhe alvejou. Na fuga, escondendo-se nos muros das casas, o mocinho perdeu uma sandália. Sempre se escondendo conseguiu alcançar o cemitério: escondido ali, avistou o padeiro com sua mulher e duas meninas. O padeiro lhe bradou: — «Onde vai? Esconda-se». Roger hesitou um pouco, depois prosseguiu na corrida. Naquele instante chega uma patrulha de SS e prende os infelizes. Enquanto a família do padeiro era massacrada à metralha, Roger se atirou n'água do Glane, escapando assim à morte.

NENHUMA PIEDADE

Quando os nazistas entraram na vila não houve mais tempo para fugir. Até que não ecoaram os primeiros disparos, todos continuavam a pensar que se tratasse de um mero contrôle da posição militar de cada um. Os homens do major Dickmann, de fato, agiram com uma técnica preestabelecida. Começaram prendendo os homens e os conduzindo a cinco pontos onde os esperava os pelotões de execução.

Para fazer mais depressa entraram em ação as metralhadoras ao mesmo tempo. A ação foi tão fulminante que, apesar dos tiros, nenhum dos habitantes de Oradour imaginou que estivesse tão perto da morte.

Monsieur Broussadier (um dos oito que vieram depor no tribunal de Bordeaux) se deixou cair um instante antes que as metralhadoras começassem a disparar, aproveitando um segundo de suspensão que há entre a ordem de «fogo» e a primeira descarga. Os que estavam perto lhe caíram por cima. Instintivamente — êle nos conta — agarrou a mão de seu companheiro de desventura que estava mais perto, e que gemia, apertou-a. Inùtilmente. O enfermeiro da divisão (que se encontra entre os culpados de Bordeaux) tinha o encargo de dar o golpe de misericórdia. Broussadier sentiu sôbre as suas costas as botas do sanguinário: ouviu um disparo e a mão do seu companheiro se enregelou para sempre.

Mais dois, dos 123 justiciados se salvaram, mais ou menos como Broussadier.

Quanto às mulheres os nazistas não se deram ao cuidado de empurrá-las para fora de suas casas. Sabiam que elas correriam espontâneamente aos lugares (os SS escolheram de preferência as terras desta ou daquela feitoria) onde foram realizadas as execuções.

Em parte, correram para os cadáveres de seus maridos. Quanto àquelas que não tinham maridos nem filhos, os alemães, como gatos no jôgo com os ratos, sabiam já onde fatalmente deveriam procurar refúgio. Em pouco tempo a igreja ficou cheia de mulheres e de crianças: num total de mais de duzentos sêres humanos. Puseram, então, um explosivo debaixo de uma pedra da âbside. Uma única mulher, madame Rouffanche, conseguiu salvar-se, atirando-se, ainda que ferida, de uma janela.

Logo em seguida, para maior segurança, os homens de Dickmann atearam fogo na igreja. E aquêle devia ser o sinal que marcaria a completa destruição da infeliz Oradour. Aquêles que não morreram metralhados, sucumbiriam nas chamas.

A condenação a trabalhos forçados nas prisões para os 22 réus causou espécie. Uns acharam-na justa. Outros, que não correspondeu. As famílias ficaram inconsoláveis. Enquanto isso, dizem, os demais culpados vivem sossegados. Soltos na Alemanha Ocidental sob as vistas dos aliados...



Instante em que a mãe de «Malgre Nous», sente-se visìvelmente abatida, com a condenação do filho a 6 anos de prisão pelo tribunal de Bordeaux.

CONTA-ME teus Sonhos

MARIA PAULA

● ESFINGE (Uruguaiana)

SONHO: — Já é a 4ª ou 5ª vez que sonho isto: Vou caminhando por uma rua, uma praça, ou um campo e, pela estrada, começo a juntar moedas; quanto mais as apanho, mais surgem outras e outras, até que enchem sacos de infinidades de cruzeiros, em moedas novas, reluzentes e amarelas. A minha alegria não tem limites por me ver com tanto dinheiro e fico pensando em tudo o que posso comprar. E não imagina o quanto fico triste quando acôrdo e vejo que tudo foi sonho.

INTERPRETAÇÃO — Os sonhos que se repetem traduzem um estado de insatisfação que pode abranger desde a situação financeira até as aspirações mais transcendentes. O amor é um senhor que nos rouba a tranqüilidade e, às vêzes, até o sono; mas a senhora Fortuna não deixa de ser também uma dama escravizante do eu inferior. Dois sentimentos bem claros vejo no seu sonho: uma grande insatisfação no campo dos amôres (sonho que se repete) e um grande desejo de se ver rica da noite para o dia, a fim de libertar-se de alguma situação que lhe é bem desagradável (tristeza do despertar). Sua letra, bem como seu pseudônimo, encobre uma natureza ocultista e que gostaria de ser lisonjeada e apreciada pelos dotes que possui e pelos cabedais pessoalmente amealhados com avidez. Não obstante, você é pessoa de rígido caráter. Mas, escute aqui, Esfinge, não estou fazendo grafologia. Desculpe-me, sim?

● MARLY (São Paulo).

SONHO: — Estava viajando num navio cujo pilôto era um ex-namorado meu. Sentava-me junto dêle, bem pertinho, pois no mesmo banco estavam meus dois irmãos que viajavam sem passaporte. Pouco havíamos andado quando a polícia entrou no barco; quase morri de mêdo, pois não havia dito ao pilôto a situação de meus manos, mas êle a percebeu e soube disfarçá-la. Mais tarde meus irmãos haviam desaparecido e entrou na cabine uma garôta que se sentou entre nós, falando muito e chegando-se para perto do pilôto, embora êle não lhe desse confiança; numa sala envidraçada do navio, vi muitos rapazes, quase todos louros e bonitos; um dêles me mostrou uma carta e um recorte de jornal que se referia a meu pai; para fazer ciúmes ao meu marido, sentei-me tão junto dêsse rapaz que meus cabelos lhe roçavam a testa quando eu lia o jornal.

INTERPRETAÇÃO — Dizem os psicanalistas: tôdas as idéias dramatizadas que constituem o sonho, estão mascarando algum desejo, temor, ou inclinação indesejáveis. Marly, como tôda menina-moça, tem escondido, recalcado pelo zêlo de seus pais, o incipiente desejo do matrimônio, coisa, aliás, muito natural e justa (namôro com vários rapazes). Você garôta, gostaria de trocar a doce e feliz vida de estudante, por uma situação em que jogasse tôda a responsabilidade que lhe cabe sôbre os ombros de um espôso (pilôto do barco). Entretanto, raciocinando bem (polícia que invade o navio) reconhece ser cedo demais para iniciar-se na luta que é a vida de uma espôsa-modêlo; e, ludibriando-se a si mesma (viajantes clandestinos) continua estudando, um pouquinho sem vontade, não é? Você é muito jovem, Marly; procure ilustrar seu intelecto, pois o estudo nos ajuda a vencer os ataques desfechados aos nossos sentidos exaltados. Dos bons livros tudo você receberá. Se se casar mocinha como é, quando chegar o grande dia em que o amor verdadeiro se apoderar do seu coraçãozinho, você nada mais terá para lhe dar senão uma grande desilusão (moça a que o pilôto não deu atenção). Insisto: estude, aprenda a gostosa arte culinária, cultive também as outras e você terá outros tipos de sonhos, mais variados e mais belos.

● **LOURO (Rio)**

II SONHO — Sonhei que, em uma festa, entrava um padre católico, vestido como um médico: calça escura e avental branco aboatado à russa. Observei-lhe a indumentária e êle me respondeu que se vestia assim para não ser reconhecido.

INTERPRETAÇÃO — O padre e o médico têm um ponto de contato bem acentuado e interessante: ambos estão junto de nós, procurando curar-nos, um o corpo, outro, a alma. E ambos nos assistem na hora extrema, quando o anjo da morte nos ronda a porta. E' pois razoável que se camuflem e se interponham em nossa câmara fotográfica interna e nos revelem o retrato que dêles fizemos em nossa concepção. Como um bom sacerdote, o padre — no caso, a sua consciência — tem por dever guiar-lhe os passos e acompanhá-la mesmo nos salões de festa onde a **serpente embusteira** se desentoca para atacar-nos... A vida social rouba-nos dois terços de nossa vida interior, tirando-nos a oportunidade de fazer um estudo profundo de nós mesmos, ou de nos dedicar mais acuradamente às coisas do espírito e do intelecto. Daí, todo aquêle que possui sentimentos elevados — como a minha amiguinha deve possuir — se sente amparado, até mesmo em sonhos pelos mensageiros divinos, advertindo de algo que possa vir perturbá-la mais tarde.

NUM PURGATÓRIO DE PERGUNTAS

A ASSISTÊNCIA QUERIA SABER DEMAIS ★ PERGUNTAS QUE FICARAM SEM RESPOSTAS ★ MUITO UÍSQUE, ARENQUE EM SALMOURA E POUCO MATERIAL PESADO ★ E A HISTÓRIA CONTINUA ★ DIÁLOGOS E DESABAFOS

NINGUÉM pode importar uma cabeça de prego sem a licença prévia da CEXIM. O senador Alencastro Guimarães já a denunciou como principal responsável pelos trágicos desastres ocorridos na Central do Brasil — a ferrovia que mata um brasileiro, dia sim, dia não — o órgão incumbido de fornecer divisas à indispensável compra de material para o respectivo equipamento do nosso parque ferroviário. Todavia, a Central do Brasil ficou desaparelhada. A Panair, em março do corrente, quase paralisou os seus «Constellations» por falta de velas e outras peças necessárias à segurança do vôo. A CEXIM não deu divisas. As companhias de eletricidade, por sua vez, com milhões e milhões de cruzeiros armazenados no Banco do Brasil, só conseguem irrisórias cotas da CEXIM. O «Correio da Manhã», em suas edições de 18 e 19 de abril do corrente, dá notícias da chegada de 240.000 garrafas de uísque destinadas a um só cidadão residente em Fortaleza, no Ceará. O referido comerciante trabalha com o ramo de tecidos... Acontece que êle é o presidente do P.T.B. local.

Enquanto serviços urgentes que custam milhões de cruzeiros por dia estão ameaçados de paralisação, por falta de autorização para importação de máquinas de precisão, a CEXIM, dizem as reclamações, permite a importação de diamantes, de atuns e arenque em salmoura. E apontam os números das licenças: D.G. 5564-232570 e D.G. 5565-232569.

Até linha de algodão para bordar, no valor de mais de seis milhões de cruzeiros, chegou ao Brasil, em janeiro, procedente da Inglaterra. E lá se vai o barulho.

A fim de explicar êstes fatos e outros de que o público não tem conhecimento, a Associação Comercial convidou o sr. Coriolano



«Não sou proprietário da C.E.X.I.M» — declara com ênfase o senhor Coriolano de Góis.



«A palestra do doutor é muito bonita, mas não convence» — exclamou o comerciante.



«Acho-te uma graça!» — diz um dos presentes ao debate da Associação Comercial.



«Há mais de um ano não recebo uma só peça». A culpada é a CEXIM (Muito bem).



de Góis, ex-chefe de polícia e atual diretor da CEXIM, para uma mesa redonda.

O 13° andar do majestoso edifício à rua da Candelária ficou superlotado. E teve início a sessão, falando o sr. Zeferino Contrucci, assistente do diretor, que disse patèticamente:

— A nossa experiência tem sido à custa de erros! E' freqüente, no sistema atual, que licenças sejam concedidas depois de passada a oportunidade da importação. «Iniciaremos uma reforma enérgica dos nossos serviços. Serão eliminadas as demoras insuportáveis.»

A assistência, cansada de ouvir promessas, resolveu iniciar os debates:

O sr. Fernando Pereira Braga, por exemplo, contou que há tempos uma comissão de comerciantes e industriais, desejando importar produtos da Holanda, procurara o diretor da Carteira. A resposta da CEXIM: — Não é possível, pois o Brasil já deve muito àquele país. .

Houve nova tentativa e o resultado foi o mesmo. Acontece que, com surprêsa do comércio, em geral, de 1 a 15 de janeiro de 1953 foram conseguidas nada menos de sessenta e sete licenças relativas à Holanda, para uma só firma. Note-se que a referida organização começara a funcionar há um ano precisamente. . .

O sr. Coriolano de Góis respondeu mais ou menos o seguinte:



500 comerciantes, industriais e economistas, de todo o Brasil, reunidos neste salão acham que jogaram a CEXIM do 13º and. da A. Comercial ao chão.

— A licença foi dada porque a dívida do Brasil com a Holanda já era menor. Ademais, a firma em questão estava em dificuldades para fazer funcionar a sua indústria de alimentos.

Aí o sr. Pena Borges retrucou:

— Se V. Excia. atendeu a uma indústria nova, por que não atendeu às outras?

Resposta:

— Os pedidos das outras não estavam convenientemente instruídos...

As discussões iam tomando corpo, quando o sr. L. Lenver, antigo exportador, gritou:

— O de que o Brasil precisa, com urgência, é acabar com a CEXIM!

As palavras do aparteante foram abafadas por uma salva de palmas.

Os comercintes fizeram desfilar um rosário de queixas. Um diretor de uma firma importadora gaúcha afirmou:

— A minha firma, há mais de catorze meses, não recebe uma só peça, embora tenha pedidos encalhados na CEXIM. Cada lista de licenças publicadas é um verdadeiro escândalo em meio aos exportadores do ramo. Precisamos de critério e de eqüidade na concessão. E, a seguir, o sr. Lemos Bastos fêz a grave revelação:

— Os sobrepreços denunciados pela Associação Comercial há mais de um ano foram

(Cont. na pág. 42)



«Os dois extremos se tocam». A CEXIM e a Associação Comercial, como bons amigos.



E aquela licença de duzentos e quarenta mil litros de uísque para um comerciante têxtil?

JEAN RENOIR FALA SÔBRE: "RIO SAGRADO"

Por CLAUDE CARRIGUEL

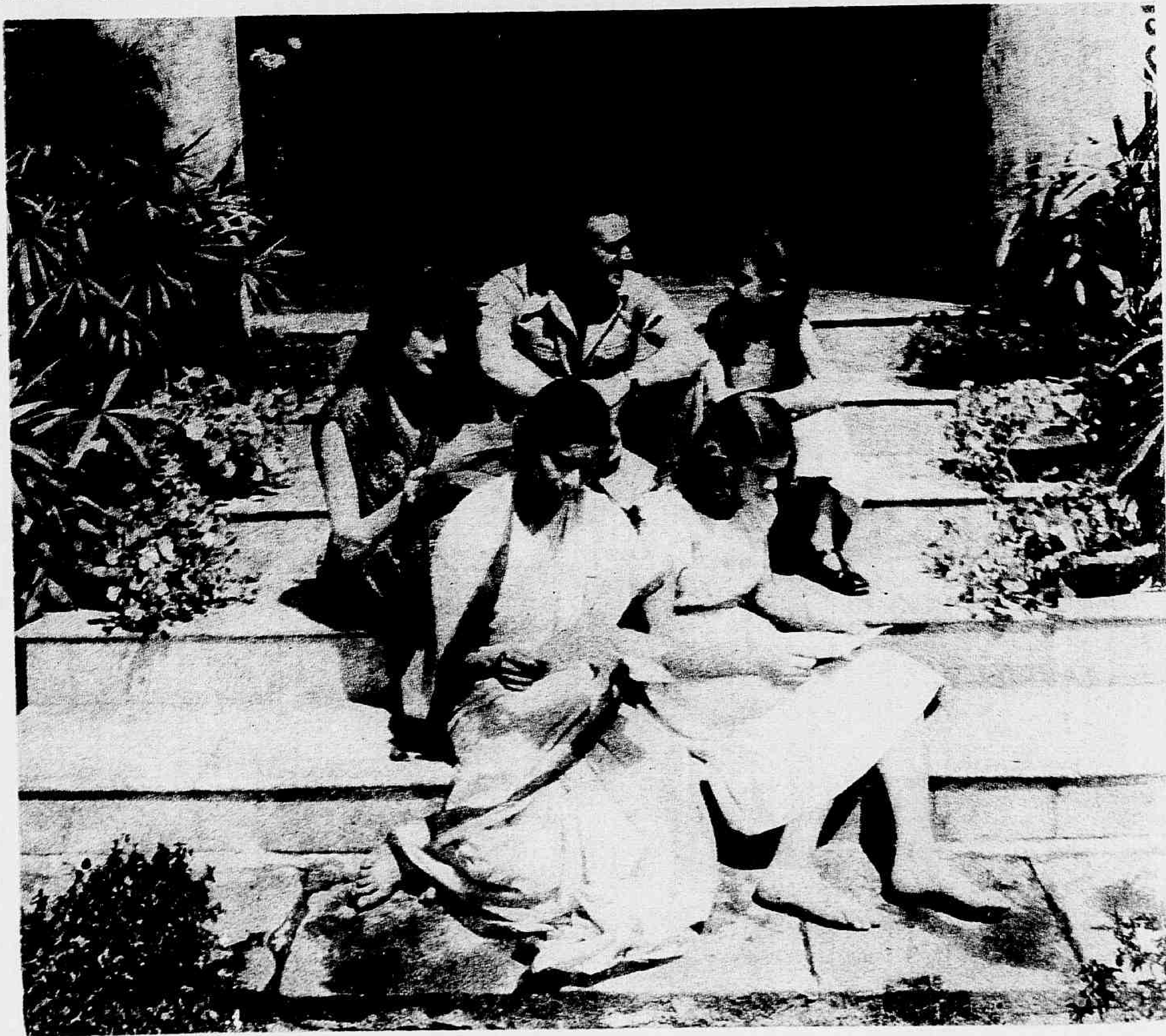


Jean Renoir é sempre assim: — amável, sorridente, mesmo quando se acha «abafado».

EU nunca encontrara Jean Renoir na Europa, mas poucos dias após a minha chegada à Califórnia, êle me telefonou, pois soubera que eu queria vê-lo. Se, em Paris, eu apresentara diversas vêzes certas películas suas que me pareciam constituir a obra mais pessoal do cinema europeu, inclusive as obras-primas da escola russa, sempre tivera grande curiosidade de conhecer o autor de «La Grande Illusion» e de «La Règle du Jeu», isto é, do homem, quem sem dúvida, mais havia pôsto de si mesmo nas suas películas.

Vi Jean Renoir várias vêzes, ora em sua casa, ora no estúdio, sempre o mesmo, sempre sorridente. A primeira vez foi por ocasião de uma exibição particular, para alguns amigos, da sua última película, «The River», que despertou grande entusiasmo, apesar de incompletamente montada e apenas parcialmente colorida.

Telefonei-lhe muitas semanas mais tarde, pois tinha várias perguntas a fazer-lhe em nome da IPA e o nosso encontro fôra cancelado diversas vêzes, devido a contratempos de um lado e de outro. Atravessei, pois, Summit Drive, onde morava Charles Chaplin, e uns quarteirões além dobrei por uma ladeirinha escarpada, quase vertical, e em desacôrdo com as possibilidades dinâmicas do



Não se pode dirigir um filme de enrêdo, sem que os artistas fiquem inteirados dos respectivos papéis. Aqui alguns estudando-os.



Uma cena do filme «Rio Sagrado», com episódios típicos daquela região indiana, com os famosos e sempre focalizados «encantadores de serpentes».

O FAMOSO DIRETOR NA INTIMIDADE ★ SEU PRIMEIRO CONTATO COM AS INDIAS ONDE O FILME FOI RODADO, E A SUA OPINIÃO SÔBRE OS INDUS EM GERAL ★ CHAPLIN CONSIDERA RENOIR UM DOS PRIMEIROS DIRETORES ENTRE OS QUE VIVEM...

meu carro: tal é o caminho para a casa de Jean Renoir.

Estaciono num grande pátia desenhado com precisão e enquadrado numa casa ampla, projetada pelo próprio Renoir. No interior, grandes paredes esbranquiçadas onde se encontram quadros admiráveis, todos do seu pai. (Como se sabe, Jean e seu irmão Pierre, o grande ator, são filhos do célebre impressionista francês: e os mais extraordinários quadros do pintor estão ainda em poder dos dois). Uma espécie de porta de vidro corrediça separa a sala do jardim, dando a ilusão de que são uma só e mesma peça e de que os pássaros que saltitam daqui e dali estão dentro de casa. Grandes e confortáveis poltronas e canapés da côr clara formam um círculo em tôrno de uma imensa e feudal chaminé de tijolos côr de rosa. A antiga placa armoriada com flores de lis provoca invariàvelmente a admiração dos visitantes. Êsse, o quadro: um ruído de passos... Jean Renoir adianta-se claudicando levemente, estende-me a mão.

— «Hello», Carriguel, como vai?

Um apêrto de mão, firme, nítido. Jean Renoir é um homem que poderia ser avô, mas cujo rosto conserva uma surpreendente frescura. Os olhos, sobretudo, incrìvelmente azuis, parecem os de uma criança. Sentamo-nos, mas Renoir se levanta de novo imediatamente:

— Iamos esquecendo as bebidas... Um «Scotch» ou um »Bourbon»?

Finalmente nos sentamos. As bebidas, os cigarros, tudo fim está pronto.

— À parte «The River», sôbre o qual vou interrogá-lo daqui a pouco, qual é a sua última película feita em Hollywood?

— Não diga «à parte», pois «The River» não tem absolutamente nada que ver com Hollywood. Para responder exatamente à sua pergunta, a minha última película é «Woman on the Beach», que terminei para a R.K.O. em 1943. Aliás, o seu êxito foi relativo e, que eu saiba, só foi apresentada na Europa em sessões excepcionais...

— Qual o assunto?

— O assunto? Hum... E' complicado e simples ao mesmo tempo. De um modo geral, tentei mostrar a evolução de relações puramente sensuais entre um homem e uma mulher. Quero referir-me a um amor isento de qualquer sentimentalidade, uma questão de pele.

— Diabo! E não teve aborrecimentos com a censura?

— Diabo! E não teve aborrecimentos com a censura?

— Homem, não tive, quero dizer, muitos, não. O assunto não era dos mais ortodoxos, mas os censores poderiam ter-se mostrado muito mais ferozes. A película sofreu mais com as mudanças no roteiro antes de ser tomada e com as muitas cenas que fui obrigado a fotografar depois. Foi a causa, segundo penso, de uma certa falta de unidade que talvez tenha pôsto os próprios atores em situação desvantajosa. Aliás, eram excelentes: Robert Ryan, Joan Benett e Charles Bickford...

— E, depois dessa película, que se pode considerar como a última da sua série de Hollywood e que encerra um período em que

JEAN RENOIR...

se destacam sobretudo «Le journal d'une femme de chambre» e «The Southerner» que, a despeito de certas críticas, estão entre as suas melhores obras, teve ocasião de ensaiar outras fórmulas?

— Sim, «Woman on the Beach» marca o ponto final das minhas películas nos grandes estúdios. Isto, veja bem, em caráter momentâneo, pois nunca se pode profetizar o futuro. Além disso, o trabalho com as grandes emprêsas é muito salutar; a gente se retempera em métodos rápidos, precisos. E, por mais que se diga, posso trabalhar muito depressa; é aliás a fórmula do futuro, com o aumento assustador do custo da produção. Em todo caso, no fim de 1948, tentei organizar uma pequena turma para fazer películas tiradas dos clássicos franceses. E' uma idéia que sempre me sorriu: eu reunira um grupo de talento, mas infelizmente não pude encontrar comanditários...

Pensei em outras coisas, sobretudo em certas propostas para trabalhar na Europa, quando encontrei Mac Eldowney. Devo dizer-lhe que eu adquirira os direitos do livro de Rummer Godden, «The River». Mac Edowney tinha arranjado uma combinação financeira para fazer uma película na India com um sistema de compensação em rupias e em dólares. Uma personalidade indu aconselhou-o a ler «The River», o melhor livro talvez escrito por um estrangeiro sôbre a India. Naturalmente êle soube que eu possuía os direitos de adaptação cinematográfica da obra, encontramo-nos e decidimos fazer a película.

— Foi então, se me informaram bem, que foi fundada a sua companhia de produção, «Oriental-International», não é?

— E' isso mesmo. Apenas, ninguém havia até então cinegrafado uma película inteira na India. Nem sequer sabíamos se isso seria possível. Parto, pois, para a India em janeiro de 1949, a fim de estudar o assunto e ver qual seria a melhor maneira de escrever o roteiro.

— E qual foi o seu primeiro contato com as Indias?

— Fascinante, extraordinário, fantástico. No entanto, cheguei primeiro em Calcutá, que é uma cidade industrial até feia, dizem... Pois bem, Calcutá já é extraordinária. O que mais me impressionou foi a delicadeza dos tons. Os rosa, os verde-pálidos, os azul-macios... Compreendi imediatamente que não fazer a película colorida seria uma monstruosidade...

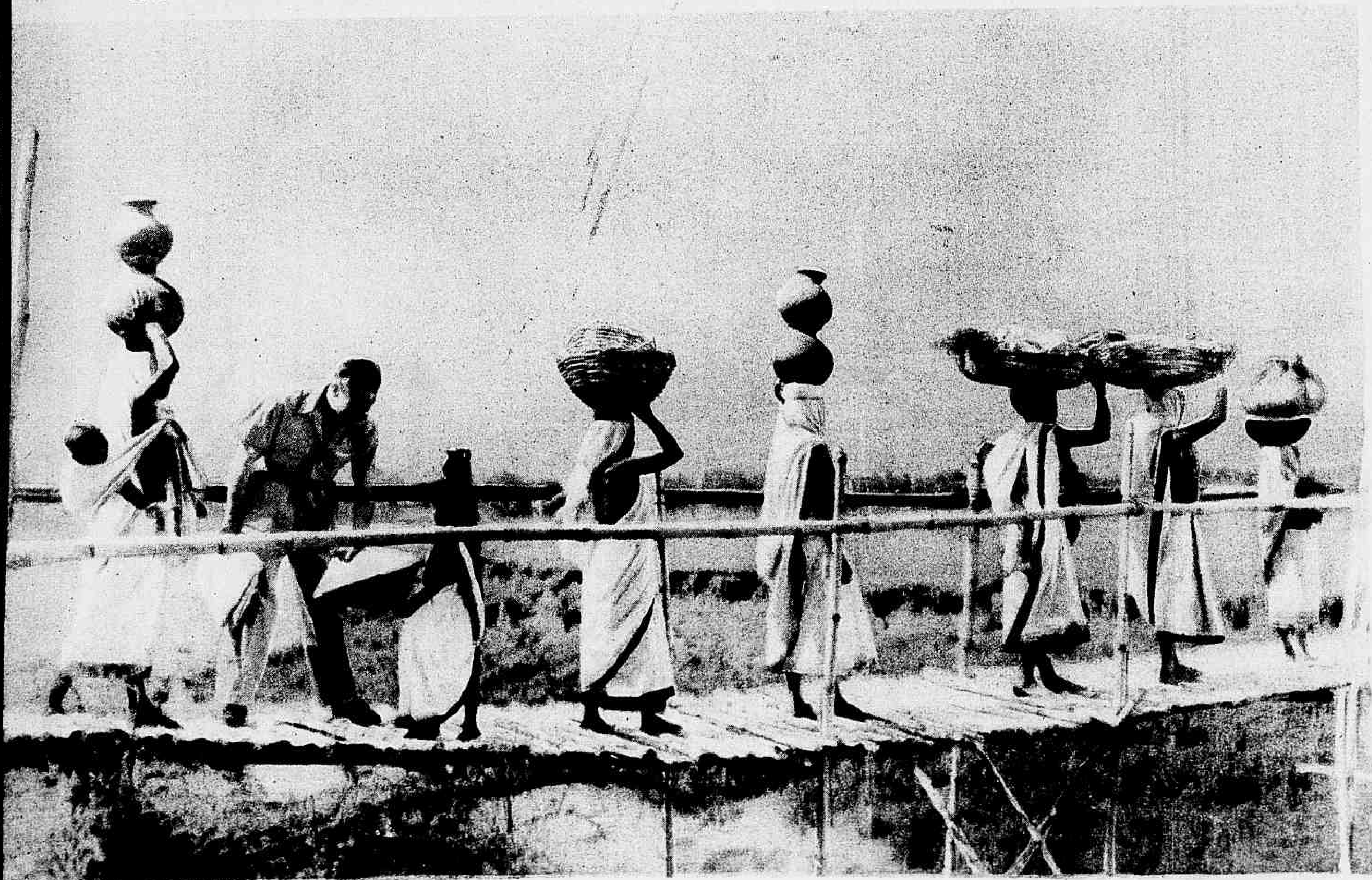
— E que pensa dos indus em geral?

— São filhos de deuses. Todos têm maneiras principescas, maneiras próprias para películas. A beleza das atitudes, muito mais que a dos templos e dos monumentos, é algo de inesquecível. Você passa por um rapaz na rua, imagina logo que é filho de um rajá, pois não é nada disso, é um simples mercador, um pobre. A miséria também é inesquecível. As criaturas são tão infelizes que a gente hesita em fazer qualquer coisa por elas, de tal modo a sua miséria ultrapassa as possibilidades humanas. Há no país um problema urgente, um dos mais importantes para a humanidade de hoje; dar aos povos da India um nível de vida decente.

— Teve a ocasião de descobrir, ou pelo menos de conhecer, o



Shiwa, um dos deu... ligião indu, receb... gens de Radha, b... grandes méritos, ... mos na cena final



Uma ponte das mu... muns na India, q... vessada por vár... numa das cenas d... ximas a uma popu...

Remadores através... vas águas do Rio... Ganges), cujas na... das neves eterna... tentes do monte...



cinema indu que, se não me engano, era o segundo do mundo antes da guerra, quanto ao nmero de películas produzidas, logo depois do Japão, no mesmo plano que o de Hollywood? Henri Michaux, o escritor de «La Grande Garabagne» e de «Un barbare en Asie», afirma que o cinema indu é um grande cinema. Qual a sua opinião?

— Aí está uma pergunta difícil, replicou Jean Renoir, acendendo o cigarro; sobretudo para um estrangeiro. O cinema indu contém, em potência, extraordinárias possibilidades. Mas está no mesmo ponto em que se encontrava o cinema francês no fim da primeira guerra, após o que eu chamarei de primeiro período, que viu as obras de Méliès e de Max Linder; isto é, devemos confessá-lo, numa espantosa confusão. Mas foi dessa confusão que nasceram o gênio e a audácia, o mesmo se dará com a Índia. Sim, porque êles têm tudo o que é preciso para se fazer um grande cinema. A indústria nascente, o sol e uma luz perfeita. Uma gente que tem o senso da beleza à flor da pele, o gênio do teatro no sangue. Há o signo da grandeza em tôdas as esquinas, e sobretudo, no meio de tudo isso, um ambiente propício, uma atmosfera de tradições e de mitos presentes. Êsses elementos poderiam favorecer e favorecerão um grande cinema indu autêntico.

Do mesmo modo que, após a primeira guerra, surgiu a reação francesa contra o inimaginável melodrama que invadia as telas, percebe-se na Índia, por certos indícios, uma reação semelhante.

As películas atuais têm um gôsto surpreendente pelo drama, com um acúmulo sistemático das mais tremendas desgraças. Há, naturalmente, muitas canções e danças também, mas à parte uma certa lentidão, que não se sabe muito bem se é propositada ou resultante de inabilidade, não se pode pròpriamente falar em estilo indu. Excetuarei as películas religiosas. Não são muitas, ao contrário do que se poderia supor. «Kalpana», de Udai Shankar, conta uma estranha história, num estilo original, de uma lentidão quase insuportável. Feita em 1945, a película é muito curiosa e tem uma fôrça indiscutível.

Mas ainda não se pode falar em clássicos no sentido europeu do têrmo. Naturalmente tudo isto está baseado numa experiência íntima e não pode ter um caráter definitivo. A partir de 1930 foram feitas sem dúvida grandes películas na Índia. Mas quais? O problema está todo aí, e é muito difícil para um europeu, por motivos evidentes, informar-se e adquirir certezas.

Nesse momento o telefone tocou, Jean Renoir levantou-se:

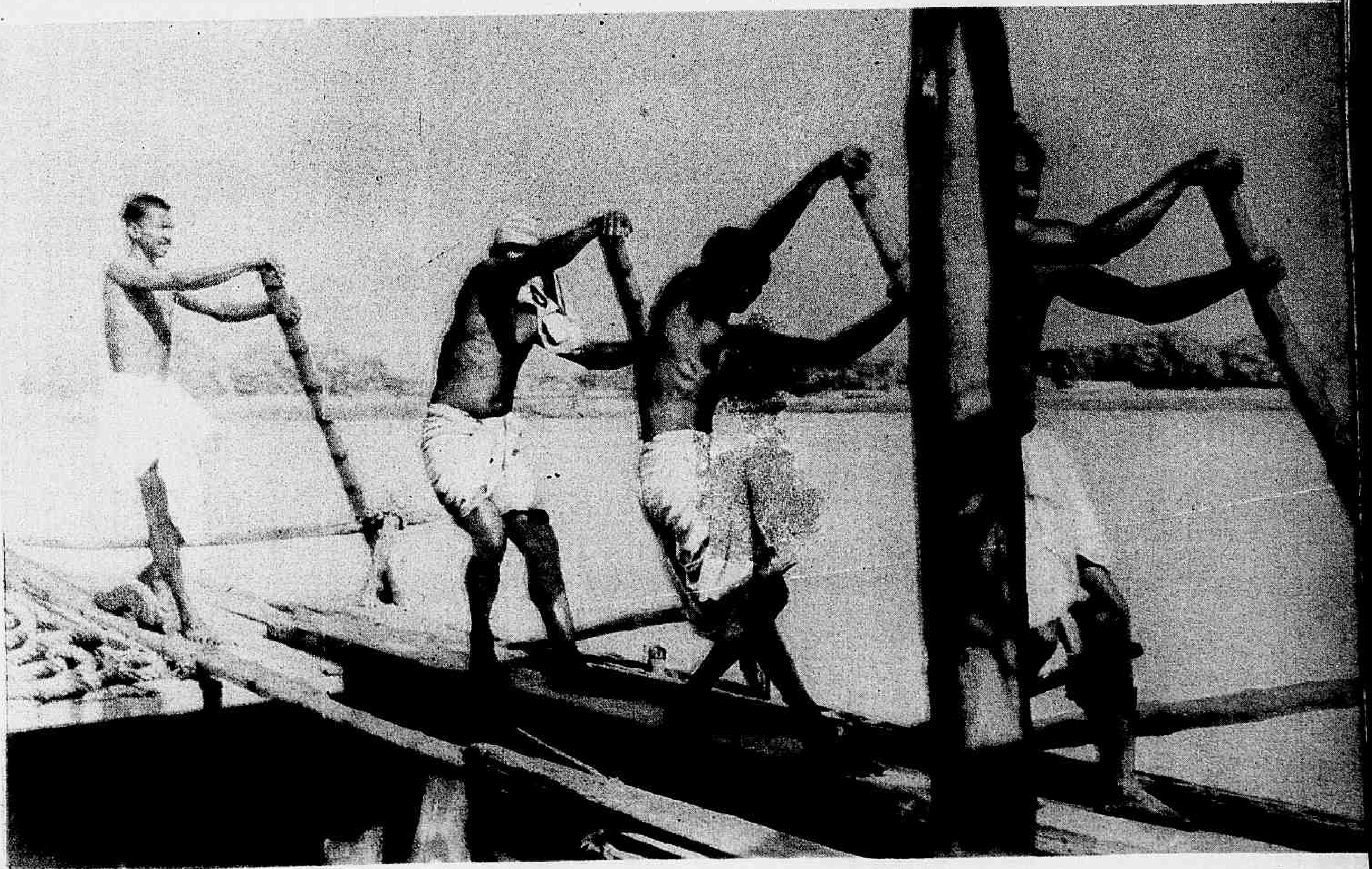
— Desculpe-me um instante — e me deixou sòzinho.

Brochuras e fotografias em desordem sôbre a mesinha na minha frente: tomei algumas ao acaso, eram paisagens de «The River».

Eu já vira «The River» algum tempo antes. Era-me geralmente difícil diante de uma obra de Jean Renoir dar mostras de um senso crítico completamente imparcial; entretanto, não julgo ter-me enganado considerando «The River» a sua obra-prima. Depois de «La Règle du Jeu», que outra película poderia disputar êsse título? «The River» é uma obra da envergadura de «Paisà» ou de «Monsieur Ver-

(Cont. na pág. 41)

dos deuses da re-
, recebe homena-
adho, bailarina de
ritos, como vere-
a final da liturgia.



das muitas tão co-
ndiç quando atra-
or vários nativos
cenas do filme, pró-
a populosa aldeia.

atravessando as tur-
do Rio Sagrado (o
cujas nascentes vêm
s eternas nas ver-
monte Himalaia.

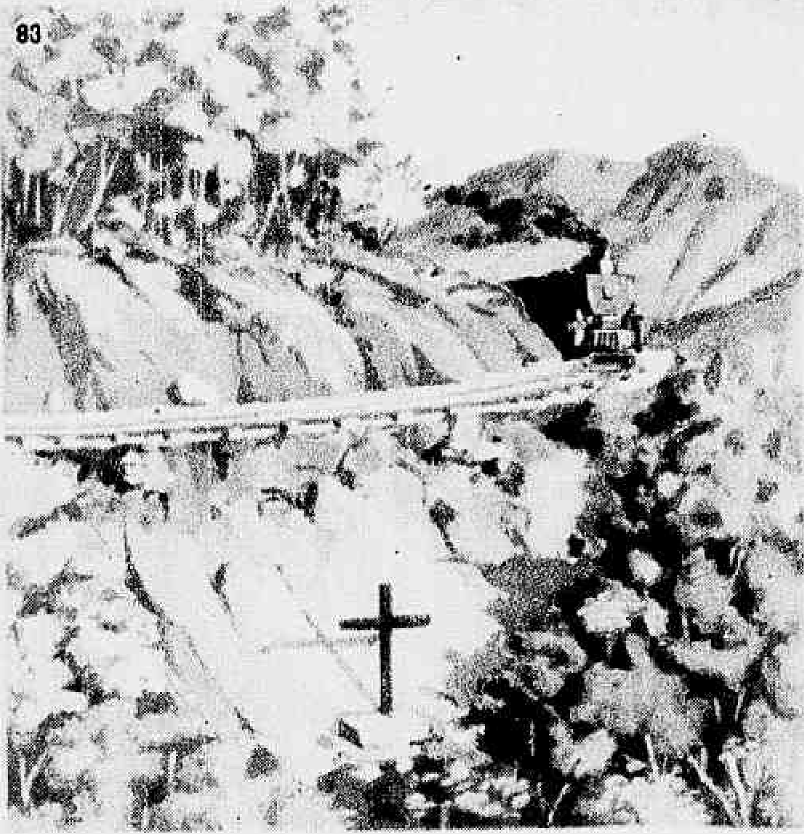
16



84



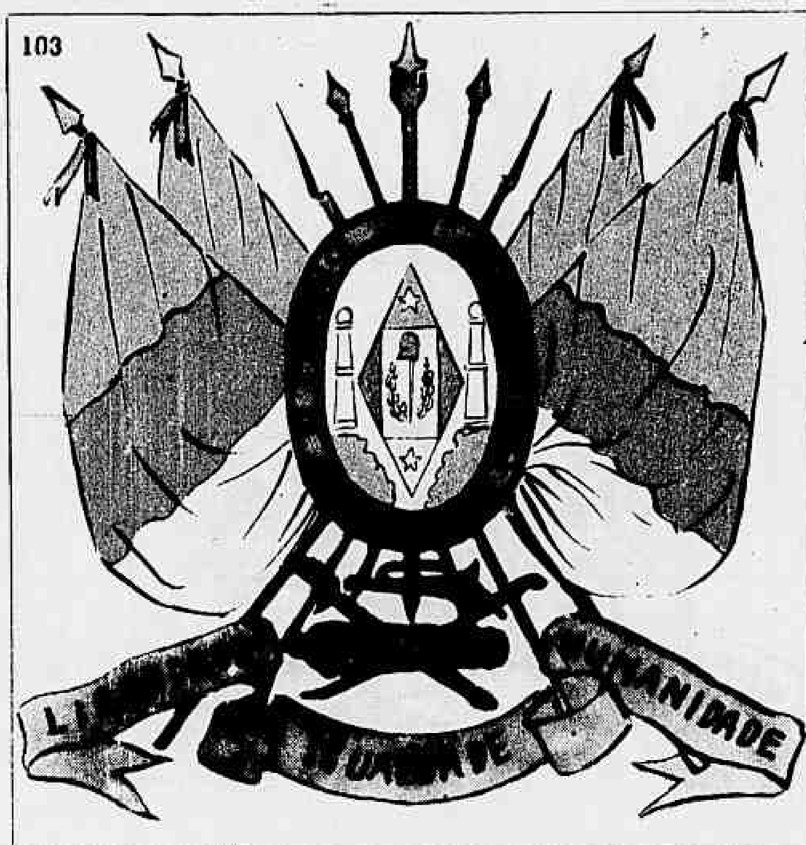
83



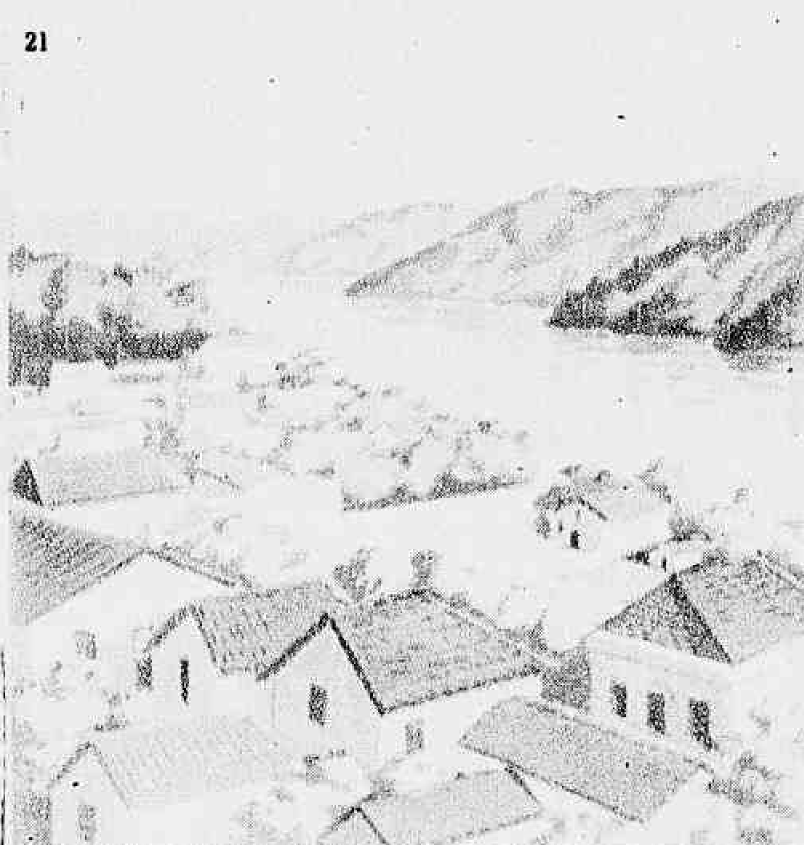
33



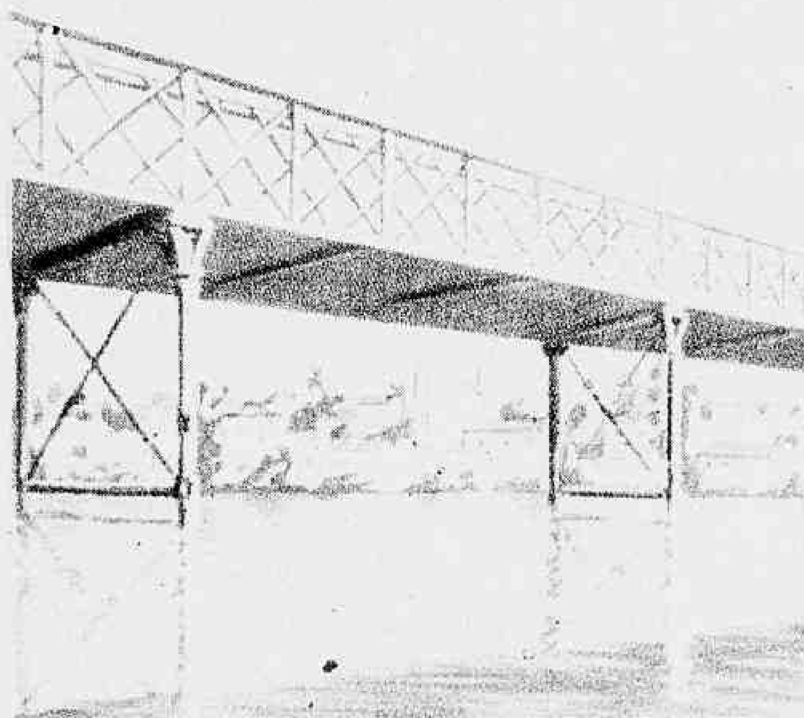
103



21



23



47



13

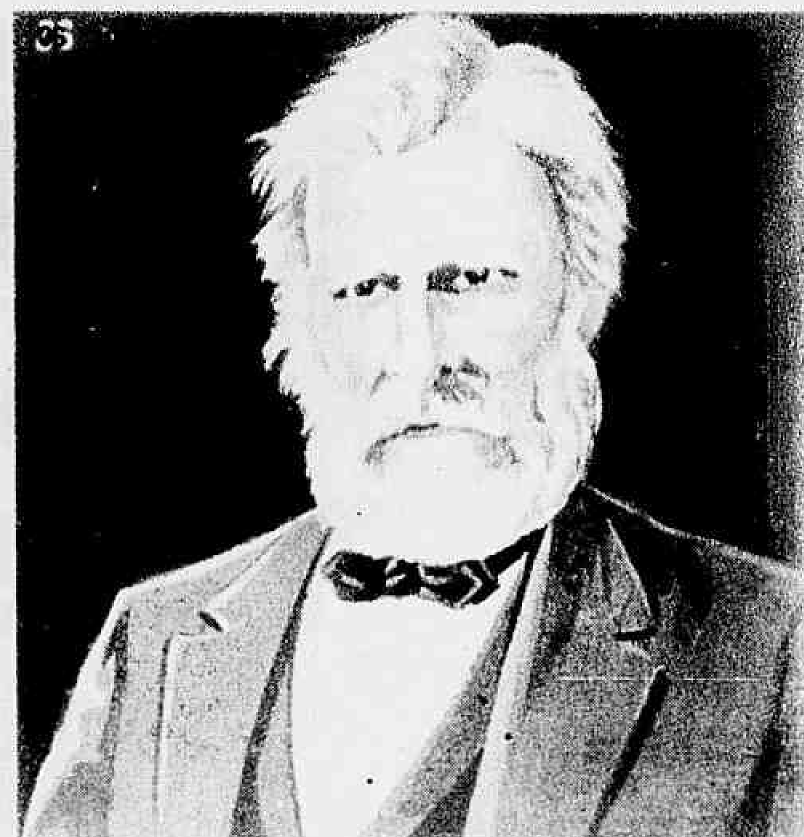


108



121







Imensa multidão compareceu ao local prèviamente marcado, na cidade de Buenos Aires, para ouvir importante discurso do Gen. Peron. Todos os sindicatos da capital se fizeram representar, enchendo-se a Praça de Maio, quando, mal começava o Presidente, explodiram duas dinamites.

FOGO E SANGUE NA ARGENTINA

(Fotos United Press — Keystone — France Presse)

ESTAS páginas encerram uma reportagem ilustrada com referência aos lamentáveis acontecimentos que agitaram a República Argentina, a começar pelo espetacular suicídio do sr. João Duarte, irmão da senhora Eva Peron e, portanto, cunhado do Presidente Peron, além de pessoa que exercia função de especial confiança junto ao chefe do govêrno platino. Deixou êle uma carta já bastante divulgada em que diz ter procurado no gesto extremo o remédio contra as injúrias de que estava sendo vítima, acusado que fôra como desonesto. E concluiu protestando amizade ao Presidente Peron. Dias depois, durante uma concentração pública em que falava o Presidente da República, explodiu uma bomba. Então o povo, sob as vistas complascentes, para não dizer com a assistência estimuladora das autoridades, saiu depredando sedes de partidos não adeptos do Govêrno e pontos onde habitualmente se reúnem elementos não chegados à política governamental. O noticiário minucioso dos tristes fatos já consta de jornais; aqui vai estampada uma reportagem fotográfica com os principais flagrantes referentes ao sofrimento da grande nação irmã e amiga, diante do qual, de certo, não serão totalmente indiferentes os habitantes de seus irmãos sul-americanos, ao menos para fazer votos pela tranqüilidade daquela gente laboriosa e progressista.



Registraram-se várias mortes com os efeitos dos petardos, saindo ferido grande número de manifestantes colocados na área do atentado.



Stefan Jacyna, domador de elefantes, no momento em que era detido como suspeito de ter atirado a bomba que explodiu na estação do Metrô.



O Presidente Peron visita um dos feridos nos deploráveis acontecimentos de 17 de abril, quando tôda Buenos Aires ferveu em boatos.



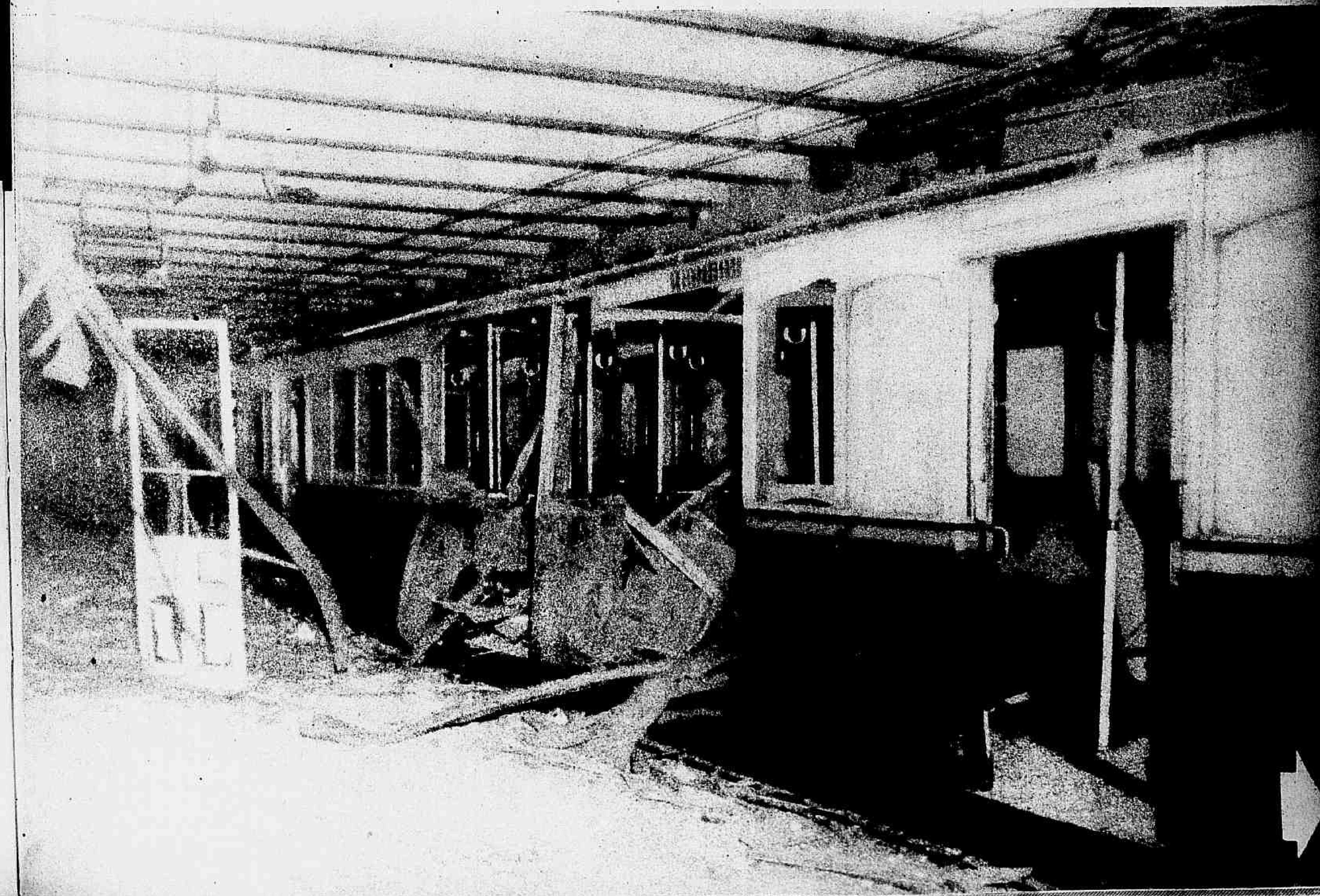
Depois que a multidão enfurecida incendiou o Jóquei Clube de Buenos Aires, como sede do antiperonismo, os bombeiros dominam as chamas.



Flagrante dos estragos que causou a bomba colocada na estação do «subway» de Buenos Aires, por ocasião do discurso do Presidente Peron.

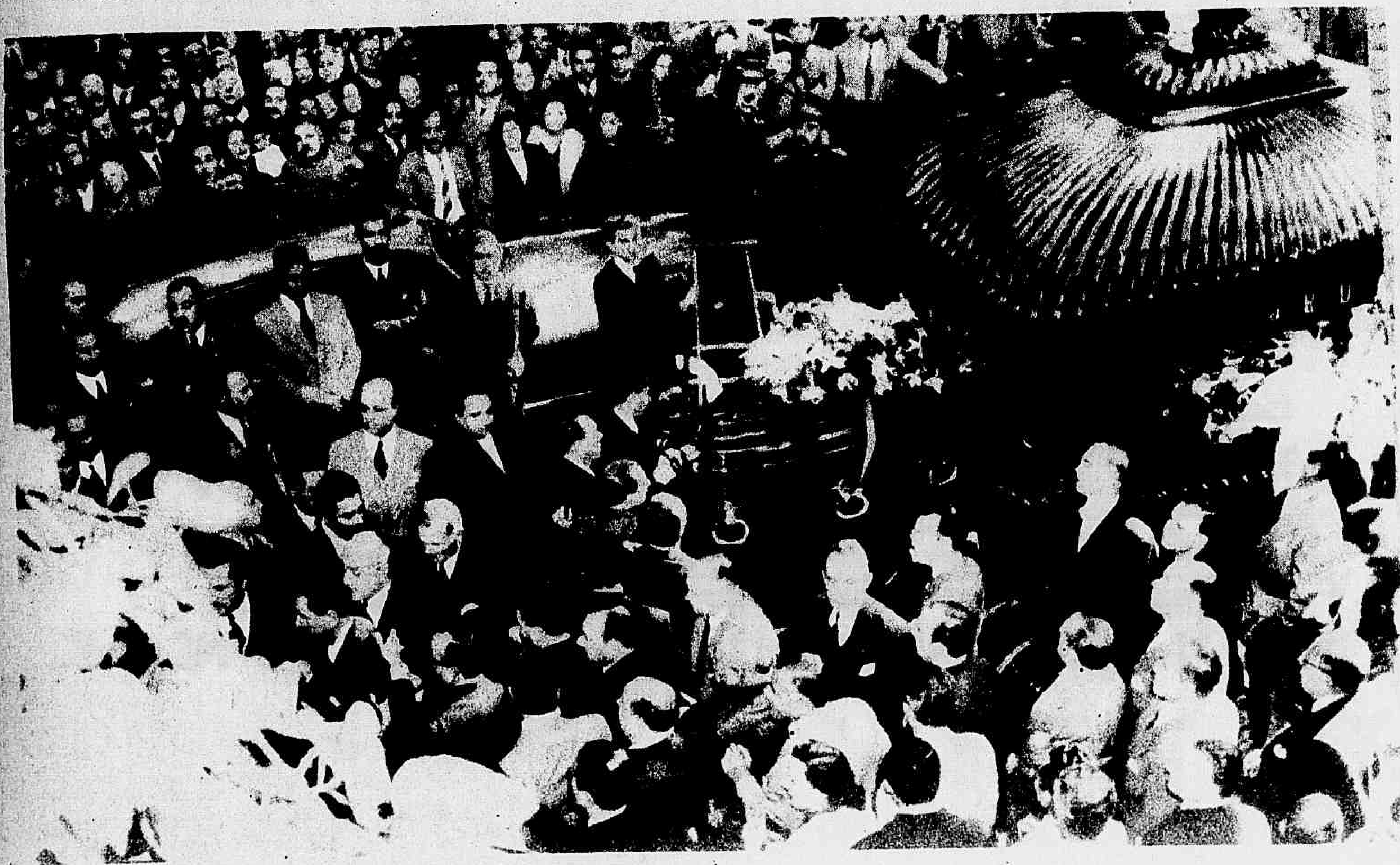


A bomba que estourou no Café do «Hotel de Mayo», deixou-o neste estado, enquanto a outra, colocada numa das estações subterrâneas, além dos estragos nas instalações, danificou bastante a composição que estava na linha. Até o momento não foram descobertos os criminosos.





O Presidente da República Argentina e outras figuras da alta administração do país, levam seu último adeus a Juan Duarte, irmão de Eva Peron.



Cena tomada por ocasião dos funerais de Juan Duarte, morto por suicídio, dias antes dos lutuosos acontecimentos das bombas em Buenos Aires.

Semana LITERÁRIA

EDMUNDO LYS

NOTÍCIAS DE SÃO PAULO

O Teatro Experimental do Negro, dirigido por Abdias Nascimento, estêve em São Paulo, onde montou, num velho teatro da Prefeitura, o drama em oito quadros, de Eugene O'Neill, «O Imperador Jones», com cenários de Clóvis Graciano. Nessa mesma temporada, foi levada à cena: «O Filho Pródigo», do conhecido romancista Lúcio Cardoso.

★

Luís Lopes Coelho, poeta e contista ainda inédito, está de malas prontas para a Europa. Acompanha-o sua espôsa, a inteligentíssima Diná Lopes Coelho.

BIBLIOTECA DO EXÉRCITO

A Biblioteca do Exército programou, lançou e distribuiu, em 1952, a seus subscritores, os seguintes volumes: Janeiro: «O Processo de Maria Antonieta» — Tradução de Abdon de Carvalho Lima. — Fevreiro: «Conde de Pôrto Alegre» — Carlos Maul, Cel. Jaime Ribeiro da Graça e Ten. Cel. De Paranhos Antunes. — Março e Abril: «O Brasil em face do Prata» — Gustavo Barroso. — Maio e Junho: «Problemas do Brasil» — Cel. Adalardo Fialho. — Julho: «A Logística na Paz e na Guerra» — Cel. Sena Campos, — Agôsto: «Vento Leste nos Campos Gerais» — romance de Rubens Mário Jobim. — Setembro: «Campanha ao Noroeste da Itália» — Ten. Gen. Willis D. Critenberger. — Outubro e Novembro: «A Geopolítica Geral e do Brasil» — Prof. Everardo Backheuser. — Dezembro: «Crônicas de Guerra» — Cel. Olívio Gondim de Uzêda.

FORA DO PRELO

● ELEMENTOS DE QUÍMICA — Considerado o maior dos precursores da química verdadeira — da química científica — Van Helmont faleceu em 1644. Mas, antes dêle, quantos grandes homens da ciência — de acôrdo com a época, naturalmente — submetiam a química à alquimia, ao feitiço, às influências sobrenaturais! Seu estudo, em verdade, é fascinante. Daí o encanto da leitura de «Elementos de Química», do prof. Aluísio Pimenta, para a 1ª série do Ciclo colegial, em 3ª edição da Melhoramentos.

● GEOGRAFIA GERAL — (física e humana) — Depois da publicação dos compêndios de geografia para a 1ª e 3ª séries do ginásio, e para as do ciclo colegial, Moisés Gicovate, por meio das Edições Melhoramentos, apresenta «Geografia Geral» (física e humana) para a 2ª série do ginasial. Livro útil e bem ilustrado.

● DENTRO DO MEU SILÊNCIO — A poetisa Maria Lessa confirma neste volume de versos, «Dentro do Meu Silêncio», tudo o que esperava dela a crítica, ao saudar em seu livro de estréia sólidas qualidades de lirismo. Principalmente confidencial, são os temas amorosos os que ela trata com um interêsse maior. E' verdade que, muitas vêzes, ela se volta para a natureza, fixando em imagens comovidas o espetáculo panteísta. Mas o carinho de seus cantos ela o põe nos versos de amor. Tradicional, quanto à forma, Maria Lessa é, sem dúvida uma artista do verso capaz de realizar sua bela e enternecedora vocação.

● IVANHOÉ — Muito a propósito, esta segunda edição do imortal romance de Walter Scott, que a Pongetti vem de lançar. Primeiro, porque a história despertou grande interêsse nas maiorias cinematográficas, depois do filme; segundo, porque lendo o livro, verão os leitores as deficiências da película que, como no geral, foge bastante ao texto, desequilibrando a narrativa perfeita, no gênero, do mestre de romance heróico. A tradução de Marques Rabelo é primorosa.

● BREVE PASSEIO PELO NOSSO PORTUGAL — O professor Nicolau Firmino publicou êste opúsculo em que evoca as belezas paisagísticas, os costumes, a riquesa histórica do grande Portugal. Obra ilustrada com muitas gravuras, representa um guia sentimental, bem informado e bem escrito do «Jardim da Europa».

UM LIVRO:

"NOITE EM SETE"

NÃO QUEREMOS avançar que a poesia exclui a prosa, nem que a prosa exclui a poesia. A verdade, entretanto, é que ninguém é bom poeta e ficcionista, ao mesmo tempo, nem bom prosador e poeta a uma só vez. O que há é que os versos dos prosadores são sempre versos de prosa e a prosa dos poetas, quase sempre de pechisbeque.

Essas verdades lapalissianas vêm aqui a propósito do bom livro de contos, de um prosador nato, «Noite em Sete», por Paulo Novaes, o mesmo que se estreou com um livro de versos que não nos inspirou nenhuma simpatia — «Fios». Agora, estamos vendo porque, diante dêste sólido livro de contos, com estas sete histórias quase tôdas noturnas, sempre de atmosfera noturna — daí com certeza o título do volume, «Noite em Sete», título um tanto cabalístico, aliás bastante pertinente, no caso dêstes contos e na mesma ordem de suas histórias. Paulo Novaes é um contista de primeira qualidade. Pode ser que algum leitor se arrepie, diante dos seus personagens estranhos, amorfos ou mutilados, do seu mundo estranho, dos seus cenários dalinescos, porque o autor destas histórias é um kafkiano entre os que melhor o sejam, não só em nossa literatura, como em qualquer outra. Não dizemos que seja um discípulo: sente-se nos seus contos que êste é o seu mundo natural, tão à vontade se movimenta nêle, com segurança de fabulação e de estilo.

Paulo Novaes será um membro da família kafkiana, fazendo honra à ascendência. O mestre surrealista cuja obra tem tido um eco remoto bastante sensível, inaugurou na ficção uma maneira própria e inimitável. Os que tentaram imitá-lo, falharam sempre. Restam-nos os discípulos, aquêles que estão dentro do «clima» gerado por êle, no seu meio onírico, onde há uma liberdade sonambúlica para a criação, desde que o ficcionista consiga se emancipar do mestre, com valor próprio e qualidades firmes de escritor, como é o caso de Paulo Novaes. Êle não copia, de forma alguma, nem o estilo, nem a essência de Kafka. Êle se integrou nesse modo surrealista de criar histórias compactas, onde o sentimento trágico convizinha o humor, onde a autonomia do criador vai além das fronteiras reais, para melhor marcar sua liberdade. Muitas vêzes nos ocorreu aqui o melhor de Kafka. E isso, sem nos surpreender, nos tornou curiosos do fenômeno que constitui a grande repercussão que tem hoje em dia, na ficção mundial, o mestre de «A Muralha da China» e da «Metamorfose». Muito se aproxima realmente de suas histórias o contista brasileiro desta «Noite em Sete», conservando-se em plena autonomia, servido por uma prosa vigorosa e por um estilo sedutor.

UM AUTOR:

ANDERSEN



ÊSSE FILME americano que acaba de marcar um triunfo excepcional, contando através de simples fantasia um pouco da vida de Hans Christian Andersen, veio renovar o aprêço universal pelo imortal escritor dinamarquês que tornou eterna sua memória, pelo bem que trouxe à humanidade, com suas histórias infantis, sempre prezadas por tôda sorte de leitores, crianças ou adultos. Ainda agora, a legação da Dinamarca está distribuindo um folheto com a história da vida de Andersen por Bo Grombech, um opúsculo que traz também um de seus belos contos de fadas. Por isso e por estarmos a ponto de assistir o filme citado — onde não se faz a biografia de Andersen, mas uma fantasia a seu respeito, em um espetáculo que, segundo a crítica, é bem digno dêle — vamos resumir aqui os dados essenciais de sua biografia, sempre gratos de conhecer a quantos permanentemente se deliciam com suas páginas eternas. Hans Christian Andersen nasceu a 2 de abril de 1805, na pequena cidade provincial de Odensa. Filho de pais pobres, muito árduos foram seus primeiros anos, até que êle se transportou para Copenhague, onde não menores dificuldades se ofereceram a seus primeiros passos. Primeiramente, tentou ser ator, o que não foi possível, visto como sua instrução era rudimentar. Depois, um dos diretores do teatro Real conseguiu que o Rei lhe fizesse uma pensão, de forma a que êle pudesse estudar. Seus anos escolares, até quando, com 23 anos, fêz os exames finais, êle os usou para se tornar poeta e escritor. Seu primeiro êxito foi uma novela que publicou em 1835, depois de uma viagem à Itália. Nesse mesmo ano saiu à luz seu primeiro opúsculo de contos de fadas, onde repetia histórias tradicionais, como deviam ser contadas às crianças. A maioria delas, êle as ouvira contar, dando pela primeira vez forma literária a êsse repertório folclórico que vivera da tradição oral. Como essas histórias lhe proporcionavam maior rendimento, continuou a praticar o gênero. Em pouco era um nome mundialmente famoso e suas histórias feéricas traduzidas em tôda a parte. Quando visitou a Alemanha, um homem da rua felicitou-o ao saber que era dinamarquês, porque — «era compatrício de Andersen»... Tôda a nobreza européia e os maiores homens de seu tempo sempre se orgulharam em apertar a mão do garôto pobre de Odensa, cujas histórias infantis tornaram imortal. Hans nunca se casou e faleceu em 1875, com setenta anos de idade, em casa de amigos, em Copenhague. Seus livros se tornaram um patrimônio da humanidade e são lidos hoje com o mesmo interêsse com que os receberam os leitores de seu tempo, fazendo o encanto das crianças do mundo inteiro, integrados nas melhores lembranças de tôdas as juventudes.

JEAN RENOIR FALA...

(Cont. da pág. 29)

doux». Fôra projetada em branco e prêto, exceto algumas seqüências, a dança nupcial de Radha, a picada da serpente, já tiradas em tecnicolor. A assistência não pôde reter um grito de admiração, de espanto: parecia que via pela primeira vez uma película colorida, tão diferente era do que já se conhecia. Lembrei-me ràpidamente da oração de Lawrence Olivier antes da batalha em «Henry V», as chuvas coloridas de «La fleur de pierre». Não, nada do que eu vira antes se comparava com isto. Pela primeira vez a côr parecia necessária. Mais ainda, se o verde de certo vestido tivesse sido um pouco mais claro ou um pouco mais escuro, tôda a harmonia do plano — um quadro em si — teria sido destruída. Em outras palavras, as côres eram essenciais, deviam ser exatamente como eram, em virtude de regras que Jean Renoir devia ter descoberto; adicionando-se, subtraindo-se, completando-se, mas sempre num equilíbrio estudado e sábio.

Não percebi, entretanto, muito bem, as razões do êxito, pois o processo técnico empregado fôra o «tecnicolor» e os seus defeitos já foram muitas vêzes expostos. Jean Renoir voltava, sorrindo.

Eu estava admirando as fotografias, disse-lhe. Não existem em côres, por acaso? Mas eu gostaria bem que me explicasse como conseguiu êsse resultado?

— Quer referir-se às côres da película? — replicou Renoir, todo satisfeito. — Sim, todos ficaram muito surpreendidos, eu em primeiro lugar, devo confessá-lo. Antes de tudo, a fotografia foi feita pelo meu sobrinho Claude Renoir, cujo talento todos conhecem. Claude teve dificuldades, pois não tínhamos fôrça elétrica suficiente para os nossos «spots» e projetores. De modo que tudo aconteceu inteiramente por acaso. Combinamos a luz solar com a luz artificial. Os planos de fundo tomavam-se à luz natural, e a iluminação era utilizada para os primeiros planos. Tôda iluminação excessiva ou especial foi mesmo banida dos primeiros planos, e a natureza nos ajudava com a maior boa-vontade. Está claro que o país é a Índia. O que me interessou em particular no romance de Gummer Godden foi essa transição da infância à adolescência no espírito de três meninas. O pretexto é o seu amor pelo Capitão John, jovem norte-americano ferido na guerra, que sente a necessidade de se retirar perto do Ganges para meditar um pouco sôbre a vida. As estações passam, o rio é imutável mas o Capitão tira, de cada menina, um proveito, uma ajuda para melhor se conhecer e se afirmar. E as três, por causa dêle, abandonam um pouco mais da sua infância, tornam-se um pouco mais mulheres e um pouco menos adolescentes.

— Em suma, quando adquiriu os direitos de «The River» interessava-lhe sobretudo o drama psicológico, visto que não pensava em realizar um poema pictórico.

— Oh, que vocábulo! Não, nada procurei de parecido com isso. E' você que está introduzindo êsse elemento. A minha grande preocupação foi executar uma obra com a mais completa unidade possível. A fotografia, a música indu, o jôgo dos atores, contribuem para criar essa calma, êsse domínio da vida que não existe senão no país de Krishna.

O telefone tocou de novo, e Renoir deixou o salão. Sim, «The River» criava realmente êsse domínio, essa segurança, objetivo difícil de conquistar, mas atingido pelas três meninas e pelo jovem soldado não tão longe da adolescência, dêsse combate difícil entre todos: a busca e a descoberta de si próprio. E não era uma ofensa ao talento dos atores, a deliciosa Patricia Walters em Harriet e sobretudo Radha, o enigmático jovem indu da película, dizer que a sua representação estava isenta de qualquer brilho. Adivinhava-se uma submissão à direção de Renoir, verdadeiro e único autor da película, cujas diretrizes os demais participantes sabiam seguir admiràvelmente.

Jean Renoir voltava com uma garrafa de «Scotch» na mão:

— Faz favor, o seu copo está vazio.

— Obrigado, está bem assim. Podemos voltar atrás e terminar por onde eu deveria ter começado? Por exemplo, qual a sua película preferida?

— Acho realmente que «La Règle du Jeu» é a minha melhor obra. Em todo o caso é a que mais se aproxima do meu ideal de pensamento, que é o dos tempos pré-revolucionários. Mas julgo poder afirmar que foi feito com vinte anos de antecipação.

— Sabe que o público dos Clubes de Cinema de Paris considera «La Règle» como o píncaro da arte cinematográfica, algo assim como uma película tabu?

— Muito me lisonjeia, mas custa-me um pouco concordar. Entretanto, gosto muito da «Règle», pois pude fazer o que queria, o que é muito raro no cinema.

«La Règle» e a corrida atrás dos pares no castelo... A caçada em Solongne e a famosa cena, cortada nas versões comerciais, da morte do coelhinho. E Octave sobretudo, representando por Renoir, com sua grande estatura, quebrando tudo, arrumando tudo, espécie de «deus ex machina», sem poder tirar a pele de urso que o disfarçava e suplicando a todos que o ajudassem, enquanto nos corredores do castelo, patrões e criados dançavam uma inquietante sarabanda, numa estranha atmosfera de desejo e de morte...

— O senhor sabe o que penso dessa película. Mas, a propósito da sua interpretação da personagem de Octave, permita-me uma pergunta: que acha da conveniência de um diretor representar pessoalmente?

— Outrora, no tempo do cinema mudo, todos os diretores ou quase eram antigos atores: Griffith, Mack Sennett, Stroheim, René Clair. Pouco importa que o diretor represente ou não. Que quem possa fazê-lo é importante, isso ajuda muito na direção dos atores. Foi por isso que representei em «La Partie de Champagne», em «La Règle du Jeu».

— Pode falar-me em «La Grande Illusion» e em «Le Crime de Monsieur Lange»?

— Não creio que possa dizer nada de novo. «La Grande Illusion» é a minha película mais conhecida, a mais «popular» por assim dizer.

— E que pensa da necessidade de um roteiro original?

— Não é indispensável. E' evidente que, se a gente tem algo a dizer, é difícil receber o roteiro 24 horas antes de começar a filmagem. Sempre me recusei a trabalhar nessas condições. Escrever histórias sempre me apaixonou: o «Crime de Monsieur Lange» ou «La Règle du Jeu». Porém trabalhei com Rummer Godden na adaptação de «The River». E pouco importa que a gente seja ou não responsável pela narração, uma vez que goste dela e que faça a transcrição cinematográfica.

— Sim, embora «La Règle du Jeu» seja... Sabe o que eu quero dizer. Quer contar-me, agora, qual é a sua película preferida?

— A maior obra cinematográfica é evidentemente a de Charlie Chaplin. (Numa conversa anterior com Carlito êste me confiara que considerava Jean

(Cont. na pág. 41)

COMO APRENDER A DANÇAR



4ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com a nova dança, "Baião", Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 830 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do "CURSO PRÁTICO DE DANÇAS RITZ". Aulas particulares, rua da Liberdade, 120 — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembôlso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

A venda também nas Livrarias do Rio e Livrarias e Casas de Música de São Paulo.

DE CINEMA

RENASCE UMA GRANDE INDÚSTRIA

NEWTON COUTO

NÃO é de hoje que a indústria cinematográfica do mundo inteiro estuda a possibilidade de combinar o lado estético com o interêsse comercial. Há muito tempo se vem trabalhando nesse sentido, procurando-se uma maneira prática de solucionar êste problema, que infelizmente continua a desafiar a argúcia dos produtores, prejudicando bastante o desenvolvimento e progresso de muitas indústrias fílmicas, que se encontram a braços com êste complicado problema. O cinema sueco, como não podia deixar de ser, também se tornou motivo de grandes preocupações por parte de seus produtores, que se viram na contingência de perceber pequenos lucros, em vista de serem obrigados a pagar pesados impostos e a enfrentar a enorme concorrência do exterior, sem falar na impopularidade do idioma, desconhecido fora da Escandinávia e na difícil escolha de temas de caráter internacional, que possam interessar às platéias estrangeiras. Em 1951 houve ali uma grande crise, que culminou com o fechamento no fim do ano, dos estúdios cinematográficos e a supressão de tôda a produção, afirmando seus produtores, que só recomeçariam as suas atividades, se recebessem uma proporção equitativa sôbre a venda das entradas, o que felizmente conseguiram da Federação de Proprietários de Cinemas, que por sua vez havia obtido do Estado a minoração dos impostos. Mesmo assim, os produtores suecos não obtiveram o que necessitavam, embora fôssem recomeçadas as suas atividades a título precário.



«Amor», baseada em uma obra do falecido autor dinamarquês Kaj Munk, apresenta Sven Lindberg, no papel de cura, e Doris Svedlund, como a espôsa de um pescador.

● Mesmo encontrando dificuldades, os produtores suecos reduziram as despesas nas suas produções e começaram a produzir, conseguindo então seus primeiros êxitos nos Festivais de Cannes e Berlim, onde foram premiados, respectivamente, os filmes «A Senhorita Júlia» e «Um Verão de Felicidade», produzidos pelas emprêsas Sandrew Produktion e Nordisk Tonefilm, servindo de incentivo e estímulo para a conquista novamente do prestígio e aceitação no estrangeiro.

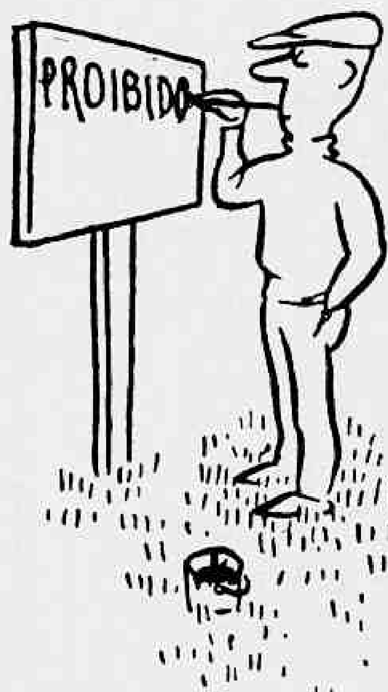
Estão despertando também grande interêsse, as recentes produções suecas inspiradas em obras literárias de grandes autores como «Rebeldia», que foi mostrada no outono do ano passado e que é uma adaptação de uma novela de um jovem autor — Vilgot Sjoman. Trata-se de uma história de amor entre um estudante e uma moça que trabalha em uma fábrica, contando a mesma a luta de um rapaz para sair de sua solidão e rebelar-se contra a disciplina paterna, transcorrendo sua ação entre lares operários, fábricas, escolas e locais de baile, procurando o argumentista mostrar a inquietude interior e o desespêro da juventude, assim como os problemas de um homem de idade, frustrado em suas ilusões e seus esforços para se aproximar de seu filho. «Rebeldia» foi produzida pela Svenska Filmindustri e filmada sob a direção de Gustaf Molander, com o ator de tela e do palco Anders Henrikson e as novatas Harriet Anderson e Per Oscarson.

Outro sucesso espetacular dêste outono, foi «Mulheres em espera», cujo cenário e direção são de autoria de Ingmar Bergjan, narrando o argumento a história de quatro cunhadas, as quais enquanto esperam seus maridos, contam mùtuamente episódios de suas vidas matrimoniais. Apesar dêste filme da Svenska Filmindustri não ter a intensidade diabólica que caracteriza os trabalhos de Bergjan, é leve e bastante alegre, encontrando-se em seu elenco, nomes de destacados atores, como Anita Bjorj, Eva Dahlbeck, Maj-Britt Nilsson, Gunnar Bjronstrand e Birger Malmsten. «Um verão com Mônica», baseado numa novela de P. A. Fogelstrome, recentemente estreado, foi considerado pela crítica como desigual e fraco, fixando sua narrativa os problemas da juventude e sua ânsia de independência e liberdade, mostrando um jovem par que escapa da triste monotonia e da sordidez de uma casa de arrabalde para gozar de uma vida livre e primitiva no arquipélago de Estocolmo, com Harriet Anderson e Lars Ekberg nos principais papéis. O dramaturgo Kaj Munk teve outra de suas peças adaptadas ao cinema — «Amor». Quando «A Palavra» foi produzida há dez anos, acompanhou todos os trabalhos de filmagem de sua casa na Jutlândia e só não viu sua obra terminada, porque os nazistas o mataram, precisamente na hora em que se encontrava lendo os comentários elogiosos dos críticos suecos sôbre êste trabalho. «Amor», produzido pela Svenska Filmindustri e que tem o cenário e direção de Gustaf Molander, conta a história de um jovem sacerdote gravemente enfermo, que recomenda a fé aos humildes de sua paróquia, apesar de êle mesmo não ser crente. No papel do pároco aparece Sven Lindberg, secundado por Doris Svedlund, Erik Strandmark e o cômico Nils Poppe, que se tornou famoso tomando como modêlo Chaplin e que em sua última película — «Flygbom» — representa um professor de «ballet», sem recursos e entusiasta, chamado para prestar serviços na Aviação.

● Na próxima temporada serão apresentados vários celulóides como «Barrabás», produzido por Sandrew e baseado na obra do Prêmio Nobel sueco de Par Lagerkvist, tendo sido filmado em grande parte em Israel, com Ulf Palme, e sob a direção de Alf Sjoberg; «O Caminho para Klockrike», baseado na novela do conhecido escritor Harry Martinson, membro da Academia Sueca, focalizando a vida do vagabundo Bolle interpretado por Anders Ek e produzido por Sandrew; «O Tesouro do Senhor Arne», uma novela de Selma Lagerlof sôbre crimes e vinganças do século XVI, com Mai Zetterling, que se encontra em negociações com a Svenska Filmindustri para desempenhar o papel principal, sob a batuta de Gustaf Molander.

Em virtude da Suécia ser um país socialmente progressista, não possuindo desta maneira problemas sérios a serem debatidos em seus filmes, os seus argumentos estão descambando para os temas mórbidos e destrutivos, que principiam a saturar um pouco o público sueco, já ansioso por uma renovação de assuntos, o que não nos surpreenderá se amanhã os produtores passarem a explorar em suas novas películas os temas que, pela sua beleza, humor e sabedoria, constituirão não só a delícia do povo sueco, como também a dos povos de todos os continentes.

O RISO DOS OUTROS

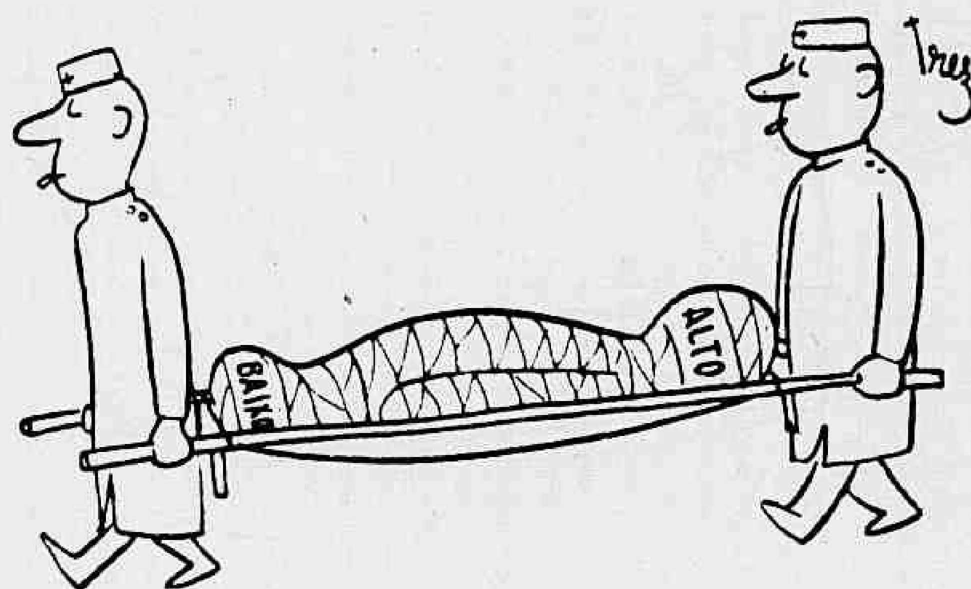








Edgard, por favor!

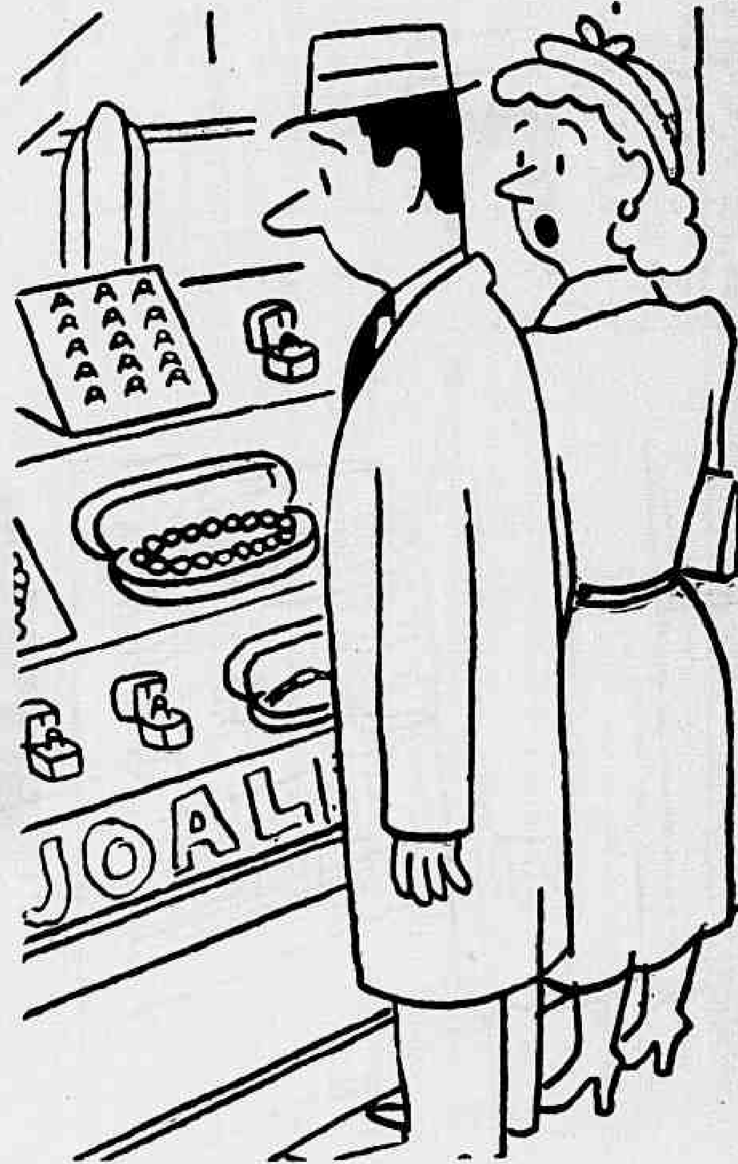




O sr. está com apendicite aguda, complicada com os 200 cruzeiros que me deve do ano passado...



Não sei se escolho entre ser datilógrafa, taquigrafa ou estrêla de cinema...



Querido estás tão pálido!...



EXIJA EM TÔDAS AS BOAS LOJAS

A MARCA **Lingerie F.M.**

O MAIS FINO ACABAMENTO

PÂNICO NA FAMÍLIA

(Cont. da pág. 11)

Suspeitando de algo, mamãe foi correndo levar Luisa ao Raio-X. Horas de ansiosa expectativa mamãe passou, coração opresso, numa inquietação enorme, como se estivesse com a famosa espada de Dâmocles sôbre a cabeça, não apenas dela, mas de todos de casa. E veio o resultado: positivo!

— Ela está tuberculosa — disse o médico a mamãe. — E acrescentou: Caso já em estado grave, com cavernas. — Mas Luisa não soube do diagnóstico, embora pressentisse o drama que a todos envolvia.

Luta sôbre-humana passada por todos da família. Dores de cabeça de mamãe, murmurações dos outros, enquanto apenas papai se mantinha imperturbável na sua fleuma de sempre, achando que não havia motivo para tanta azucrinação. E concluía:

— O mal já não está feito? — E calmo: — Pior poderia ser...

Dai em diante, qualquer tossezinha de uma ou outra criança, era sintoma alarmante, o que fêz mamãe meter todo mundo num carro e tocar para o médico. Depois, os maiores. Até papai, sob protestos. Queria tirar a limpo. Nada com a chapa radiográfica. Tia Amélia encabeçou os ameaçados. Nada. Papai também tinha pulmão de primeira. Mamãe, idem. Eu e a meninada, com excelentes brônquios e aparelho respiratório em ordem. E Poly, o cãozinho de casa? Também foi examinado. Saúde ótima. Lembraram-se do papagaio, o "louro" que tanto falava e que, de uns tempos àqueles dias se conservava calado, triste. Mas êsse era de Luisa. Para onde fôsse o levaria. O pobre papagaio era o companheiro da enfêrma, o amigo de suas horas de folga, de seus dias de expansão e dos momentos de tristeza. Quando mamãe telefonou ao médico, sabendo da confirmação das chapas, e recebeu dêle a ratificação que tudo fôra negativo, eu, que estava a ler um romance, fitei os olhos em mamãe e a vi, finalmente, colocar o fone no gancho e suspirar aliviada, com a mais doce expressão no semblante. Era visível o seu contentamento. Mamãe, com tôda a sua euforia, voltou ao rádio e abriu de tal maneira o volume, que a música irradiada encheu a casa inteira e se expandiu pela rua... Pigarreei aborrecida com aquela manifestação, e ela, dando por mim, virou-se sorrindo, diminuindo o volume do aparelho:

— Agora, minha filha, o problema é tirar Luisa daqui. Você há de compreender o perigo em que se colocam todos de casa. O pior é que não sabemos onde interná-la. Bem sei que nenhum dos seus tios a quererá sob seus cuidados. Todavia, seria justo que cada um de nós contribuisse para mantê-la num sanatório, tentando, quem sabe? seu restabelecimento. Afinal, não sou apenas eu que tenho obrigação de ampará-la. Não sòmente a mim quem ela criou. Muitos da família também lhe devem favores.

Mexi-me em silêncio, mas terminei dando minha opinião:

— Mas... mamãe, Luisa tem servido continuamente à senhora. Muito mais do que aos outros. Há quantos anos ela cozinha, lava, passa, vai ao mercado, cuida de crianças, conta histórias, canta, tudo isso a trôco de comida, roupa, cama e teto? E quantas vêzes leva carões, nem sempre justos, sem que ela diminuisse de esforços? E' preciso ter-se consciência, pois tudo que ela fêz antes da moléstia e durante a moléstia, foi para a senhora. Ela merece mais consideração e isso está a cargo de mamãe. E' um caso de consciência...

Vi a mamãe se exaltar e começar um sermão severíssimo contra minha opinião. Tomei do livro, levantei-me, e, já à porta que comunicava a sala de frente com o interior da casa, voltei-me num impulso incontido, para desabafar o pêso que me oprimia o coração:

— Afinal, o que estu vendo nesta casa é falta de humanidade! Falta de humanidade!

As últimas palavras eu as pronunciei com um soluço na garganta. Não ouvi a resposta de mamãe. Fechei-me em meu quarto, caí sôbre a cama e chorei, sufocando as lágrimas em surdina, o rosto afogado no travesseiro.

Acordei já noite fechada, com os ruidos da ceia. Eu adormecera após o desafôgo d'alma. Parecia até que me lavara por dentro. Estava mais leve, embora sentindo certa fadiga. Ouvi a voz de mamãe em altos tons, versando sôbre o caso de Luisa. As meninas faziam uma revolução pelo corredor porque Luisa fôra embora. Eu não me despedira. Dormia e ninguém quis acordar-me. Foi melhor assim. Para onde a teriam levado? Para um hospital da cidade. Fomos proibidos de visitá-la; mas eu, passados os primeiros dias, fui vê-la às escondidas. Sorriu, alegre, ao ver-me.

— Ah! minha "pretinha", veio ver sua velha Bá?

Ocultei atrás de um sorriso amargo, a dor que sentia n'alma. O prazer de vê-la se misturara com a pena que sentia diante daqueles retraços de uma vida que me parecia imortal. A angústia que senti foi indescritível. Ela estava conformada e não articulou uma queixa contra ninguém. Engoli em sêco, com vontade de cair em pranto, a emoção a estrangular-me a garganta, sufocando-me, os soluços teimando contra o meu contrôle, enquanto eu ia ficando vermelha...

— Não é nada, "pretinha"... não é nada... — Disse ela afável, como para consolar-me, quando eu é que fôra consolá-la...

E agora, já faz seis meses que ela está no nosocômio de tísicos. Sempre a visitei, às ocultas... Levava-lhe frutas e umas revistas para ela distrair-se. Nunca perguntei se outras pessoas iam vê-la, nem ela jamais me disse nada sôbre isso. Grande nobreza de caráter, daquela pobre resignada. A direção do hospital permitia que lhe levassem o papagaio. A ave palradora muito estranhou o ambiente, e de tanto ouvir gemidos e prantos, aprendeu a chorar e a gemer.

Já faz um ano que Luisa está internada. Nós nos mudamos e eu estou longe dela, a quem levei minhas despedidas. As últimas notícias diziam que, agora, só lhe restava a amizade do papagaio, a choramingar e a gemer, sem saber de nada.

CORREIO DA REVISTA

● Recebemos do sr. Alfredo Stendardo, adido à Embaixada Italiana, a seguinte comunicação:

BÔLSAS DE ESTUDO PARA CIDADÃOS BRASILEIROS NO "CENTRO SPERIMENTALE DI CINEMATOGRAFIA" DE ROMA

Está aberto o concurso para as duas bôlsas de estudo instituidas pelo "Centro Sperimentale di Cinematografia" de Roma, e reservadas a jovens brasileiros que desejem especializar-se em um dos seguintes setores: a) direção artística; b) cinegrafia; c) registração sonora; d) cenografia; e) indumentária; f) recitação.

Os respectivos cursos, que terão a duração de um biênio, realizar-se-ão de 1º de novembro de 1953 a 30 de junho de 1955. O valor de cada bôlsa é de 50 mil liras mensais. Aos alunos escolhidos serão reembolsadas as despesas da viagem de ida e volta depois de concluido o biênio. A concessão da bôlsa está condicionada ao compromisso, por parte do aluno, de não aceitar quaisquer contratos para atividade cinematográfica no período de duração dos cursos, a não ser com autorização expressa da Direção do Centro, e à obrigação de freqüentar as aulas com regularidade.

A idade para tomar parte no concurso é de 16 a 24 anos para as candidatas a atriz; de 18 a 24 anos para os candidatos a ator; e até 32 anos para as outras especializações.

Os candidatos deverão apresentar, juntamente com o pedido de admissão ao concurso, os seguintes documentos:

1) certidão de nascimento;
2) título de estudos (de preferência título de formatura de qualquer Faculdade universitária para os candidatos à direção artística ou à cenografia; e, em qualquer caso, título de conclusão dos estudos secundários para tôda a especialização);
3) certidão médica de boa constituição física;
4) licença das autoridades brasileiras;
5) documentação da atividade que os candidatos já exerceram no setor em que desejam especializar-se (os candidatos à direção artística deverão remeter cenarizações, ensaios críticos, filmes experimentais que realizaram ou em que participaram, etc.; os candidatos a cinegrafistas e registração sonora, fotografias e ensaios; os candidatos à cenografia e indumentária, esboços e desenhos; os candidatos a ator ou atriz, uma série de fotografias sem retoques, que demonstrem suas aptidões físicas e fisionômicas, e, sendo possível, um "test" cinematográfico, ainda que em formato reduzido).

Os pedidos, dirigidos ao "Centro Sperimentale di Cinematografia" de Roma, deverão ser apresentados na Secretaria do Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, Rua 7 de Abril, 230, 5º andar, São Paulo, até o dia 31 de maio de 1953. No decorrer do mês de junho, os candidatos idôneos serão convocados para um colóquio e submetidos a um exame de caráter prático por parte de uma Comissão mista ítalo-brasileira, formada de personalidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, cuja composição será oportunamente comunicada através da imprensa. Será também comunicada a sede dos trabalhos da Comissão. A escolha dos vencedores das duas bôlsas será feita pelo "Centro Sperimentale di Cinematografia", sob as indicações fornecidas pela Comissão mista ítalo-brasileira.

● Embaixada da Índia.
Rio, de Janeiro, 19 de março de 1953.
Prezado senhor.

Há alguns dias tivemos o prazer de enviar a V.S. um exemplar da revista infantil "Shankar's Weekly". Essa publicação tem despertado interêsse internacional, e milhares de crianças de todo o mundo cooperaram na sua criação. Gostariamos, portanto, que o maior número possível de pessoas, soubesse de sua existência.

Ficaríamos muito agradecidos se V.S. nos emprestasse o seu valioso auxílio através de um comentário em sua coluna.

Atenciosamente.

H.S. VAHALI, 1º Secretário.

Recebemos. Trata-se, realmente, de publicação interessantíssima sob todos os pontos de vista. Boas ilustrações a côres, ótimos textos, desenhos infantis muito curiosos. Agradecemos.

● José Cabral — Pôrto Velho. Guaporé. Recebemos e agradecemos, embora os originais não se prestem para publicação.

MOCIDADE, SAÚDE E BELEZA: —

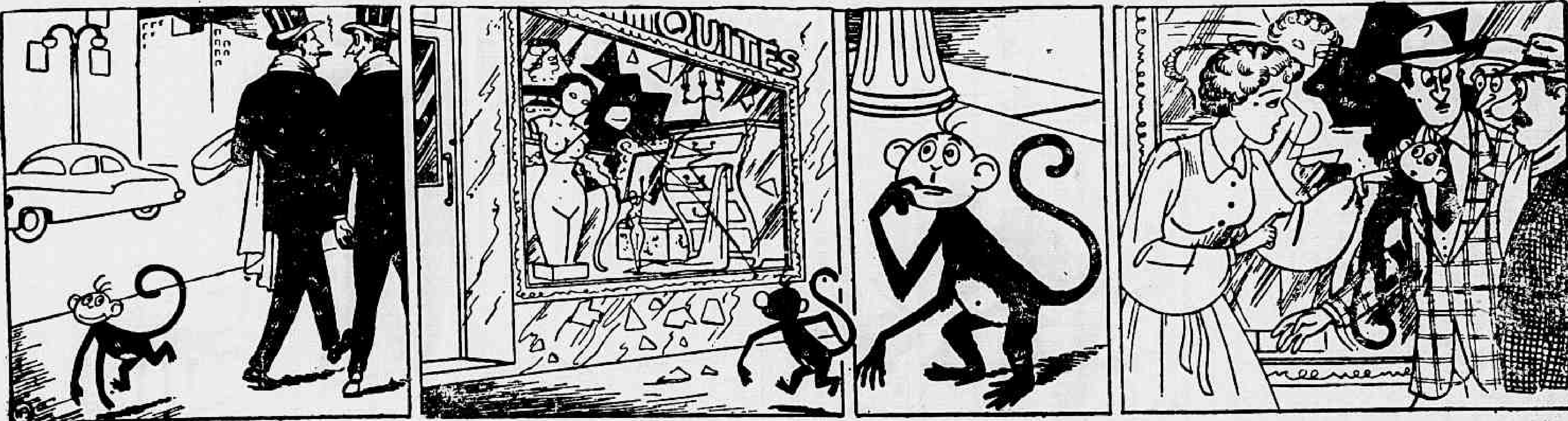
OS IDEAIS DA MULHER

A mocidade, a saúde e a beleza são as armas poderosas da mulher. Constituem, por isso, o seu máximo e supremo ideal. Grandes são, pois, os seus sofrimentos quando os males próprios do seu sexo a atingem e roubam a sua saúde, esgotam a sua mocidade e extinguem a sua beleza.

Tôda mulher tem o direito e o dever de defender e perpetuar a sua saúde, a sua mocidade e a sua beleza. Para isso precisa ela combater os males de seus órgãos genitais.

De duas naturezas diferentes são êsses males — os que originam as regras abundantes e hemorragias e os que produzem a falta ou a diminuição das regras. Para os primeiros: Regulador Xavier Nº 1. Para os segundos: Regulador Xavier Nº 2. O REGULADOR XAVIER é o remédio de confiança da mulher.

ARABELLE a última sereia



Os raros transeuntes retardados passavam pelas ruas e pouco ou quase nada ligavam àquele macaquinho. Talvez pertencesse a algum milionário.

Mas qualquer um ficaria bastante surpreendido se visse o macaquito parar em frente à uma vitrina luxuosa e arremessar-lhe uma pedra, quebrando-a.

O desejo de Kouki era que o dono do estabelecimento estivesse ali, e o agarrasse, o prendesse.

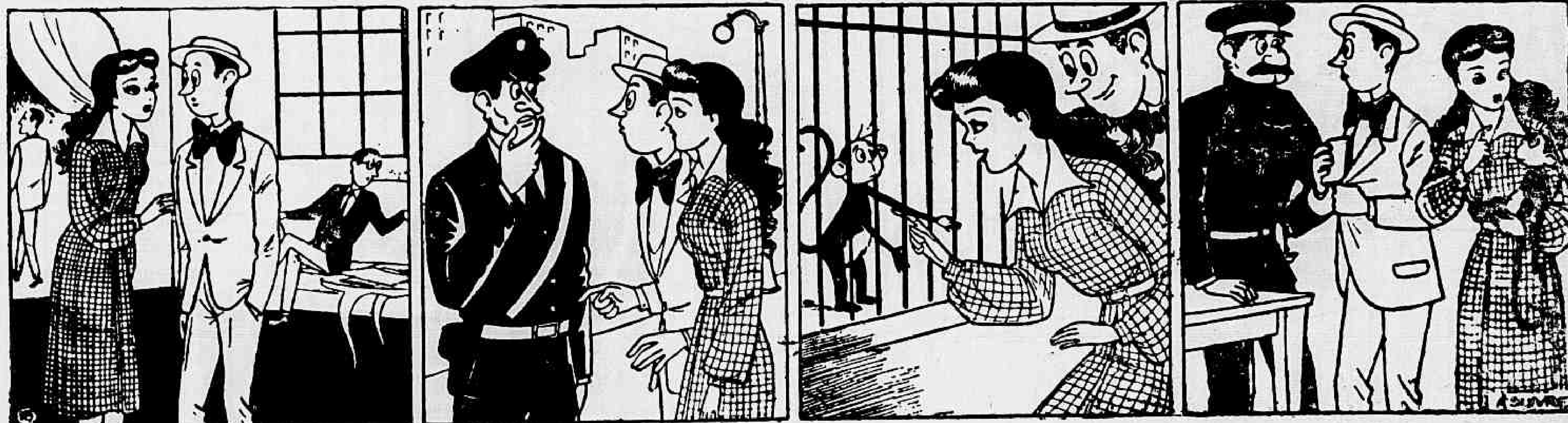
E Kouki foi pegado por uma linda moça, a proprietária do estabelecimento. — «Por que êsse macaquinho fêz isso?» — indagava ela aflita aos circunstantes.



Com o ruído, outras pessoas acorrem ao estabelecimento e todos comentam o episódio. Kouki procura resistir à prisão, simulando desespêro. Então chamam um guarda para prender o bicho.

Kouki estava muito satisfeito. Ia ser detido. Teve ganas de beijar a moça da loja. O que êle arquitetara, estava sendo conseguido: — retardar por algumas horas a partida de Arabelle e «Flor Azul»...

Mas o macaquinho Kouki estava bastante preocupado. Já se passaram dois dias, e nada de Arabelle. Nenhuma notícia. Só aquêle papagaio a amolá-lo com piadas. Que sucedera?

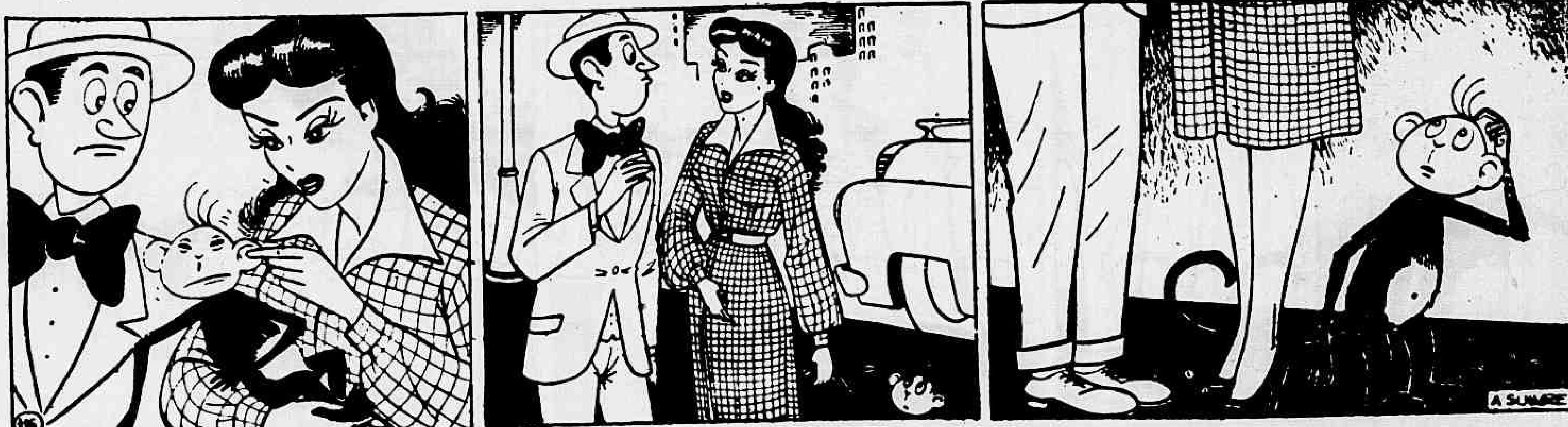


O macaquinho pensava que sua dona já o houvesse esquecido. Mas não era verdade. Arabelle estava louca à sua procura, aflita, preocupadíssima.

— O senhor não viu um macaquinho com diamantes nas orelhas? — O guarda respondeu: «Vá até à delegacia. Prenderam um macaco.»

E lá estava êle, entre outros animais vagabundos, à espera dos donos. Arabelle se enche de alegria e trata de pagar a sua fiança.

«Posso entregá-lo, diz o guarda; mas é preciso pagar o prejuízo da vitrina». Arabelle não sabe como explicar o caso; mas paga e o leva.



Em lugar de receber felicitações pela sua boa intenção, Kouki leva repreensões de Arabelle, a ponto de «Flor-Azul» pedir calma. Kouki estava sèriamente impressionado.

Para cúmulo de sua infelicidade, ouve o macaquinho quando Arabelle diz ao seu companheiro: «Apressemo-nos. Já perdemos um trem por causa das traquinadas dêsse doido. Vamos!»

E Kouki vê que, apesar de todos os seus cálculos, Arabelle e «Flor-Azul» vão tomar o mesmo trem em que viajam os bandidos que querem roubar-lhes as jóias. E pensa em arquitetar novo plano de defesa.

Desenhos de JEAN ACHE

História de VANIA LAUREZ

Viaje

para

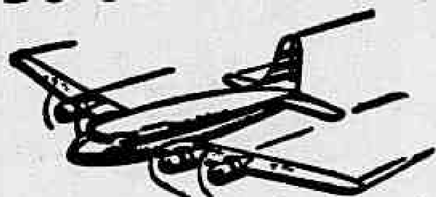
BELO HORIZONTE

com

25%

de desconto

em confortáveis DC-3 misto-luxo



Diàriamente de São Paulo



BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......

NOME ....

RUA .... Nº ......

CIDADE ....

ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

Respostas das pág. 18 e 19

PUXE PELO CÉREBRO

1—A Rússia
2—Empire State (410 metros)
3—Duzentos
4—No crânio
5—O Barão de Drumond
6—Sequóia
7—Estocolmo
8—Uma cobra do Egito (a mais venenosa do mundo)
9—O chinês
10—Os brancos e cristalinos
11—Partido ao meio por um iceberg
12—Sócrates
13—Do Egito e Caldéia
14—Na Arábia
15—O diamante.

QUEM DISSE ISTO?

1—Victor Hugo
2—Schopenhauer
3—Hipócrates
4—Boileau
5—George Sand



PEDRO E A ESTÁTUA

(Cont. da pág. 14)

os cabelos ruivos para trás. Esboçando um sorriso saudosamente humano disse-lhe com voz meiga:

— Que é isto, Pedro? — e mirava-se num espelho vermelho, esperando a resposta, encarando-o de soslaio. Pedro deixou-a analisá-lo longo tempo. Depois gemeu com tristeza:

— Sou estátua, Lolita! Sou estátua!...

— Ah! Você pode falar?... Isto é castigo, Pedro. Você não acreditava na outra vida! Só cuidava das glórias terrenas...

— Grande amiga! Que notícias me dá de minha mulher, dos meus filhos?

— Nunca mais os vi, Pedrito... Que voz triste a sua, Pedro!

— Sou estátua, Lolita! Per secula seculorum! — gemeu, com voz roufenha.

— Pois existe a outra vida, meu amigo.

— Sim?!... Mas você está tôda não sei como: peluda, porosa, vermelhona, Lolita!

— Estou no inferno. Minha roupa é de amianto. Para não queimar.

— E o inferno é melhor que aqui?

A visão vacilou um instante. Depois perguntou:

— Que você está sofrendo?

— Eu?!... Ebúrnea densidade! Asfixiante frio. Secular abandono. **Pedrite**, generalizada, minha grande amiga!

— E'?! Então o inferno é melhor. Lá sempre conseguimos obter umas fèriazinhas. Por exemplo: agora estou, para os olhos humanos, transmudada em beija-flor. — Dito isto, o vulto ergueu-se miraculosamente, voou alguns instantes em tôrno dêle, estremecendo quase invisíveis asinhas e pôs-se a beijá-lo. Os beijos quentes da Lola.

Pedro acordou. Sentou-se rápido no pedestal da estátua. O cãozinho que lhe lambera o rosto, ladrava distante e assustado. De pé, como uma estátua, o guarda repreendia-o:

— O senhor não pode dormir aí!

Pedro coçou, pensativo a barba. Vontade gostosa e humana de pedir um cigarro ao guarda. Torceu o tórax e leu o nome da estátua: Pedro Álvares Cabral.

Levantou-se. O sangue corria-lhe deliciosamente nas veias. Caminhou alguns passos, arrastando pesadamente os pés. Olhou para trás. O guarda continuava imóvel, rodando autoritário o cassetete nos dedos. Pardais chilreavam famintos e inocentes nas pensativas amendoeiras da praça. Pedro encarou com piedade a estátua e balbuciou: — Estátua, per secula seculorum.

Deu as costas e continuou caminhando, lentamente, até desaparecer na bruma que branquejava a praça Paris. Muito distante, disse baixinho a si mesmo:

— Não!... Quero a vida. Quero o barulho das cidades, os minutos, os anos. Os anos! Quantos ainda, Pedro? Quantos?!

NO REINADO DO JÔGO

(Cont. da pág. 53)

O chamado bicheiro volante, para ter certa segurança, tem uma despesa forçada: o farol, indivíduo disfarçado em vendedor de frutas ou bugigangas e que controla a presença dos raros policiais que não recebem propinas. Mas o farol, que ganha, em média, 30 cruzeiros por dia, é sempre prêso pelo "Rapa" da Prefeitura.

Existe, ainda, um serviço de divulgação, o qual entrega, diàriamente, a determinados jornais, o resultado do jôgo, cuja publicação é paga. Alguns recebem 20 mil cruzeiros, enquanto outros têm uma média de 10 mil. O público, entretanto, procura os postes e tabiques, nos quais são afixados os resultados do dia.

OS TIROS

A "Niteri" e "Constantino" arrecadam as listas dos agentes, impreterìvelmente, dez minutos antes das 14 horas, quando é iniciado o sorteio da Loteria Federal.

Cada banca principal mantém empregados que só trabalham às quartafeiras e sábados, quando assistem às extrações da Loteria Federal, nas últimas filas. À proporção que os principais prêmios saem, êles transmitem os números pelo telefone para as bancas e, estas, por sua vez, com aparelhos ligados para Niterói, São Paulo e Belo Horizonte, retransmitem a notícia. Com esta presteza e, em face do descuido de certos banqueiros no interior, tem havido grandes "tiros" de empregados contra patrões, no campo de tavolagem. Outra função do empregado do bicheiro, no auditório da Loteria, é vigiar as meninas do Orfanato que apregoam os números e prêmios das pedras.

AS EXTRAÇÕES CLANDESTINAS

E como são feitas as extrações nos dias em que não corre a Federal? Tanto em Niterói, como em São Paulo, Belo Horizonte e Distrito Federal, funcionam dezenas de clubes de sorteios de mercadorias sob a fiscalização do Govêrno Federal. Os banqueiros, de comum acôrdo, distribuem os dias de sorteio para cada clube, cuja extração nem sempre começa às 14 horas. Daí o resultado do jôgo do bicho, em certos dias, só ser conhecido depois das 15 horas. Êste processo, entretanto, não é dos mais usados. O preferido é o sorteio que funciona livremente à rua do Núncio, quase esquina com a rua Tomé de Souza, com a presença de centenas de contraventores e de policiais. Para os sorteios da noite, a cousa é diferente. Inicialmente, à noite, o número premiado não é um só. Os pequenos banqueiros dos longínquos subúrbios, como os de Campo Grande, Santa Cruz, têm extrações próprias e que são feitas da seguinte maneira:

— Num ponto bem movimentado, freqüentado por bicheiros, um funcionário do banqueiro, pessoa relacionada no bairro, manda um transeunte tirar quatro números de dentro da sacola, repetindo a operação quatro vêzes. A cena é rápida e presenciada por diversas pessoas. Quatro números formam uma milhar. Eis porque no jôgo noturno aparecem vários números diferentes premiados. Êste processo é, também, usado na Praça Mauá, na Cinelândia, na Praça Tiradentes, no Largo da Carioca, no Largo do Machado e outros logradouros. Em Niterói o sorteio é realizado na casa "Vale Quem Tem".

OS RIGORES DA LEI...

Neste país de contrastes, onde cada cidade é um antro de tavolagem, com pif-paf, roleta, dados, os banqueiros vivem soltos. Mas a polícia prende um pobre aleijado, vendedor de bilhetes, quando apregoa a terminação da dezena. A lei, neste particular, é rigorosa... Ninguém pode anunciar o número do bilhete. Mas pode jogar à vontade, às barbas das autoridades.

— Quem vencerá a batalha? O jôgo ou a polícia?

O tempo dirá...

JEAN RENOIR FALA...

(Cont. da pág. 36)

Renoir um dos primeiros diretores vivos...) O que há de extraordinário nêle é essa progressão lenta, sim, mas que nunca dá um passo em falso; essa continuidade de pensamento que amadurece, desenvolve-se em cada nova obra, desde as fitas cômicas da «Keystone», «The Gold Rush», «Luzes da Cidade», «Monsieur Verdoux». Esta última é um apogeu, o fim da marcha para a simplicidade. E' o vagabundo vitorioso, e não mais vencido. E' o triunfo da calma e' da sobriedade, a ausência de floreados, um dos segredos da grande arte, e Chaplin compreendeu-o.

— Quer dizer com isso que Chaplin é um pensador da tela e que se pode ler nas suas películas o progresso do seu pensamento, como o de Gide através dos seus livros?

— O cinema não se pode julgar segundo as mesmas perspectivas que a literatura. Digo simplesmente que Chaplin mostra uma certa evolução e que no ponto extremo cria Verdoux, cumprimento da sua pesquisa de um despojamento. Na medida em que «Monsieur Verdoux» é um «resultado», é a maior das suas películas.

— E que pensa do que se costuma chamar a «escola verista»?

— O cinema italiano? E' sem dúvida uma das mais importantes manifestações de após-guerra.

— Sim, mas está de acôrdo com êsse realismo, considerado por alguns exagerado ao ponto de deixar de ser um realismo?

— A disputa do realismo, na verdade, repousa sobretudo em malentendidos. O que me interessa é a concepção que um indivíduo tem do mundo, e a maneira pela qual êle a exprime. O «Encouraçado Potemkine» é uma obra de realismo. «Brief Encounter», também. Aí está, foi uma das maiores películas dos últimos anos.

— Porém «Roma, cidade aberta»? «Sciuscia»?

— «Roma, cidade aberta» é uma grande obra mas com um lado, segundo me parece, melodramático, supérfluo, talvez. Não, decididamente prefiro «Paisá», embora neste o exagêro esteja do lado heróico. O senso da medida também é um fim a atingir. «Verdoux», «Brief Encounter», são películas perfeitas, porque nada lhes falta e nada se lhes pode acrescentar. «Le Diable au Corps», no cinema francês, foi a obra que mais me impressionou, creio.

— Acaba de mencionar «Le Diable au Corps». Há certas obras, como essa ou «Riso Amaro», de um valor artístico inegável, mas cujo êxito deve ser atribuído a outros elementos, junto às massas: um certo lado escandaloso para a obra de Autant Lara, e o erotismo, ou mesmo o sadismo, para a de Giuseppe de Sanctis. Em outras palavras, o êxito de uma película propõe o problema do público. «La Règle du Jeu», por exemplo, nunca alcançou um grande êxito.

— Tive ocasião de dizer-lhe que essa película foi feita com vinte anos de antecedência. O cinema, não nos esqueçamos, é uma nova escrita que ainda não chegou à forma definitiva. Está sujeito a vários tabus, ultrapassados há tempo pelas outras artes. As questões sexuais lhe são interditas, os problemas sociais não podem, infelizmente, ser abordados de frente. Se o cinema é jovem, o público também o é.

— Quer dizer que em vinte anos será possível fazer películas eróticas, por exemplo?

— Nada disso. Quero dizer simplesmente que a maturidade do cinema e a expansão em breve gigantesca da televisão mudarão de todo a face do problema. Senão, vejamos, processa-se no mundo inteiro uma criação de elites de espectadores. Veja o número crescente de cinemas especializados. O movimento dos clubes de cinema em França é uma coisa fantástica. Todos os dias um maior número de gente assiste ao «Encouraçado Potemkine», à «Paixão de Joanna d'Arc», «Intolerância». Êsses rapazes começam a julgar diferentemente, e usarão do seu discernimento quando se tratar de ir ao cinema sábado à noite. Formarão o núcleo de um público que atingirá um número suficiente para amortizar as películas que exigem alguma cultura artística, ou pelo menos um certo gôsto por essa cultura.

— Acha portanto que se está formando uma elite que com o tempo se tornará suficientemente numerosa para cobrir películas que hoje pareceriam malogros comerciais?

— Positivamente.

— Admitamos a fôrça do movimento dos Clubes de Cinema na França, por exemplo. Porém nada de parecido se vê nos Estados Unidos, nem sequer sinais precursores de tão benéfica revolução!

— E' porque V. não observa bem! O número de cinemas que apresentam películas estrangeiras, sobretudo francesas, tem aumentado em proporções consideráveis nestes últimos anos. Os jovens onrte-americanos, não obrigatòriamente estudantes, passam o tempo hoje, ouvindo conferências. Isso dura muito e nem sempre é divertido. Outra coisa, Charles Laughton e Charles Boyer estão percorrendo os Estados Unidos neste momento lendo «Don Juan in Hell», de G. B. Shaw. As salas estão apinhadas todos os dias. E quem assiste a essas leituras? Os amadores das boas películas de amanhã!

— Admitamos isso também! Os custos da produção serão sempre os mesmos, ou talvez cheguem a aumentar. As suas películas para elites perderão dinheiro, e nenhum produtor há de querer empreendê-las.

— Em primeiro lugar, o custo da produção não aumentará, mas baixará. E' uma questão de vida ou de morte. Os diretores e os atores trabalharão por menos ou deixarão de trabalhar. E já vou lhes dizer porque o cinema nos próximos vinte anos vai mudar: é porque faz trinta e cinco anos que êle vive dos mesmos velhos truques... As grandes mutidões serão servidas pela televisão. Nos Estados Unidos existem quinze milhões de aparelhos e sessenta milhões de espectadores. Haverá também o colorido dentro de três meses, e o relêvo dentro de dois anos. A qualidade da recepção melhora, a tela aumenta. Abrem-se cinemas de televisão. E' uma questão de anos, como sabe. Se os lucros baixaram em proporções que assustam todos os proprietários de salas, a culpa é da televisão. Hollywood afirma que perde dinheiro fazendo 350 películas anuais para os cinemas. Pois passará a ganhar dinheiro fazendo 10.000 para a televisão. E a gente irá ao cinema sòmente para ver superproduções do gênero de «Quo Vadis» ou uma nova montagem do Apocalipse! E como é preciso películas para tôda gente, e que a parte esclarecida do público — que está aumentando cada vez mais — não se satisfará com as fabricações em série das películas para TV (e dentro de algum tempo seria possível fazer boas obras) nem com as reedições em superespetáculo, surgirão películas inteligentes, artísticas. Esta classificação já existe em Nova York, onde certas salas exibem apenas obras de certo valor estético, outras se dedicam às películas de «Far-West», outras ainda aos espetáculos horripilantes. Repito-o, é apenas uma questão de tempo.

— Aí está uma demonstração que quase me convenceu, repliquei procurando em vão uma falha nessas audaciosas considerações. Aliás essa maturidade do público é o meu maior desejo, e quem sabe se efetivamente

Clinica Dr. Santos Dias

CONSULTAS. Cr$ 30,00

Tratamento e cura pela hormonioterapia e alta frequência específica, da velhice precoce, da função sexual no homem e na mulher, irritabilidade, fadiga e insônia, nos casos indicados.

MOLÉSTIAS SEXUAIS — IMPOTÊNCIA

Rua São José, 60 — 9º andar — Conjunto 903. Tel.: 32-6239.

Enfermagem a cargo de técnico e profissional diplomado.

Horário: — Diàriamente, das 14 às 19 horas.



PASSATEMPO

LIDERGRAMA N.º 53

	Conceito	1	2	3	4	5	6	7
A	Favor; benevolência; perdão	39	13	63	103	135	■	■
B	Amor; dedicação; demonstrações de amigo	97	15	142	55	128	108	5
C	Camada inferior da sociedade	29	144	4	16	■	■	■
D	Cerimonial; relativo a ritos	33	133	11	83	102	72	■
E	Evola-se; passa ao estado de vapor	71	2	56	137	43	96	117
F	Solução de substâncias coloridas; tinta	22	74	10	143	101	120	50
G	Assustadores; que causam mêdo	100	54	18	34	42	1	132
H	Instrumento musical de seis cordas	35	124	78	88	104	61	■
I	Esta coisa	60	8	112	94	■	■	■
J	Inferiormente; do lado de cá	48	82	115	14	121	■	■
K	Naturais das Gálias	27	85	47	99	122	111	■
L	Estira; desdobra; prolonga	7	21	106	69	49	70	136
M	Sem valor; que não é válida; inepta	90	17	25	41	■	■	■
N	Locais; chácaras; fazendolas	24	130	51	40	105	68	■
O	Coisa nenhuma; o que não existe	66	89	19	119	■	■	■
P	Limpa; esmerada; higiênica	28	44	98	65	92	6	125
Q	Searas em estado de se ceifar; ceifas	64	46	31	77	110	86	■
R	Árvores leguminosas de flores amarelas ou roxas	36	45	20	62	■	■	■
S	Implume; recém-nascido	114	107	138	37	76	■	■
T	Existiam; tinham	118	12	129	58	95	81	■
U	Aquêles que não crêem em Deus	9	59	73	26	79	■	■
V	Receamos; temos mêdo	75	38	116	141	134	109	■
W	Permanece; acha-se colocado	23	57	91	113	■	■	■
X	Acusados; criminosos	139	84	52	93	■	■	■
Y	Os que ficam em poder do inimigo como garantia	53	30	140	80	123	131	■
Z	Vaia; assuada	3	32	127	87	67	■	■

EXPLICAÇÃO — Para se achar a solução do LIDERGRAMA, escrevem-se as respostas aos conceitos no quadro vertical que se encontra à frente dos mesmos, cada letra em uma casa. Depois se transportam para o quadro de baixo as letras das palavras achadas, colocando-se cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para baixo as letras iniciais das palavras do quadro vertical, veremos que se formou o nome de um autor e o título de uma de suas obras e, no quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da mesma obra. As casas pretas separam as palavras e indicam a pontuação.

■	G 1	■	E 2	Z 3	C 4	B 5	■	P 6	L 7	■	I 8	U 9	F 10
D 11	T 12	A 13	J 14	B 15	■	C 16	■	M 17	G 18	■	O 19	R 20	L 21
F 22	W 23	N 24	■	M 25	U 26	K 27	P 28	C 29	Y 30	Q 31	■	Z 32	D 33
G 34	H 35	R 36	S 37	Y 38	A 39	N 40	M 41	G 42	E 43	P 44	■	R 45	Q 46
K 47	J 48	■	L 49	F 50	N 51	X 52	Y 53	G 54	B 55	E 56	;	W 57	T 58
U 59	I 60	H 61	R 62	■	A 63	Q 64	P 65	O 66	Z 67	N 68	■	L 69	■
L 70	E 71	D 72	U 73	F 74	V 75	S 76	Q 77	H 78	U 79	,	Y 80	T 81	■
J 82	D 83	X 84	■	K 85	Q 86	■	Z 87	H 88	O 89	M 90	W 91	P 92	X 93
,	I 94	■	T 95	E 96	,	B 97	■	P 98	K 99	G 100	F 101	D 102	A 103
H 104	N 105	,	L 106	S 107	B 108	Y 109	■	Q 110	X 111	I 112	W 113	■	S 114
J 115	Y 116	E 117	■	T 118	O 119	F 120	J 121	K 122	Y 123	H 124	P 125	■	V 126
Z 127	B 128	T 129	N 130	Y 131	G 132	D 133	V 134	A 135	■	L 136	■	E 137	S 138
X 139	Y 140	V 141	Q 142	F 143	C 144	■	■	■	■	■	Otaner-Rio		

SOLUÇAO DO LIDERGRAMA N.º 52 — E. DE QUEIROZ. — A CIDADE E AS SERRAS. — "Com que brilho e inspiração copiosa a compusera (aquela bendidita serra) o divino artista que fêz as serras, e que tanto as cuidou, e tão ricamente as dotou, neste seu Portugal bem-amado!"

dentro de algum tempo os fatos lhe darão razão.

— Quais são os seus projetos atuais, se não fôr indiscreto? Já me disse, no telefone, que não pretendia fazer a película sôbre a vida de Gandhi na India, embora os jornais tenham anunciado a sua partida.

— Absolutamente! Acho que a vida de Gandhi não pode ser feita por um europeu.

— E quanto ao plano de produzir «La Folle de Chaillot», de Jean Girau-doux? Ou seria «L'Etranger», de Camus, que pretendia fazer com Gérard Philippe?

— Projetos, projetos e nada mais. (IPA)

UM PURGATÓRIO...

(Cont. da pág. 25)

praticados com o apadrinhamento de altas figuras da política nacional!

O seguinte diálogo é típico e bem mostra a situação difícil em que se vê o sr. Coriolano de Góis:

O diretor da CEXIM deixou de responder a uma pergunta e o sr. Peter Franke, da "Intimex", tentou fazer um exame da nova lei de câmbio. O sr. Coriolano de Góis e o sr. Peter Franke travaram o seguinte diálogo:

Comerciante — E a importação de peças de automóveis?

Diretor da CEXIM — Já atendi a todos os pedidos requeridos.

Comerciante — Eu nada recebi — e requeri.

Diretor — Para onde eram as licenças solicitadas?

Comerciante — Inglaterra.

Diretor — A importação está fechada.

Comerciante — Mas há um aviso da Carteira de Importação

Diretor — Está fechada.

Comerciante — Mas diz o aviso que...

Diretor — V. Excia. é bacharel em Direito?

Comerciante — Não.

Diretor — Pois então não pode discutir!

Assistência — Oh! Oh! Oh!

Comerciante (entre demorados aplausos) — Não é preciso ser bacharel para entender a lei!

Diretor — Mas o juiz está aqui. E pronto!

Caiu o pano.

O que é fato é que o sr. Coriolano de Góis a estas horas deve estar absolvido de todos os pecados que por ventura tivesse.

Já os purgou no exercício de Diretor da CEXIM, órgão, no momento, destinado a não dar divisas. Por que? Porque não as tem. E todos querem câmbio. Todavia, se evidência consolasse, de certo que o sr. Coriolano de Góis seria o homem mais feliz do mundo... Mas na verdade o que êle deve sentir é inveja do sr. Benjamin Cabello...

PASTOR DE UM SÓ REBANHO

(Cont. da pág. 6)

primeiro Ordinário para os católicos de rito oriental. Aí está a importância da Pastoral. O Pe. Elias fêz uma pequena digressão. Talvez, agora, não seja devidamente apreciada. Não é estranhável, portanto, que esta atitude seja tomada por elementos do Clero. Isto, porém, desaparecerá com os primeiros frutos advindos. Pois é ela o grande fator de união e de compreensão entre os católicos do Oriente com os católicos do Brasil.

A PASTORAL E OS CATÓLICOS ORIENTAIS

Quais os católicos orientais visados na Pastoral e como ficaria pràticamente a situação dêles no Brasil — perguntamos. — Os orientais que pudemos considerar adeptos de diferentes ritos — disse Pe. Elias — e que podem aproveitar êste Ordinariato — são os da parte oriental pròpriamente dita: os libaneses e os sírios. Em menor número há no Brasil os palestinos. A respeito de outras nacionalidades do Oriente Próximo, como os árabes, turcos, iraquianos e transjordânios — os dessas nacionalidades são de crença maometana, e quase não existe no Brasil.

Os libaneses e sírios estão espalhados em diversas partes do território brasileiro. No Rio de Janeiro, Norte do Brasil, Minas Gerais, São Paulo existem orientais dos três ritos católicos: maronitas, melquistas, armênios e bem poucos siríacos. Em Santa Catarina, Rio Grande do Sul e boa parte de São Paulo existe grande número de ucranianos e alguns rumenos.

O cardeal Dom Jaime em combinação com a Santa Sé nomeou três vigários Gerais para o primeiro Ordnariato Oriental do Brasil: o revdo. Pe. Elias Maria Gorayeb — para os maronitas e siríacos, com sede no Rio de Janeiro. Monsenhor Elias Cueter, para os gregos melquistas, com sede também no Rio e Monsenhor Clemente Preina para os ucranianos, com sede em Santa Catarina.

CASAMENTO E CELIBATO DOS PADRES ORIENTAIS

Os padres orientais dependem de seus patriarcas ligados ao Vaticano. O que os diferencia dos padres latinos, são, como vimos, os seus ritos. No Oriente existem dois cleros distintos: O clero ortodoxo e o clero cismático. Ao clero ortodoxo pertencem os diferentes ritos católicos do Oriente. A característica dêsse catolicismo oriental consiste nisto: no casamento e no celibato do clero. Comumente se diz que os padres orientais se casam. Não é lá muito correto. Há padres casados, porém os padres não se casam ordinàriamente. Como isto? Pelo seguinte fato: um pai de família virtuoso e culto, pode, como se fazia no tempo dos apóstolos, ser ordenado sacerdote, quando houver necessidade. Casado, com espôsa e filhos passa a exercer as funções sacerdotais. Se, porém, morrer a espôsa, já não pode mais casar. Afora êsse caso, os padres orientais seguem a tradição do clero latino, que data do século nono, o celibato.

Quanto aos sacramentos da confissão e da comunhão os orientais não se distinguem dos sacerdotes romanos. Na administração da comunhão, em certos ritos, existe uma particularidade. E' dado antes o pão e depois o vinho tran-substanciados no Corpo e no Sangue do Cristo.

Ao terminar a nossa reportagem fomos tentados a mais uma pergunta. E esta sôbre a momentosa questão do divórcio. O pensamento dos católicos orientais, concluiu o reverendo maronita, não poderia discrepar dos católicos latinos. No oriente só são divorcistas os cismáticos para contrariar a Santa Sé. Estava finda a nossa tarefa na Missão Libanesa dos padres maronitas. Depois de um quente cafèzinho, deixamos a Missão Libanesa, onde se ergue a Igreja matriz dos maronitas, ovelhas do grande rebanho espitual do catolicismo oriental no Brasil.



CAPITAL SOCIAL

3.000.000,00

(Integralizado)

Carta Patente n.º 146

Oferece o formidável

PLANO DE ECONOMIA

Série "C"

O plano Série "C" da Brazília além de ajudá-lo a cultivar o hábito sadio da economia, proporciona-lhe as seguintes vantagens:

a) — Prêmios de Cr$ 200.000,00; Cr$ 100.000,00; Cr$ 30.000,00; Cr$ 20.000,00; Cr$ 10.000,00, etc.
b) — Resgate por antecipação;
c) — Resgate por falecimento;
d) — Dividendos ou bonificações anuais;
e) — Seguros contra acidentes pessoais;
f) — Sugestões relacionadas a viagens, repousos ou excursões;
g) — Informações sôbre matéria de interêsse turístico;
h) — Reembôlso integral.

MENSALIDADE — 50,00

Peçam informações

BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL, S. A.

SEDE PRÓPRIA: Rua Visc. de Inhaúma, 134 - 4.º pav.

Agências e Sucursais em todos os Estados

TELEFONE: 43-3475

ATENÇÃO, RUBRO-NEGROS!

CONHEÇAM A HISTÓRIA DO "CLUBE MAIS QUERIDO DO BRASIL" E A VIDA DOS SEUS "CRAKS" MAIS FAMOSOS DO PASSADO E DO PRESENTE

Leiam o ÁLBUM RUBRO-NEGRO

300 PÁGINAS — PREÇO CR$ 50,00

A VENDA EM TÔDAS AS BANCAS DE JORNAIS. REMETEMOS PELO "REEMBÔLSO POSTAL" — PEDIDOS A EDITÔRA BRASILIDADE LTDA., RUA DA QUITANDA, 59 — 2.º ANDAR — C. POSTAL 2.733 — RIO

"TAILLEURS" PARA 1953

ESTAMOS na época de pensar no «tailleur» que faremos para a temporada de inverno. Que linha deverá seguir? — perguntam-se as elegantes ao planejar o guarda-roupa para a próxima estação. A resposta é vaga: tôdas as linhas aparecem nas mais recentes coleções francesas ou americanas. O costume do ano passado pode, mesmo, ser adaptado a seu gôsto às silhuetas de 1953, com pequenas modificações... Vejamos alguns estilos, entre os quais deverá fazer sua escolha:

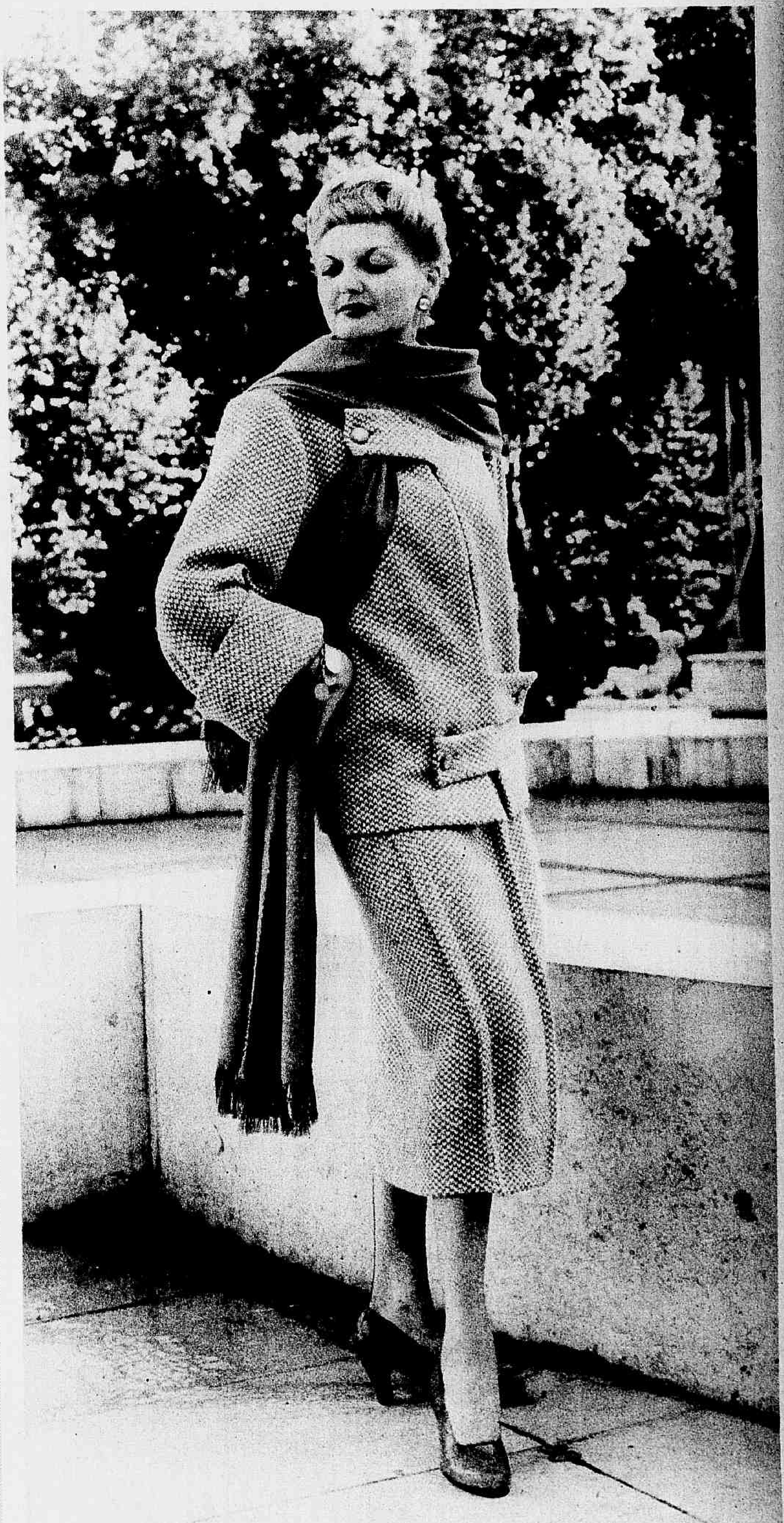
● **O costume clássico** foi despojado de todo detalhe inútil. Ajusta-se à silhueta de forma natural, sem exageros. Golas e punhos pequenos e botões subindo bem alto no decote. Mangas compridas e ombros com enchimentos muito baixos, apenas suficientes para manter as cavas no lugar.

● **Costume cilíndrico**, ou, traduzindo a expressão francesa: «costume caixa de fósforos». Jaqueta cortada em linha reta, ocultando inteiramente a linha da cintura. Muitas vêzes é usada sem blusa.

● **Costume decotado**. A gola tem lapelas colocadas muito abaixo do pescoço, formando um decote amplo do qual emergem os ombros e o colo. Êste modêlo é reservado para as grandes ocasiões, e confeccionado em sêda pura, lã fantasia ou mesmo brocado.

● **Costume fechado**. Com jaqueta inteiramente abotoada, sem cintura. Golinha de ponta. Mangas japonêsas ou raglan, três quartos, sem punhos. E' um estilo que ficará bonito se confeccionado em jérsei de lã (ou em linho, para a meia estação).

● **Costume semiclássico**. Aproxima-se do clássico, porém a jaqueta é cortada em muitos panos ou gomos. Ligeiramente ajustado na cintura. Mangas quimono três quartos. As golas e punhos não devem ser batidos a ferro. O costume brilhará em 1953 em tôdas as ocasiões, já que sua versatilidade permite a confecção nos mais diversos tecidos. Todos êles têm saias justas, ou quando muito com pregas ou roda atrás. Comprimento: 30 centímetros do chão. **(MARGÔ)**



Original modêlo em lã fantasia. (ao lado) Notem os abotoados com alças transpassadas. Mangas com punhos dobrados. Saia justa, pespontada na frente. Usa-se com «echarpe» em côr que harmonize.

"Tailleurs" para 1953

NINA RICCI — "Tailleur" em lã mescla, em tonalidade de "fôlhas sêcas". Use com sueter verde pistache, punhos e faixa na cintura, amarelo em jersei drapeado.







WORTH — Modêlo quase clássico, transpassado. Ligeiramente acentuada a marcação da cintura. Decote original com lapelas estreitas, de acôrdo com a nova linha.

MAURICE RENTNER — Costume de lã vermelho vivo, com jaqueta curta, larga atrás e prêsa com cinto de verniz na frente. Completamente negro. Na cintura um ramo lilás.

FORSTMANN — Apresenta êste modêlo em pelúcia de nylon com saia justa e jaqueta de linhas simples, com lapela subida junto ao pescoço. Debrum em malha de lã.



WEEK-END NA COZINHA



BOLINHOS FRITOS

Alguns deliciosos bolinhos fritos que poderá servir como sobremesa ou com uma xicara de café com leite.

INGREDIENTES

1 prato de polvilho, peneirado
1 xícara de leite
1 pitada de sal
1 colher das de sopa de banha
3 ovos

MANEIRA DE FAZER

1. Faça uma massa com todos os ingredientes, assim: ponha o polvilho numa tijela, abra um fundo no meio e coloque os ovos e o leite. Vá misturando devagar com a mão e amassando ao mesmo tempo.

2. Ponha a banha numa frigideira e deixe esquentar bastante.. Depois frite a massa, às colheradas, um pouco de cada vez para que os bolinhos fiquem bem secos. Depois de fritos ponha para escorrer em cima de papel absorvente.

Polvilhe-os com açúcar e canela e sirva quente.

SANDUÍCHES DE SALSICHAS

Prepare éstes deliciosos sanduiches de salsichas para o lance de domingo à tarde ou para um almôço ligeiro.

INGREDIENTES (para servir 6 comensais)

8 salsichas
6 colheres das de sopa de manteiga ou margarina
1/4 de xícara de farinha de trigo
1 xícara de leite
1 3/4 de xícara de suco de tomate
3/4 de xícara de queijo ralado
1 pitada de sal
1/8 de colher das de chá de pimenta do reino
6 pãezinhos compridos de sanduiche

MANEIRA DE FAZER

1. Derreta a manteiga ou margarina numa frigideira. Ponha a farinha e misture suavemente. Acrescente o leite, gradualmente, misturando com a colher até que engrosse.

2. Acrescente o suco de tomates, sempre mexendo a mistura, e depois o queijo ralado. Mexa até que o môlho engrosse e o queijo derreta. Tempere com sal e pimenta.

3. Corte as salsichas em fatias de 1/2 centímetro de grossura. Ponha os pedaços no môlho Deixe um pouco mais no fogo e espalhe bem quente sôbre as fatias de pão, cortadas ao comprido, e torradas com manteiga.

Pode completar o cardápio com: rabanetes, cenoura crua e raminhos de salsa.

CONSELHOS ÚTEIS

● *Para evitar que o QUEIJO PARMEZÃO endureça rale o pedaço todo, mesmo se vai usar só um pouquinho. Coloque o restante numa vasilha fechada (um vidro com tampo de rosca) e guarde na geladeira. Terá assim sempre à mão queijo ralado.*

● *Se quer DECORAR SUA MESA de maneira bonita sem muita despesa, experimente fazê-lo com tijelinhas de barro. Ponha um pequeno cinzeiro de barro ao lado de cada prato e arrume as flores em potinhos de barro.*

● *Os PILÕES DE VIDRO são melhores para a cozinha do que os de barro, louça ou madeira. Limpam-se com mais facilidade e não conservam o cheiro de cebola, alho e outros temperos.*

● *Para variar o SORVETE DE CREME experimente servi-lo misturado com amendoim passado na máquina. Também ficará delicioso com frutas sêcas picadas, como: figos, tâmaras ou passas.*

A EMBAIXADORA



Clara Boothe Luce

A nomeação de uma **Embaixadora** norte-americana junto ao govêrno italiano a senhora Clara Boothe Luce, está servindo de argumento para muita controvérsia e muita discussão na imprensa de todo o mundo, principalmente nos países de civilização latina...

As feministas encaram o acontecimento como mais um degrau vencido na luta pela emancipação da mulher e festejam-no como uma vitória do sexo fraco contra o forte. Os antifeministas irredutíveis, e o senhor Guareschi (autor de Don Camillo), gastam tinta em artigos de fundo a fim de alertar os dois governos contra os perigos que poderiam advir de decisões tomadas por uma mulher que «por estar na idade crítica nem sempre saberia conservar tôda a clareza de espírito e sangue frio ao resolver os altos problemas da política internacional, pondo em perigo o próprio Pacto do Atlântico.

Não vamos tomar partido contra um ou contra outro. Mais interessante que as próprias discussões é o fato dessas discussões terem surgido, o que mostra quão pouco os países latinos estavam preparados para isso. O assunto não repercutiria tanto se a embaixadora tivesse sido nomeada para outro país que não a Itália. Os próprios Estados Unidos já nomearam duas embaixadoras antes dessa: Eugenia Anderson, para a Dinamarca e Perla Mesta, para o Luxemburgo — ainda no govêrno de Truman. Também a Rússia já teve sua Embaixadora, em Estocolmo — Alexandra Kollontai, escritora, educadora e bolchevista veterana — numa época em que êsse cargo apresentava dificuldades extras, por estar o mundo em conflito, na II Guerra Mundial. Mas a maioria dos países latinos ainda não se libertou de certos preconceitos, principalmente quanto a atribuição de algumas funções exclusivamente aos homens.

CLARA BOOTHE LUCE — a causadora de tôda essa celeuma —, é hoje uma das 10 mulheres mais bem vestidas do mundo. Porém, sua vida nem sempre foi um mar de rosas. Teve uma infância pobre — num quarto de pensão onde vivia com o pai — músico, violinista — e a mãe — artista teatral.

Teve que trabalhar para seu sustento na adolescência — numa fábrica de papel. Era, porém, ambiciosa, bonita e inteligente, conseguiu uma bôlsa de estudos e foi estudar na Europa. Ao voltar para sua terra, dedicou-se ao jornalismo. Há um episódio que mostra a audácia que preside suas ações e sua fôrça de vontade. O diretor da revista «Vogue» contratou-a e, de saída, pediu-lhe que fizesse algumas traduções de francês. A jovem Clara, que de francês tinha algumas noções rudimentares, passa a noite inteira trabalhando e, a custa de muito dicionário, consegue aprontar a tarefa para a manhã seguinte... Um dia ela se tornaria diretora da revista.

Enquanto isso, entrega-se à luta pela emancipação da mulher: organiza comícios, escreve artigos e mesmo uma peça teatral, na qual critica acerbamente as mulheres inativas que ainda vivem fechadas no seu canto restrito, na ignorância completa do que se passa pelo mundo.

★

CASA-SE COM um advogado do qual se divorcia por «crueldade mental». Êste paga-lhe uma indenização de 5 milhões de dólares. Seu segundo e atual marido é Henry Dobinson Luce, diretor das revistas «Life», «Time» e «Fortune».

A política a atrai. Consegue eleger-se senadora republicana em 1943. Em 1946, depois de perder a filha, Ana, converte-se ao catolicismo. Sua conversão foi em grande parte devida à influência do bispo Fulton Shee — um dos mais famosos pregadores norte-americanos. Os círculos católicos vêem na nova Embaixadora uma possibilidade de estabelecimento de relações entre os Estados Unidos e a Santa Sé, o que seria realizado não oficialmente de início, mas por meio de conversações que ela poderia manter com Pio XII em sua qualidade de católica. Êste é, em poucas palavras, o resumo da vida da mulher que tanta celeuma tem provocado nos altos círculos diplomáticos italianos, por ter quebrado mais um tabu até agora existente nos países latinos. **(L.J.)**

Sugestões para o lar

NEM sempre podemos ter no quarto uma penteadeira e uma escrevaninha, pelo eterno motivo: falta de espaço. No entanto, ambos são móveis indispensáveis para a estudante ou para a mulher que trabalha, principalmente se tem a profissão de professôra, jornalista ou outra qualquer que requeira o manêjo de livros e cadernos. Falei em ambos, a penteadeira está incluída; pois, como poderá se apresentar bem pintada e penteada, quem não dispõe de um lugar cômodo para as diversas operações que requer o embelezamento de uma mulher?

● O móvel que apresentamos na ilustração vem atender a essas duas finalidades: aberto, como estão vendo, é uma penteadeira com magnífico espelho, e com prateleira, para a disposição de caixas de pó, potes de creme, pente, escova e tudo mais. Fechada, transforma-se numa escrevaninha ótima com duas fileiras de gavetas laterais para tôda a papelada de quem lida com letras e números.

● Uma banqueta forrada, em tecido xadrez, completa o conjunto. Mas, o que não se está vendo, é que a banqueta dispõe de uma tampa, e na verdade, é uma ótima caixa para se guardar sapatos, ou objetos fora de uso. Com a apresentação da fotografia um bom marceneiro executará a penteadeira — escrevaninha com perfeição. A corrediça para o espelho se encontra nas lojas de ferragem. Essa original sugestão foi apresentada numa exposição de móveis organizada por Dunbar, em Nova York, e a fotografia foi tirada especialmente para as minhas leitoras desta seção. — NIKE.





A Senhora Darcy Vargas em palestra com a Senhora França Filho.

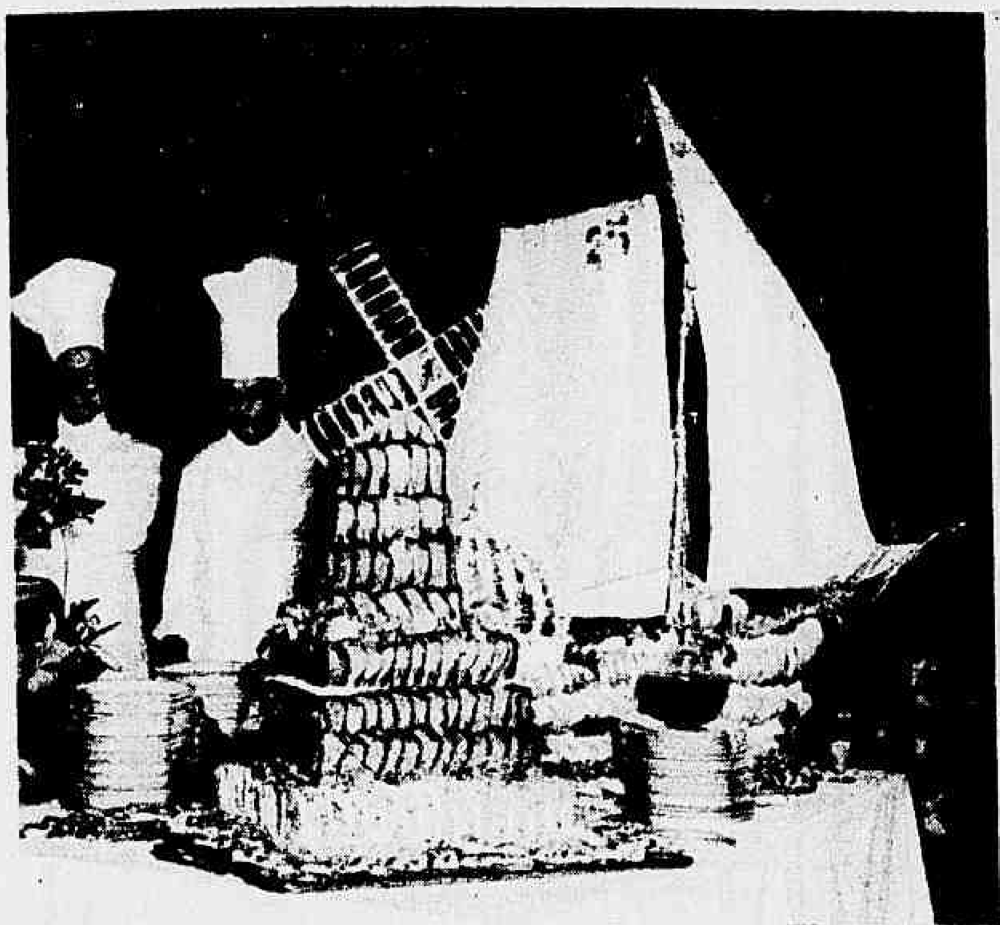
Bodas de Prata



Srs. Negrão de Lima, côn. Olímpio de Melo, Morais e Barros e René Levy.



Outro grupo de convidados nos salões da residência do casal França Filho





O casal França Filho posa gentilmente para a objetiva da REVISTA DA SEMANA durante a recepção.

É uma das tradições mais emotivas da família brasileira, a comemoração das Bodas de Prata de um casal. Nessa data reúnem-se os membros da família e festejam o acontecimento com o maior júbilo, compartilhando da alegria íntima, pessoas das relações dos homenageados, muitas vêzes servindo tais eventos, para cimentar a união dos casais "brotinhos" diante do exemplo daqueles que fizeram de um quarto de século, o alicerce indestrutível do amor, da renúncia e da abnegação para a formação de um lar. O casal Nenê França Filho e Antônio Ri França Filho, comemoraram a 18 de abril último, suas Bodas de Prata, com uma solenidade religiosa — missa às onze horas — na Igreja da Glória do Outeiro, nesta capital, seguindo-se uma recepção a convidados, parentes e amigos, às dezoito horas do mesmo dia, em sua residência, na rua Marquês de Pinedo, 97. O templo da Glória ficou repleto de convidados e pessoas da família dos celebrantes, o mesmo sucedendo à noite, no domicílio da família França Filho, quando para lá afluiu o que o Rio possui de mais elegante e fino em sua sociedade.

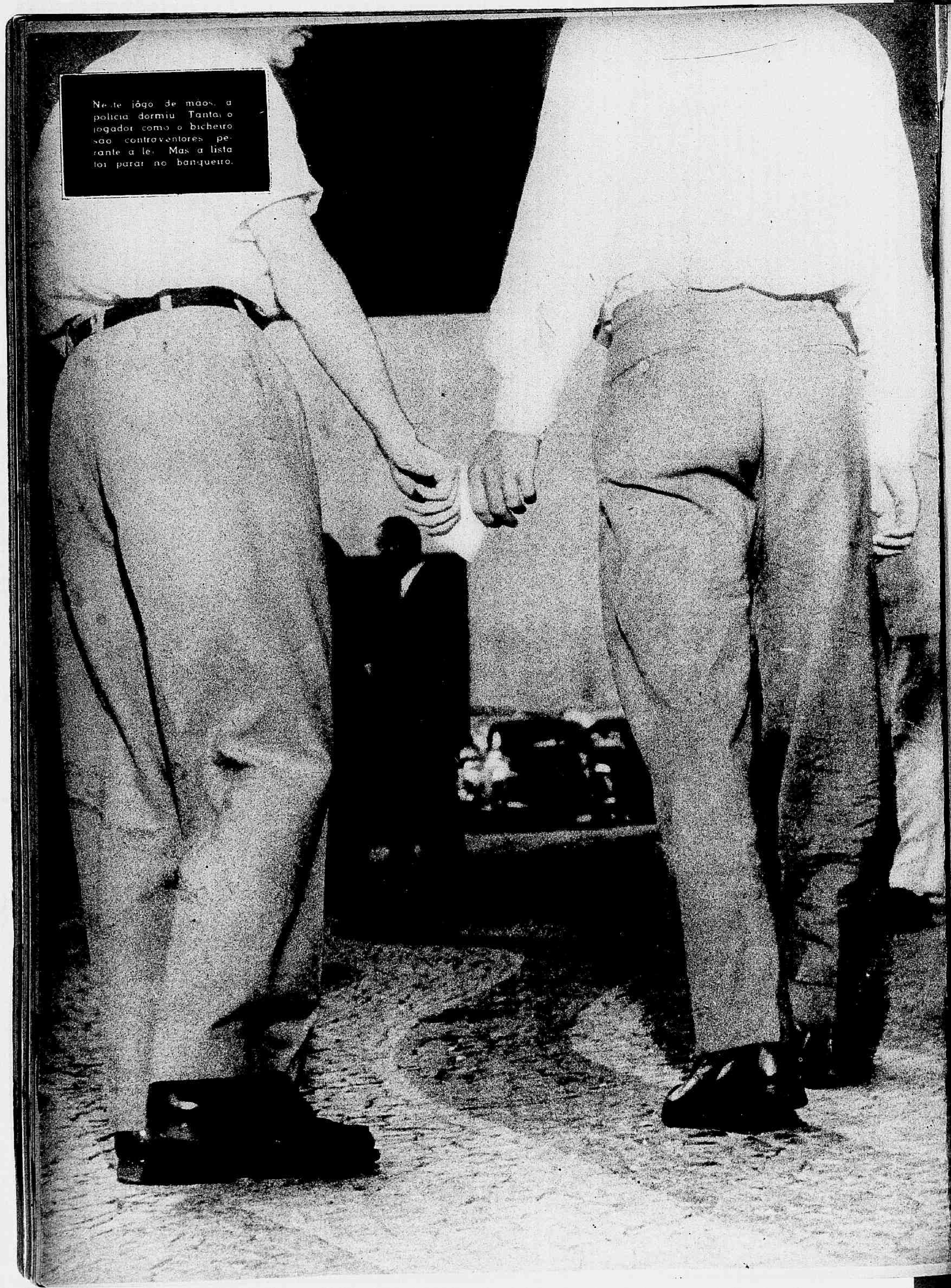
Foi uma encantadora reunião como não podia deixar de acontecer em face das virtudes e distinções que caracterizam a senhora França Filho e da situação que desfruta o seu espôso no ambiente social do Rio de Janeiro.

Estêve presente a sra. Darcy Vargas, espôsa do sr. Presidente da República. Também compareceram à recepção do casal França Filho os srs. Horácio Láfer, Ministro da Fazenda, Simões Filho, Ministro da Educação e Saúde, Negrão de Lima, Ministro da Justiça, senadores, deputados, escritores e figuras de relêvo das classes conservadoras do país, das quais é um dos líderes o sr. França Filho, ex-deputado federal.

Mestres de confeitaria — como seria impossível deixar de acontecer — apresentaram o melhor da casa...



Aspecto do jantar oferecido no terraço do palacete França Filho.



Neste jôgo de mãos, a polícia dormiu. Tanto o jogador como o bicheiro são contraventores perante a lei. Mas a lista foi parar no banqueiro.



Espetáculo comum, à tarde, nas ruas do Distrito Federal. Todo mundo pára e confere os sete prêmios do jôgo do bicho, duas extrações por dia.

NO REINADO DO JÔGO

DO TEMPO DO BARÃO DE DRUMOND À SACOLA QUE CORRE PELAS RUAS ★ DEZOITO MILHÕES DE CRUZEIROS, POR DIA, NO JÔGO DO BICHO ★ EXTRAÇÕES CLANDESTINAS ★ ONDE AS LISTAS SÃO APANHADAS: SALÃO DE MANICURE E FEIRA-LIVRE ★ DOIS BANQUEIROS CONDENADOS, CONTRA MIL E QUINHENTOS BICHEIROS PRESOS

Reportagem de EDMAR MOREL

Fotos de ADIR VIEIRA

● No momento em que o Ministro da Justiça toma enérgicas providências para acabar com a jogatina no Brasil, proibida por um decreto-lei, no govêrno do general Eurico Gaspar Dutra, a «Revista da Semana», através de uma reportagem de Edmar Morel, oferece êste libelo, cuja veracidade ou não, pode ser comprovada pelos zelosos agentes do poder público. Repete-se a história da formiga:

«— Ou o Brasil acaba com a saúva ou a saúva acaba com o Brasil». A função do Ministério da Justiça é árdua, quando é sabido que o jôgo está na alma do povo.

OS jogos de azar, desde o «pif-paf» que é carteado nas zonas chics, sem parcimônia, ao rolar de dados nas ruas da cidade e nos fundos de estabelecimentos comerciais, estão sendo praticados em tôda a Nação. O país é uma imensa casa de tavolagem. Sete anos depois da promulgação da lei que proíbe o jôgo, em todo o território nacional, sente-se que o jôgo está absoluto, à cuja sombra vive muita gente com ares puritanos...

Fecharam os cassinos, mas os cassinos clandestinos, ao longo da Rio-Petrópolis e no Estado do Rio, como em Magé e na «Fazenda da Grama», funcionam com uma precisão matemática. E as famosas rifas de automóveis em benefícios de casas de caridade que não existem? E as «ações entre amigos»? E as corridas de cavalos?. Os bingos? Por ventura, tudo isto não é jôgo? Joga-se em todos os recantos da nação, a despeito de um apressado biógrafo do general Eurico Gaspar Dutra ter dito com ênfase:

— S. Excia. acabou com a jogatina...

A verdade é que o país vive mergulhado na batota. Uma verdadeira brigada, com mais de 30.000 pessoas, no Rio, trabalha no jôgo do bicho contra outros milhares de homens e mulheres, em São Paulo, onde o govêrno estadual, com uma série de medidas enérgicas, fêz diminuir para 30% o movimento da tavolagem.

O país tem mais ou menos 1.500 cidades e, em qualquer uma delas, há jôgo clandestino ou jôgo tolerado, para fins políticos ou por injunções políticas.

NO REINADO DO JÔGO

Beco das Cancelas, a rua mais estreita do D. Federal é um dos Q.G. do jôgo do bicho. Já no tempo do Barão de Drumond o beco era famoso.



A lei proíbe o vendedor de bilhetes apregoar o número. Mas não impede que o sujeito jogue à bessa no Brasil, o reinado da tavolagem.



Aqui é a casa da rua do Núncio, onde são feitas as extrações do jôgo do bicho nos dias em que não corre a Loteria. O ato é público.

O chamado jôgo do bicho, na Capital Federal, com 2.700.000 habitantes, movimenta mais ou menos Cr$ 18.000.000,00 por dia. Calcula-se para São Paulo cinco milhões, dando-se aos demais centros urbanos, capitais, cidades e vilas, o que lhes couber em razão de suas populações, poder aquisitivo e preferências de jogos, uma base de 12 milhões de cruzeiros. O volume, em dinheiro, movimentado diàriamente, só para o jôgo do bicho, sobe a muitas dezenas de milhões de cruzeiros. A isso acrescente o dinheiro que vai para outros jogos carteados e aquela importância tornar-se-á ainda maior.

O velho Barão de Drumond, quando inventou o jôgo do bicho, longe estava de supor que êle se transformaria numa perigosa arma, capaz de vencer governos... Dizem os antigos, que a extração no tempo do Barão era assim: o Barão enrolava a figura do bicho num lençol e à tarde, aos olhos da multidão, o descobria. Êle sabia qual o animal que seria premiado, porém, seus auxiliares ignoravam a sorte. O primeiro bicho contemplado foi o camelo. Milhares de vêzes o camelo foi sorteado. Mas, por causa do jôgo do bicho, milhares e milhares de chefes de famílias já passaram pela cadeia. Presos, incontinente, são substituídos por outros, pois não faltam candidatos ao trabalho à margem da lei. Prendem as piabas e deixam soltos os tubarões, no caso, os banqueiros. O próprio juiz Irineu Joffily, declarou:

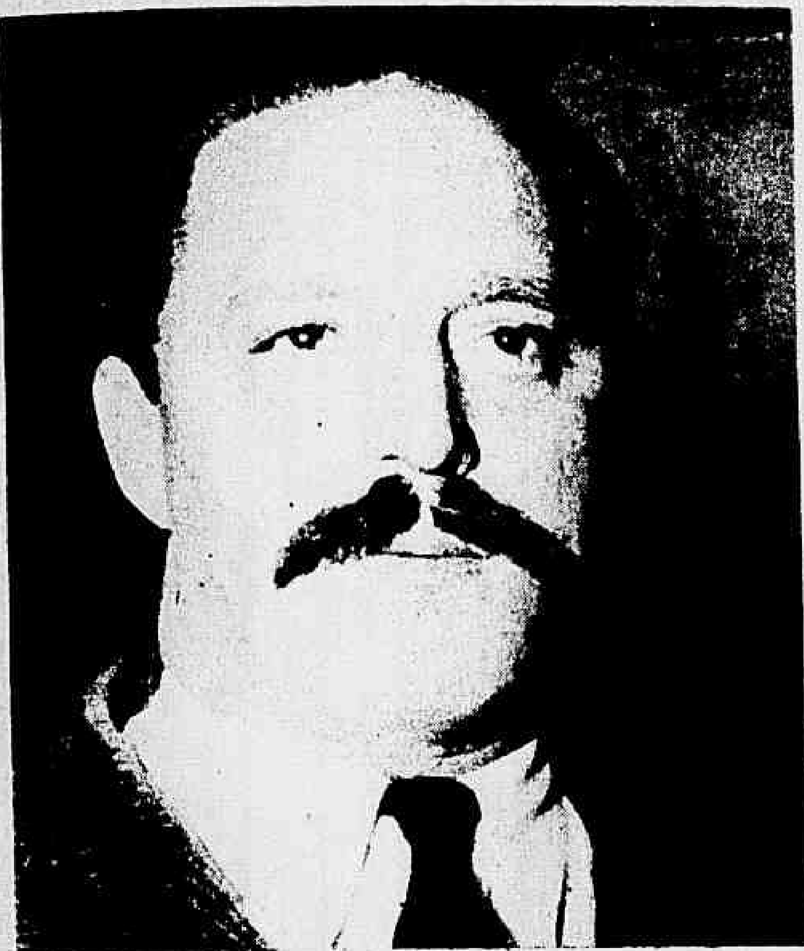
— Em tôda a minha vida de Juiz, na Vara de Contravenção, jamais vi um banqueiro sentar-se no banco dos réus.

O famoso e poderoso Arlindo Pimenta, cabo eleitoral do P.S.D., cumpriu pena por crime de homicídio e nunca por contravenção, isto mesmo, numa enfermaria à Praça Mauá.

Há dias, para falar de um caso recente, deu um



Esta famosa fortaleza, na «Vila Rui Barbosa», à rua do Lavradio, funciona às barbas da Polícia Central. É realmente inexpugnável... E como é forte!



Arlindo Pimenta, um forte no jôgo do bicho e que há dias foi fotografado saindo do elevador privativo dos austeros srs. deputados federais.



Neste arquivo policial estão fichadas mais de 25 000 domésticas. Muitas são contraventoras e já foram prêsas em flagrante no jôgo do bicho.



«Não tenho notícia da prisão de nenhum banqueiro do jôgo do bicho» — afirmou o juiz Irineu Joffily, carne de pescoço no cumprimento da lei.

tiro num investigador que prendera um dos seus «bicheiros». E quando tôda a polícia o procurava, ei-lo saindo sorridente do elevador privado dos deputados, no Palácio Tiradentes, sendo fotografado como autêntico representante do povo. Fêz mais: no outro dia estêve no Palácio da Relação para uma entrevista com o Chefe de Polícia.

Outro célebre banqueiro, Lourival Lopes, presidente de um banco, à rua do Ouvidor, está recolhido à prisão, não por ter sido enquadrado nos artigos do jôgo do bicho e sim pelo azar. Um caminhão de sua propriedade, quando transportava um cassino clandestino, da estrada Rio-Petrópolis para um palacete atrás do Joá, sofreu um acidente e os apetrechos foram apreendidos pela polícia. Acontece que êle será sôlto hoje ou amanhã com um indulto.

A história, nestes últimos anos, dá notícia de dois banqueiros encarcerados, nenhum por jôgo de bicho, enquanto, em 1952, cêrca de 1.500 bicheiros foram presos, dos quais 35% condenados pelas três Varas de Contravenção do Distrito Federal.

MANICURES

Existem duas grandes organizações de jôgo do bicho na Capital Federal. Tratam-se de «Niterói» e «Constantino». Cada uma das referidas emprêsas dispõe de mais de 150 bancas espalhadas pelos centros e subúrbios da cidade. Cada banca, por sua vez, tem um determinado número de agentes, os chamados apanhadores de lista que ficam em pontos prefixados. Isto não importa, em absoluto, que bicheiros volantes trabalhem diretamente com o banqueiro, sem a necessidade do elemento intermediário: a banca.

Alguns dos volantes têm um movimento diário de 50 mil cruzeiros, como o Batista, aquêle ancião, com porte de fidalgo, que há anos alimenta os pombos da Avenida Rio Branco, esquina com a rua Almirante Barroso.

Mais de 35.000 pessoas, sendo de destacar milhares de mulheres, principalmente manicures e feirantes, trabalham no jôgo do bicho. O quartel general das manicures-bicheiras, está nas ruas Álvaro Alvim, Cinelândia, 1º de Março, Lapa, Uruguaiana, Carmo, Quitanda e outras ruas centrais. Seguem-se os engraxates.

O bicheiro que trabalha em qualquer casa de negócio, para melhor disfarçar o jôgo, goza de maior conceito entre os banqueiros e clientes, tendo garantias, pois é registrado como comerciário e tem carteira profissional, o que impede a polícia de lavrar o flagrante de vadiagem.

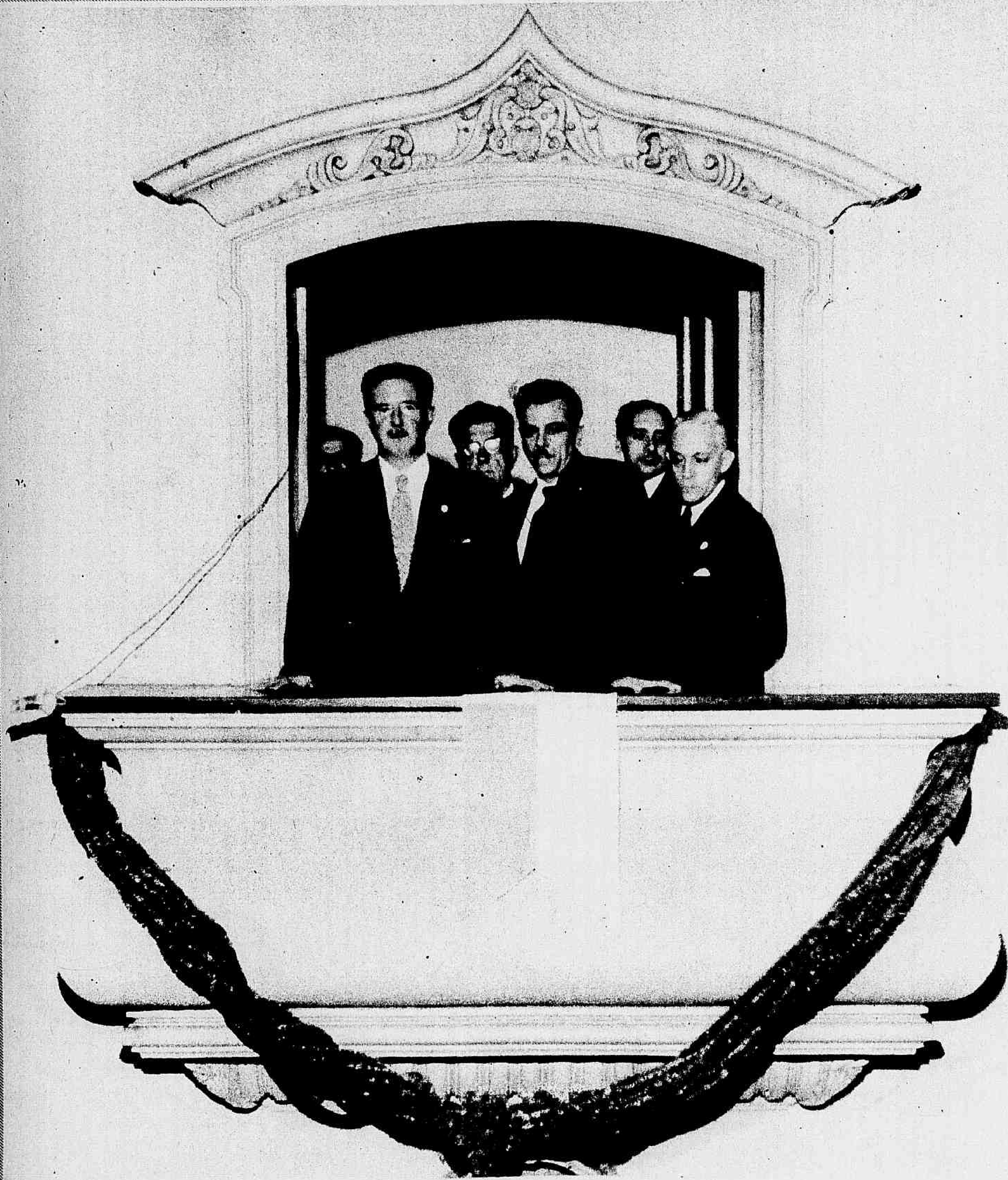
(Cont. na pág. 40)



Bingo também é jôgo de azar e a sua obra de corrupção envolve até colegiais. Mas é obra de caridade nos clubes chics da cidade... Que tal?



Alguns jornais publicam os resultados do jôgo com o objetivo de desmoralizar a polícia. Porém estas notícias são pagas pelos bicheiros



ÚLTIMO FLASH

S. JORGE é um dos mais festejados e queridos santos do nosso agiológio. Êste ano o seu dia, 23 de abril, caiu numa quinta-feira. Fazia bom tempo e o povo acorreu, em massa, à igreja de seu nome, lá na Praça da República, onde o valoroso santo, empunhando a lança redentora, montado em belo corcel, mata o dragão, para alívio dos fiéis. Naquele dia, porém, dentre os que lhe foram render homenagens, destacou-se a figura de um novo devoto, o sr. Ademar de Barros, eminente político paulista e ex-governador do grande Estado. O sr. Ademar de Barros, quando venceu as eleições para chefe do executivo de S. Paulo, a primeira coisa que fêz foi voar até Salvador e ali se prosternou aos pés da imagem do Senhor do Bonfim, agradecendo-lhe os favores recebidos na luta eleitoral bandeirante, o que lhe valeu a cadeira dos Campos Elíseos. Agora, porém, não se sabe se o conhecido industrial e político, veio ao Rio e foi à igreja de S. Jorge, para pagar qualquer promessa, ou assegurar-se, por antecipação, de algum desejo ainda secreto diante do que há de vir na política nacional, vasto campo de operações do nervoso e irrequieto cozinheiro da panela partidária de tôdas as letras e siglas. Não sabemos se o santo foi invocado como S. Jorge ou Ogum; mas, em face das habilidades políticas do sr. Ademar de Barros, é de supor que êle procurou cercá-lo por todos os lados...

MÓVEIS — TAPÊTES — CORTINAS


Projeto da CASA NUNES



Tapêtes e passadeiras

de forração em côres lisas e com flores

Grupos estofados

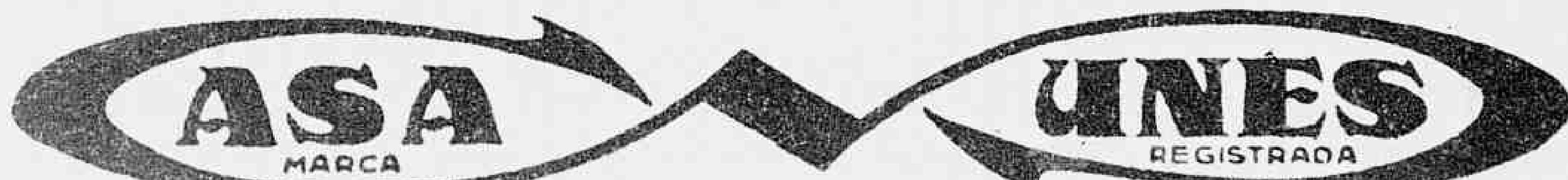
especialidade de nossas oficinas

Tapêtes feitos à mão

de grande beleza e originalidade

PREÇOS QUE ANIMAM A COMPRAR

VENDAS À VISTA E A PRAZO



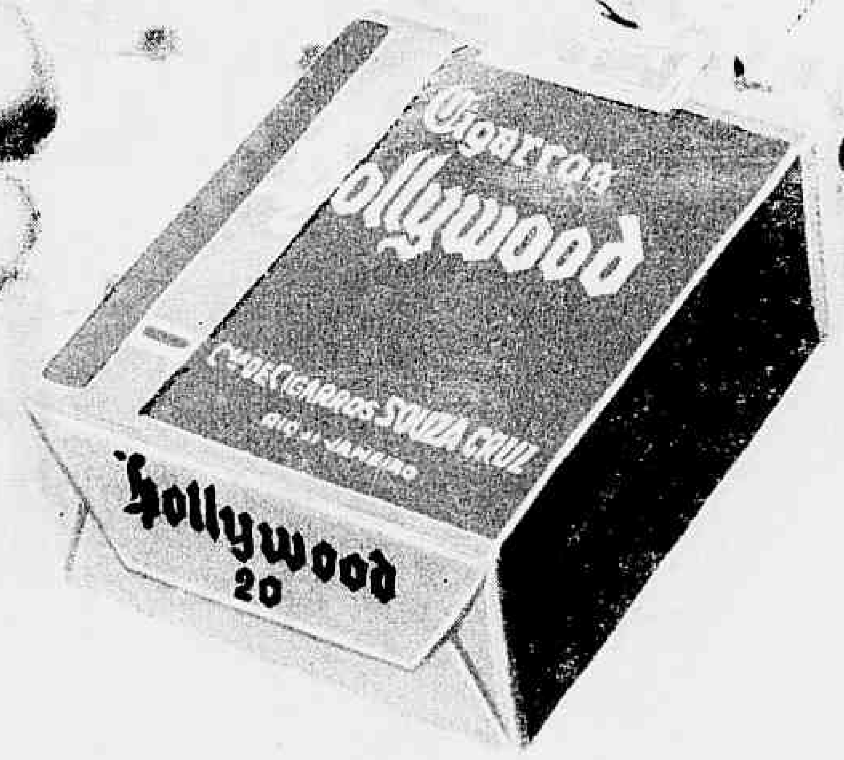
65 - RUA DA CARIOCA - 67 - RIO

GRATIS

Uma tradição de bom gôsto

CIGARROS

hollywood



UM PRODUTO SOUZA CRUZ